

ASPECTOS DO PORTUGUÊS FALADO NA ÁFRICA DO SUL:  
DIACRONIA E SINCRONIA

LUÍS AUGUSTO DE VASCONCELOS LEAL  
B.A. HONS. (RAND), M.A. (P.U.)

Proefskrif voorgelê ter voldoening aan die  
vereistes vir die graad D. Litt. (Portugees)  
aan die Potchefstroomse Universiteit vir  
Christelike Hoër Onderwys

PROMOTOR: Professor M.J.H. du Plessis  
HULPPROMOTOR: Professor M.F. Valkhoff

POTCHEFSTROOM  
1974

## ÍNDICE

|                                                             |    |
|-------------------------------------------------------------|----|
| PREFÁCIO                                                    | vi |
| CAPÍTULO I: OS PORTUGUESES NA ÁFRICA DO<br>SUL: 1485 - 1901 | 1  |
| 1. DE 1485 A 1795                                           | 1  |
| 1.1 Os primeiros navegadores                                | 1  |
| 1.2 Os naufragos portugueses na<br>África do Sul            | 6  |
| 1.3 Os Holandeses no Cabo                                   | 11 |
| 1.4 Os escravos de língua portuguesa                        | 13 |
| 1.5 Mais Portugueses chegam ao Cabo                         | 15 |
| 1.6 Os casamentos luso-sul-africanos                        | 16 |
| 1.7 Os primeiros imigrantes portu-<br>gueses                | 19 |
| 1.8 As visitas de barcos portugueses<br>ao Cabo             | 19 |
| 2. O SÉCULO XIX                                             | 20 |
| 2.1 A ocupação inglesa do Cabo                              | 21 |
| 2.2 O grande "Trek"                                         | 23 |
| 2.3 Os sul-africanos em Lourenço<br>Marques                 | 23 |
| 2.4 As visitas oficiais portuguesas<br>à África do Sul      | 24 |
| 2.5 Os resultados das negociações                           | 25 |
| 2.6 Os primeiros comerciantes portu-<br>gueses no Transval  | 28 |
| 2.7 João Albasini                                           | 29 |
| 2.8 As duas guerras anglo-bóeres                            | 30 |

|                                                                                     |        |
|-------------------------------------------------------------------------------------|--------|
| CAPÍTULO II: A LÍNGUA PORTUGUESA NA ÁFRICA<br>DO SUL: 1652 - 1901                   | 34     |
| 1. A EXPANSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO<br>MUNDO                                      | 34     |
| 1.1 Aspectos históricos                                                             | 34     |
| 1.2 Aspectos linguísticos                                                           | 35     |
| 2. A COLÔNIA PORTUGUESA NA CABO E A SUA<br>LÍNGUA                                   | 44     |
| 2.1 Evidência linguística                                                           | 44     |
| 2.2 Tentativa de reconstrução gramatical do falar crioulo falado no<br>Cabo         | 59     |
| 2.3 Os ataques à língua portuguesa                                                  | 61     |
| 3. O CONHECIMENTO DA LÍNGUA PORTUGUESA<br>POR ESTRANGEIROS                          | 65     |
| 3.1 Os marinheiros e funcionários da<br>Companhia Holandesa das Índias<br>Orientais | 65     |
| 3.2 O século XVII                                                                   | 66     |
| 3.3 O século XVIII                                                                  | 70     |
| 3.4 O século XIX                                                                    | 72     |
| <br>CAPÍTULO III: A PRESENÇA PORTUGUESA NA<br>LÍNGUA AFRICÂNICA                     | <br>74 |
| 1. O LÉXICO PORTUGUÊS EM AFRICÂNICO                                                 | 74     |
| 2. OUTRAS POSSÍVEIS INFLUÊNCIAS EM<br>AFRICÂNICO                                    | 118    |
| 2.1 O monema de posse <u>se</u>                                                     | 120    |
| 2.2 O uso da preposição <u>vir</u>                                                  | 120    |
| 2.3 A reduplicação                                                                  | 121    |

|     |                                                    |     |
|-----|----------------------------------------------------|-----|
| 2.4 | A simplificação da conjugação verbal               | 123 |
| 2.5 | A negativa dupla                                   | 125 |
| 2.6 | Unificação da função gramatical                    | 126 |
| 3.  | INFLUÊNCIAS PORTUGUESAS NO AFRICÂNICO DOS MISTIÇOS | 128 |

|                                                                       |                                     |     |
|-----------------------------------------------------------------------|-------------------------------------|-----|
| CAPÍTULO IV: ALGUNS ASPECTOS SOCIOLÓGICOS E LINGÜÍSTICOS DA IMIGRAÇÃO |                                     | 130 |
| 1.                                                                    | O QUE É A IMIGRAÇÃO                 | 130 |
| 2.                                                                    | OS MOTIVOS QUE CONDUZEM À IMIGRAÇÃO | 133 |
| 3.                                                                    | ADAPTAÇÃO, ASSIMILAÇÃO E INTEGRAÇÃO | 135 |
| 4.                                                                    | ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DA IMIGRAÇÃO  | 139 |

|                                                          |                                                                    |     |
|----------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|-----|
| CAPÍTULO V: OS PORTUGUESES NA ÁFRICA DO SUL: O SÉCULO XX |                                                                    | 151 |
| 1.                                                       | ALGUNS ASPECTOS GERAIS DA IMIGRAÇÃO PARA A ÁFRICA DO SUL           | 151 |
| 2.                                                       | A IMIGRAÇÃO PORTUGUESA PARA A ÁFRICA DO SUL                        | 154 |
| 2.1                                                      | A entrada na África do Sul                                         | 154 |
| 2.2                                                      | Região de naturalidade dos imigrantes portugueses na África do Sul | 159 |
| 2.3                                                      | Proveniência e idade dos imigrantes portugueses                    | 163 |
| 2.4                                                      | Os motivos de imigração                                            | 165 |
| 2.5                                                      | Distribuição regional da população portuguesa na África do Sul     | 168 |
| 2.6                                                      | A emigração portuguesa da África do Sul                            | 171 |

|                                                                                  |                                                                            |     |
|----------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------|-----|
| 3.                                                                               | SITUAÇÃO SOCIO-ECONÔMICA DOS<br>IMIGRANTES PORTUGUESES NA<br>ÁFRICA DO SUL | 171 |
| 4.                                                                               | SITUAÇÃO LINGÜÍSTICA DO IMIGRANTE<br>PORTUGUÊS                             | 179 |
| 4.1                                                                              | Os seus conhecimentos de inglês<br>e de africânico                         | 179 |
| 4.2                                                                              | A situação da língua portuguesa<br>na África do Sul                        | 189 |
| CAPÍTULO VI: INFLUÊNCIAS SUL-AFRICANAS<br>NO FALAR DOS IMIGRANTES<br>PORTUGUESES |                                                                            | 195 |
| 1.                                                                               | EMPRÉSTIMOS LEXICAIS PRÓPRIAMENTE<br>DITOS                                 | 196 |
| 1.1                                                                              | Palavras não-disfarçadas                                                   | 196 |
| 1.2                                                                              | Palavras disfarçadas                                                       | 221 |
| 2.                                                                               | EMPRÉSTIMOS SEMÂNTICOS                                                     | 228 |
| 2.1                                                                              | Traduções literais                                                         | 228 |
| 2.2                                                                              | Falsos amigos                                                              | 230 |
| 3.                                                                               | NUMERAIS                                                                   | 234 |
| 4.                                                                               | APELIDOS                                                                   | 235 |
| 5.                                                                               | ADAPTAÇÃO FONÉTICA DOS EMPRÉSTIMOS<br>LEXICAIS                             | 237 |
| 6.                                                                               | ASPECTOS MORFOLÓGICOS DOS<br>EMPRÉSTIMOS LEXICAIS                          | 239 |
| 6.1                                                                              | A questão do gênero dos substan-<br>tivos                                  | 241 |
| 6.2                                                                              | O plural                                                                   | 244 |
| 6.3                                                                              | Adjectivos                                                                 | 245 |

|     |                                                                                               |     |
|-----|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 6.4 | Verbos                                                                                        | 245 |
| 6.5 | Outras partículas                                                                             | 249 |
| 7.  | ASPECTOS SEMÂNTICOS DOS EMPRÉSTIMOS<br>LEXICAIS                                               | 249 |
| 8.  | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE<br>O LÉXICO LUSO-AMERICANO E O LÉXICO<br>LUSO-SUL-AFRICANO | 258 |
|     | CONCLUSÃO                                                                                     | 262 |
|     | BIBLIOGRAFIA                                                                                  | 264 |
|     | SUMMARY                                                                                       | 275 |

## PREFÁCIO

Qualquer indivíduo de língua portuguesa, que visite a África do Sul pela primeira vez, notará imediatamente que os seus compatriotas aqui radicados falam um português a que ele não está habituado. Em primeiro lugar, usam palavras que lhe são inteiramente desconhecidas; em segundo lugar, dão significados estranhos a outras.

Se a curiosidade do recém-chegado fôr suficientemente grande, ele tentará investigar as causas destas diferenças entre a norma linguística portuguesa e o falar luso-sul-africano. Depois de estudar o inglês e o africânico, línguas que lhe serão necessárias para tal investigação, aperceber-se-á que, se, por um lado, essas divergências em relação à língua padrão resultam de influências inglesas e africanas, por outro lado, o africânico apresenta vestígios de influências portuguesas. É assim que, para poder explicar estes fenómenos, o investigador de factos linguísticos, a quem não falte a coragem, se encontrará, quase mesmo sem o esperar, a estudar outros ramos das Humanidades: a História, a Sociologia, a Psicologia e, às vezes, até a Economia.

Coragem perante todas as dificuldades é, na verdade, o que o investigador destes factos necessita. São várias as razões: a história dos Portugueses na África do Sul encontra-se dispersa por muitos livros

e revistas, alguns deles pouco fidedignos,<sup>(1)</sup> e a presença portuguesa neste país durante os séculos XIX e XX encontra-se ainda por investigar; a língua dos escravos portugueses que vieram para a Colónia do Cabo durante os séculos XVII e XVIII, a qual foi reponsável pelos vestígios de influência portuguesa no africânico, é objecto de polémicas mais pessoais e raciais do que científicas;<sup>(2)</sup> até à data ainda não se fez nenhum estudo sobre o actual falar luso-sul-africano.

- 
- (1) É o caso do trabalho de H.T. Colanbrander De Afkomst der Boeren. Kaapstad, Struik, 1964. A este respeito veja-se Valkhoff, M.F. New Light on Afrikaans and "Malayo-Portuguese". Louvain, Éditions Peeters, 1972, p. 112.
- (2) Muitos têm sido os ataques pessoais àqueles linguistas que aceitam a contribuição do falar destes escravos para a génese do africânico. Enter estes ataques queremos distinguir um recente (Handaaf, Agosto de 1974, p. 4), feito ao Professor Doutor M.F. Valkhoff, que confirma o que acabamos de dizer: "Ewenwel het daar 'n be-roerinkie en 'n paar misvattinge aan die taal-front gekom, en wel ook met die verskyning van 'n boek van 'n politiekerige buitelande, Prof. M. Valkhoff, in enkele kringe glo bekend as iemand met belangstelling vir geeste en nie juis erken as taalwetenskaplike nie. Vir Afrikaans soek hy 'n kreoolse oorsprong."



Foi este estado dos estudos portugueses na África do Sul que convenceu o autor da necessidade de um trabalho de investigação que incluísse toda a história dos Portugueses e da sua língua na África do Sul e que corrigisse algumas das hipóteses tradicionais à luz de novos factos. Todavia, convem que se se note desde já que não foi a intenção do autor nem de se pronunciar sobre as origens da língua africana nem de estudar o falar dos indivíduos de língua portuguesa já nascidos e educados na África do Sul, cujo estado de bilinguismo é mais avançado e, portanto, mais complexo. Cada um destes aspectos necessitaria de um estudo mais profundo que está fora do âmbito deste trabalho.

Resta-nos, por fim, agradecer a todos quantos tornaram possíveis esta obra: ao Professor Doutor M.J.H. du Plessis e ao Professor Doutor M.F. Valkhoff, cujos conselhos nos foram imprescindíveis durante todo o nosso trabalho; ao pessoal da Biblioteca Ferdinand Postma da Universidade de Potchefstroom, bem como ao pessoal da Biblioteca Nacional Sul-Africana; ao sr. J.H. Hatting, director da Maatskappy vir Europese Immigrasie, que nos forneceu estatísticas sobre a comunidade portuguesa na África do Sul; a todos os Portugueses, numerosos demais para mencionar aqui, em cuja convivência tivemos a oportunidade de recolher os elementos que constituem parte do capítulo V e todo o capítulo VI; a minha esposa que dactilografou várias vezes o manuscrito desta obra.

## ABREVIATURAS USADAS

afr. = africânico  
ár. = árabe  
cr. = crioulo  
esp. = espanhol  
gót. = gótico  
gr. = grego  
hol. = holandês  
hol. col. = holandês colonial  
ing. = inglês  
it. = italiano  
lat. = latim  
port. = português  
port. arc. = português arcaico  
prov. = provençal

## TRANSCRIÇÕES FONÉTICAS

Todas as transcrições fonéticas foram feitas segundo os princípios da International Phonetic Association.

## CAPÍTULO I

### OS PORTUGUESES NA ÁFRICA DO SUL: 1485 - 1901

#### 1. DE 1485 A 1795

Os primeiros contactos dos Portugueses com a África do Sul datam da época dos Descobrimentos. Foram também os navegadores portugueses os primeiros europeus a pisarem terra sul-africana.

##### 1.1 Os primeiros navegadores

Em 1485 ou 1486,<sup>(1)</sup> durante a sua segunda viagem de exploração à costa africana, Bartolomeu Dias colocou um padrão no Cabo do Padrão. No ano seguinte

---

(1) Segundo Vasconcelos, A. História de Portugal pela imagem. Porto, Alves & Vasconcelos, s.d. p. 46 e Theal, G.McCall History and ethnography of Africa South of the Zambezi. London, Sonnenschein & Co., 1910, 3 vols., vol. I, p. 202 a data teria sido 1485. De Kock, W.J. Portugese Ontdekkers om die Kaap. Kaapstad, A.A. Balkema, 1957, pp. 85 - 86 afirma que a data foi 1486. Axelson, E. South-East Africa: 1488 - 1530. London, Longmans, 1940, p. 13 dá a data da partida de Bartolomeu Dias como tendo sido 1487.

(1487),<sup>(2)</sup> o mesmo Bartolomeu Dias assentou o padrão de S. Tiago e chegou à Serra dos Reis. Devido a uma tempestade, Dias teve de se afastar de terra e fazer rumo ao sul. Passada a tempestade, fez rumo ao norte e lançou ferro numa bafa, a que deu o nome de Bafa dos Vaqueiros (Mossel Bay). Af, a tripulação viu alguns Hotentotes que se mostraram pouco acolhedores. Quando estes começaram a atirar pedras, Bartolomeu Dias disparou um tiro de arcabuz e matou um deles (Axelson, E. ob. cit., p. 18). Na viagem de regresso, que começou em 1488, Bartolomeu Dias avistou um promontório, a que chamou Cabo das Tormentas. Af, deixou o padrão de S. Filipe. Entre os outros padrões, deixados na África do Sul pela mesma expedição, convem também mencionar o de S. Gregório, que se encontra presentemente na biblioteca da Universidade do Witwatersrand.

Por várias razões, passar-se-iam dez anos antes que a seguinte expedição partisse para o Oriente. Em Julho de 1497 três caravelas e uma nau sob o comando de Vasco da Gama partiram de Lisboa com rumo à Índia. Em Novembro do mesmo ano, chegaram à Bafa de Santa Helena, onde desembarcaram.<sup>(3)</sup> Af, num pequeno desentendimento que houve com os Hotento-

---

(2) Vasconcelos, A. ob. cit., p. 47. Theal, G. McCall ob. cit., vol. I, pp. 204 - 205.

(3) Sanceau, E. A viagem de Vasco da Gama. Porto, Livraria Civilização, 1958, p. 52.

tes, Vasco da Gama ficou ferido numa perna.<sup>(4)</sup> É este o episódio de Veloso que Camões tão bem soube contar nos Lusíadas.<sup>(5)</sup>

Seguindo viagem, Vasco da Gama lançou âncora na Angra de S. Brás (Mossel Bay), onde o contacto com uns 90 Hotentotes foi mais bem sucedido do que fora na Baía de Santa Helena, embora também tivesse havido aí um pequeno desentendimento.<sup>(6)</sup> Foi também Vasco da Gama que deu o nome à actual província sul-africana do Natal, por ser esse o ponto onde se encontrava no dia de Natal. Chegou à Índia a 8 de Maio do ano seguinte.

Poucos meses depois do regresso de Vasco da Gama a Lisboa, começou-se a preparar nova expedição. Esta armada, que era comandada por Pedro Álvares Cabral e constituída por treze navios, partiu de Lisboa com rumo ao Oriente em Março de 1500. Depois de descobrir o Brasil, Cabral prosseguiu para a Índia sem aportar na África do Sul. No en-

---

(4) Theal, G. McCall ob. cit., vol. I, pp. 215 - 218.

(5) Camões, L. Vaz de Os Lusíadas. Porto, Livraria Civilização, 1938, pp. 174 - 175: canto V, estrofes XXX, XXXI, XXXII, XXXIII.

(6) Sanceau, E. ob. cit., p. 56. Theal, G. McCall ob. cit., vol. I, p. 219. Axelson, E. ob. cit., p. 36.

tanto, em 1501 uma das naus da sua armada, comandada por Pedro d'Ataide, ancorou na Angra de S. Brás para reparos de que carecia, em virtude de uma tempestade que a apanhara.<sup>(7)</sup>

No mesmo ano, uma frota comandada por João da Nova foi despachada de Lisboa em Março e visitou a Angra de S. Brás, onde uma carta de Pedro d'Ataide foi encontrada dentro de um sapato velho. Nesta ocasião os Portugueses comerciaram com os Hotentotes e erigiram uma pequena capela que dedicaram a S. Brás.<sup>(8)</sup> Esta foi a primeira igreja construída na África do Sul.

Dois anos mais tarde (1503) uma frota sob o comando de António de Saldanha ancorou numa baía profunda, à qual foi dado o nome de "Aguada de Saldanha" (Serra da Mesa - Table Mountain). Saldanha desembarcou subiu a montanha e comerciou com alguns Hotentotes que apareceram na ocasião. Os Hotentotes desentenderam-se com os Portugueses e seguiu-se uma escaramuça em que Saldanha ficou ligeiramente ferido.<sup>(9)</sup>

---

(7) Theal, G. McCall ob. cit., vol. I, p. 233.

(8) Ibidem, pp. 235 - 236. Axelson (ob. cit., p. 54) menciona a possibilidade da carta ter sido deixada por um Sancho de Toar.

(9) Theal, G. McCall ob. cit., vol. I, pp. 240 - 241. Axelson, E. ob. cit., p. 59.

A partir desta data e por ordens reais, os Portugueses passaram a preferir a ilha de Moçambique como ponto de aguada, e só paravam na África do Sul em casos de força maior. A pouca importância da África do Sul para os Portugueses é compreensível, se atendermos ao facto de que o seu objectivo era o comércio da Índia.

Em 1505, na Baía das Vacas, João de Queirós e quinze tripulantes do navio S. Paulo, ao tentarem obter carne, perderam a vida numa briga com Hotentotes.<sup>(10)</sup>

No mesmo ano uma nau e uma caravela, que procuravam sobreviventes de dois navios naufragados que se presumiam perdidos na costa sul-africana, deixaram dois degredados na região de Mossel Bay com ordens de obterem informações sobre esses naufragos portugueses. Os degredados não só nada conseguiram saber, mas também foram roubados pelos nativos (Axelson, E. ob. cit., pp. 88 - 89). Segundo parece, os dois navios naufragados, a que nos referimos acima, foram os primeiros a perderem-se na costa sul-africana (Axelson, E. Portuguese in South-East Africa: 1488 - 1600. Johannesburg, W.U.P.,

---

(10) Theal, G. McCall ob. cit., vol. I, p. 262.

Axelson, E. (ob. cit., p. 80) situa este episódio em Delagoa Bay, enquanto que Theal pensa que se tenha passado em Flesh Bay. Se dermos razão a Axelson, então a briga foi com Bantos.

1973, p. 107).

Foi também a necessidade de fazer aguada que levou Jorge da Cunha, capitão do navio Madalena, a aportar a São Brás em 1509. Obtida a água necessária para a continuação da viagem, seguiu-se uma escaramuça com os nativos em que nove Portugueses foram feridos, dois dos quais mortalmente (Axelson, E. Portuguese in South-East Africa: 1488 - 1600, p. 11).

Em 1510 D. Francisco d'Almeida, que voltava a Portugal depois de ter desempenhado o cargo de vice-rei da Índia, pereceu às mãos dos Hotentotes na Bafa da Mesa.<sup>(11)</sup> A rixa, em que o vice-rei foi mortalmente ferido, foi causada por um Português que se recusou a pagar por uma vaca o preço desejado pelos nativos. Depois deste desastre, em que perderam a vida 150 Portugueses, só náufragos visitaram a África do Sul.

## 1.2 Os náufragos portugueses na África do Sul

Os anos que se seguiram, de 1552 a 1647, foram trágicos para a navegação portuguesa. Vários são os factores que causaram tantos naufrágios: sobrecargas, más reparações dos cascos - especialmente o uso de madeiras ainda verdes - e partidas fora

---

(11) Theal, G. McCall ob. cit., vol. I, pp. 255 - 257. Axelson, E. South-East Africa, p. 114.



dos tempos aconselháveis para a navegação. Portanto, durante este período, os únicos Portugueses que visitaram a África do Sul foram os naufragos de diversos navios portugueses que soçobraram nos mares sul-africanos. As histórias pungentes desses desastres vêm descritas na História Trágico-Marítima, uma compilação feita no século XVIII por Bernardo Gomes de Brito. Limitamo-nos, pois, a dar aqui um pequeno resumo de cada uma dessas visitas forçadas, sem incluirmos os pormenores dramáticos, às vezes macabros, que esses relatos nos fornecem.

Mais tarde Camões poria na boca do gigante Adamastor as seguintes profecias a respeito dos naufrágios (Os Lusíadas, canto V, estrofes, 43 - 44):

Sabe que quantas naus esta viagem  
Que tu fazes, fizerem, de atrevidas  
Inimiga terão esta paragem,  
Com ventos e tormentas desmedidas!  
E da primeira armada, que passagem  
Fizer por estas ondas insofridas,  
Eu farei de improviso tal castigo,  
Que seja mor o dano que o perigo.

Aqui espero tomar, se não me engano,  
De quem me descobrir suma vingança.  
E não se acabará só nisto o dano  
De vossa pertinace confiança:  
Antes, em vossas naus vereis, cada ano,

Se é verdade o que o meu juízo alcança,  
Naufrágios, perdições de toda a sorte,  
Que o menor mal de todos seja a morte!

Em 1552 naufragou, na costa do Natal, o galeão grande S. João, cuja capitania estava confiada a Manuel de Sousa Sepúlveda. O capitão tencionava mandar construir uma caravela e tentar chegar a Sofala, mas a falta de madeira não lhe permitiu a realização do plano. Depois de passarem algumas semanas na região onde tinham naufragado, os sobreviventes puseram-se a caminho de Moçambique, onde chegaram apenas alguns. No caminho, estabeleceram contacto com diversas tribos bantas. Entre os que pereceram, contam-se Sepúlveda e a sua mulher D. Leonor, "os dous amantes míseros", como lhes chamou Camões (Os Lusíadas, canto V, estrofe 48).<sup>(12)</sup>

Dois anos depois (1554), a nau S. Bento afundou-se perto da foz do rio Umtata. Depois de atravessarem o Natal, os sobreviventes chegaram à Baía d'Algoa, donde foram levados para Moçambique. Du-

---

(12) Theal, G. McCall ob. cit., vol. I, pp. 363 - 368. Axelson, E. Portuguese ... : 1488 - 1600, p. 202 afirma que já no ano anterior (1551) se tinha perdido na região sul do estuário de S. Lúcia a nau S. João de Biscaíno, comandada por Lopes de Sousa.

rante a sua viagem acidentada, estes Portugueses encontraram sobreviventes do galeão S. João. Será interessante notar que, das 322 pessoas que se salvaram do naufrágio da nau S. Bento, só vinte e um ou vinte e dois chegaram a Moçambique.<sup>(13)</sup>

Em Março de 1589 a nau S. Tomé, que vinha de Cochim, afundou-se a cerca de 300 milhas da costa do Transkei. Alguns nobres, que viajavam na nau, foram metidos numa pequena embarcação e, depois de cinco dias de viagem, chegaram ao Cabo de Santa Lúcia. Daf começou uma jornada por terra na direcção de Moçambique, onde, ao fim de muitos meses de tribulação, chegaram apenas alguns (Axelson, E. Portuguese in South-East Africa: 1488 - 1600, pp. 219 - 222).

Em 1593 perdeu-se no mar, a dezasseis quilómetros do rio Umtata, a nau Sto. Alberto. Os sobreviventes (153 Portugueses e 194 escravos) atravessaram a Cafraria e o Natal, tendo tido bastante contacto com a população nativa. Por fim, 117 Portugueses e 65 escravos atingiram a Bafa d'Alagoa. O sucesso da jornada deve-se ao bom comando e à boa organização de Nuno Velho Pereira, que foi eleito ca-

---

(13) Theal, G. McCall ob. cit., vol. I, pp. 369 - 374. Axelson, E. Portuguese ... : 1488 - 1600, pp. 207 - 210.

pitão-mor. (14)

Em 1608 soçobrou no mar do Natal o galeão Santo Espírito. Nada mais se sabe sobre este naufrágio. (15)

No fim de Setembro de 1622 a nau S. João Baptista, que vinha de Goa, foi atacada por dois navios holandeses e afundou-se em águas sul-africanas. Os naufragos foram ajudados por Hotentotes e por Bantos, mas a caminho de Sofala foram atacados a 28 de Julho de 1623. (16)

Em 1630 afundou-se a nau S. Gonçalo na Baía Formosa (Plettenberg Bay) com cento e trinta pessoas a bordo. Parte da tripulação e dos passageiros estava em terra quando o navio naufragou. Durante oito meses, passados na região a construir duas embarcações, os sobreviventes cultivaram hortaliça e negociaram com os Hotentotes a obtenção de gado. (17)

---

(14) Theal, G. McCall ob. cit., vol. I, pp. 383 - 389. Axelson, E. Portuguese ... : 1488 - 1600, pp. 222 - 226.

(15) Axelson, E. Portuguese in South-East Africa: 1600 - 1700. Johannesburg, W.U.P., 1960, p. 196.

(16) Ibidem, pp. 196 - 201.

(17) Ibidem, pp. 201 - 202.

Em 1635, perto do rio Umzimvubu, naufragou a nau Nossa Senhora de Belém. Duzentas e setenta pessoas permaneceram na região, onde, através de um mulato, ali deixado pela tripulação da nau Sto. Alberto e que falava português, conseguiram negociar com os Bantos a compra de algumas provisões. Duas embarcações foram construídas, uma das quais chegou a Angola e a outra, segundo se presume, a Moçambique. (18)

Em 1647 soçobraram, na costa da África do Sul, perto da Baía Alagoa, o galeão Sacramento e a nau Nossa Senhora da Atalaia. Os sobreviventes da nau caminharam na direcção de Zululand, onde encontraram os únicos nove sobreviventes do Sacramento. Daí seguiram todos para Moçambique. (19)

### 1.3 Os Holandeses no Cabo

O início deste grande número de desastres marítimos na segunda metade do século XVI coincide com o começo da decadência do Império Colonial Português que, embora respondendo com maior ou menor tenacidade aos ataques estrangeiros, mostrava cada vez mais sinais de desintegração.

Foi principalmente a partir dos meados do século

---

(18) Ibidem, pp. 203 - 204.

(19) Ibidem, pp. 205 - 207.

XVI que os Franceses e os Ingleses começaram a fazer viagens às costas da Guiné. A uma certa altura, os Portugueses, preocupados com esta ameaça ao seu monopólio, mandaram um embaixador à corte inglesa para tentar obter da rainha uma proibição de tais viagens por súbditos ingleses. No entanto, a rainha recusou-se a decretar tal proibição e as viagens continuaram.

A subida ao trono português de Filipe II de Espanha (1580), com quem a Inglaterra estava em guerra, não favoreceu muito a posição portuguesa. A situação deixava aos corsários ingleses a oportunidade de atacarem os navios portugueses. Por outro lado, a marinha portuguesa ficou ainda mais enfraquecida, quando muitos dos barcos portugueses, que tomaram parte na Armada Invencível, foram destruídos pelos Ingleses.

Foi a viagem de Jan Huygen van Linschoten à Índia a bordo de um navio português (1583) que deu a conhecer à Holanda as riquezas da Índia Portuguesa. Alguns anos depois, quando Filipe II fechou o porto de Lisboa aos Holandeses, começaram a fazer-se preparativos na Holanda para uma expedição à Índia. As tentativas holandesas de expansão foram coroadas de êxito, e em 1652 os Holandeses, que já desde 1605 vinham atacando as possessões portuguesas com bastante sucesso, ocuparam também o Cabo da Boa Esperança sobre o qual, de resto, Portugal nun-

ca tinha exercido domínio efectivo. Esta ocupação tinha como fim o estabelecimento duma estação de aguada que servisse de ponto de reabastecimento aos navios holandeses que viajavam para a Índia. As visitas dos Portugueses à África do Sul, que já nessa altura não eram frequentes, tornaram-se então ainda mais raras. (20)

#### 1.4 Os escravos de língua portuguesa

O estabelecimento de uma estação permanente de aguada no Cabo pela Companhia Holandesa das Índias Orientais fez nascer a necessidade de importação de mão-de-obra. Para suprir essa falta, os Holandeses resolveram importar escravos. Em 1658 (21)

---

(20) Boxer, C.R. The Portuguese Seaborne Empire: 1415 - 1825. London, Hutchinson, 1969, pp. 106 - 127.

(21) Até 1655 só havia no Cabo três escravos. Em Novembro desse ano, Pieter Kemp ofereceu ao governador Van Riebeeck dois escravos, Domingo e Ângela, o que elevou o número a cinco: "Hun getal werd in November 1655 echter tot vijf vermeerderd, toen Pieter Kemp ... twee Bengaalse slaven, Domingo en Ângela, overmaakte aan Van Riebeeck." Blommaert, W. "Het invoeren van den slavernij aan de Kaap." Argief-Jaarboek vir Suid-Afrikaanse Geskiedenis, jrg. 1, d. 1, p. 6.

o navio Amersfoort chegou ao Cabo com 170 escravos capturados a um barco português que fazia carreira entre Angola e o Brasil. Passadas algumas semanas da chegada do Amersfoort, um outro navio - o Hasselt - chegou ao Cabo com 228 escravos provenientes da Guiné. Deste total 398 escravos alguns foram posteriormente enviados para outras partes do Império Colonial Holandês. Muitos dos escravos angolanos fugiram, o que obrigou à importação de escravos de Madagascar e do Sul de Moçambique. (22)

Embora as nossas fontes históricas não façam referência directa à língua que esses escravos africanos falavam, é quase certo que eles falassem uma variedade crioula do português. (23) Assim, podemos concluir que as primeiras pessoas de língua portuguesa que se fixaram na África do Sul foram escravos de Angola e da Guiné.

---

(22) Theal, G. McCall ob. cit., vol. II, pp. 77 - 79. Pattee, R. África do Sul, vizinha de Portugal. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1971, p. 23. Hesselings, D.C. Het Afrikaans, 1923, p. 37.

(23) Doutra maneira não se pode compreender o decreto de Rijklof van Goens (1657) que impunha o uso da língua holandesa no Cabo. Ver o segundo capítulo desta obra.



À medida que a colônia holandesa do Cabo ia obtendo um carácter mais permanente, a necessidade de mão-de-obra ia aumentando. Em 1676 atingiu o Cabo um outro grupo de escravos, desta vez oriundos de Ceilão, região onde, nessa altura, se falava o crioulo português. Não é de duvidar, portanto, que a maioria dos escravos que veio para o Cabo fosse também de língua portuguesa.

A indolência e a incompetência dos colonos brancos do Cabo eram de tal ordem que, durante os séculos XVII e XVIII se continuaram a importar para o Cabo, em quantidades variáveis e imprecisáveis, escravos do Oriente, até que em 1767 se proibiu por completo a sua importação.<sup>(24)</sup> Vinham das mais diversas regiões da Ásia: da costa do Malabar, da costa do Coromandel, de Ceilão, de Java, de Bali, de Macassar, de Ternate, de Bengala, etc.<sup>(25)</sup> Desta maneira se foi constituindo, a pouco e pouco, a comunidade portuguesa do Cabo.

#### 1.5 Mais Portugueses chegam ao Cabo

---

(24) Pattee, R. ob. cit., pp. 28 - 29. Valkhoff, M.F. Studies in Portuguese and Creole with special reference to South Africa. Johannesburg, W.U.P., 1966, p. 186.

(25) Franken, J.L.M. Taalhistoriese Bydraes. Kaapstad, Balkema, 1953, pp. 41 - 79.

Em 1686 a comunidade portuguesa no Cabo aumentou inesperadamente. O navio Nossa Senhora dos Milagres, que vinha do Oriente, trazendo a bordo embaixadores do Sião para a corte do rei de França, naufragou entre o Cabo Agulhas e o Cabo Falso. Dos 200 sobreviventes, só 82 Portugueses chegaram à Colônia do Cabo. Alguns desses sobreviventes, todos marinheiros, pediram para entrar ao serviço da Companhia Holandesa das Índias Orientais. Não se sabe, porém, se ficaram no Cabo, mas é provável que alguns aí tenham permanecido. (26)

#### 1.6 Os casamentos luso-sul-africanos

Em 1656 realizou-se o matrimônio do holandês Jan Woutersz com a escrava Catarina de Bengala. Este casamento tem para nós grande interesse histórico, visto ter sido o primeiro a ser contraído no Cabo entre um indivíduo de língua holandesa e um de língua portuguesa.

Dois anos depois (1658), o cidadão Jan Sacharias de Amersterdão, de 26 anos de idade, casou com Maria de Bengala, de 20 anos de idade, que fora escrava do "zieckentrooster" (lit. "confortador de doentes" - espécie de pregador laico) Pieter van der Stael (Hesseling, D.C. Het Afrikaans, 1923,

---

(26) Axelson, E. Portuguese ... : 1600 - 1700, pp. 207 - 208.

p. 40).

Dezassete anos depois da fundação da Colônia do Cabo, isto é em 1669, o cidadão Arnoldus Basson casou com a escrava Ângela de Bengala que era com certeza de língua portuguesa, visto que vinha de uma região onde se falava português (Bengala) (Hesseling, D.C. Het Afrikaans, 1923, p. 37). Deste matrimônio houve sete crianças.

Em 1712 dá-se o casamento da escrava Catarina que, pela sua proveniência (Colombo - Ceilão), podemos supor ter sido de língua portuguesa, com o cidadão sul-africano Gerrit Augustinus Vermaak. Desta união houve só um descendente e, dois anos depois, Vermaak voltou a casar-se, desta vez com uma holandesa de nome Sophia van Neck.

Um outro casamento luso-sul-africano realizou-se em 1778 entre o cidadão sul-africano Hendrik Willem du Plooi e a escrava Regina de Bengala. Deste matrimônio houve três descendentes.

Em 1782 dá-se o casamento do cidadão Jacobus Matthias Kluijsman com a escrava de língua portuguesa Hendrina Johanna de Bengala. Este casal teve três crianças.

O último casamento entre um cidadão sul-africano e uma escrava de língua portuguesa, de que temos

notícia, teve lugar em 1798 entre Johan Christoffel Hitzeroth e Hester Catharina Antónia de Surate. Desta união houve dois descendentes.

Além destas uniões legais, houve muitos casos de concubinação entre cidadãos do Cabo e escravas de língua portuguesa. As causas desta concubinação estavam, em primeiro lugar, na falta de mulheres brancas e, em segundo lugar, como disse o comissário-geral H.A. van Rhee, na pobreza das escravas as quais se vendiam por um vestido ou por um cobertor. Apesar de várias proibições, a concubinação entre os colonos brancos e as escravas continuou. Os casos de concubinação entre brancas e negros eram mais raros. (27)

- 
- (27) Sobre os casamentos luso-sul-africanos veja-se o pouco fidedigno Colenbrander, H.T. De Afkomst der Boeren. Kaapstad, Struik, 1964, pp. 20 - 21, 36 - 37, 82 - 83, 84 - 85. Sobre a concubinação no Cabo vejam-se Boxer, C.R. The Dutch Seaborne Empire. London, Hutchinson, 1965, pp. 263 - 266 e especialmente Valkhoff, M.F. New Light on Afrikaans and Malayo-Portuguese. Louvain, Éditions Peeters, 1972, pp. 99 - 118.

Não é impossível que estes casamentos tenham sido, como no Ceilão (Boxer, C.R. The Dutch Seaborne Empire, pp. 221 - 222), uma tentativa de imitar o padrão português de colonização.

### 1.7 Os primeiros imigrantes portugueses

O primeiro verdadeiro imigrante português que veio estabelecer-se na África do Sul chegou ao Cabo em 1722. Chamava-se Inácio Ferreira e era natural de Lisboa. Treze anos mais tarde, no dia 6 de Novembro de 1735, casar-se-ia com uma senhora natural do Cabo, de nome Martha Terblans. Do matrimónio, que foi o tronco dos Ferreiras sul-africanos, houve dez filhos.<sup>(28)</sup>

Do segundo verdadeiro imigrante português, um indivíduo chamado Manuel João d'Oliveira, pouco conhecemos. Ao certo, sabemos que, a 11 de Maio de 1795, se casou com a cidadã do Cabo Gesina van Blerk, o que nos leva a concluir que deva ter chegado à África do Sul antes dessa data.<sup>(29)</sup>

### 1.8 As visitas dos barcos portugueses ao Cabo

Para completar este período da história dos Portugueses na África do Sul, resta-nos referir os contactos mais ou menos superficiais entre os Portugueses e o Cabo, proporcionados pelos barcos portugueses que em quando, atracavam nesse porto.

Analisemos a tabela que indica o número de visitas

---

(28) Colenbrander, H.T. ob. cit., pp. 44 - 45.

(29) Ibidem, pp. 94 - 95.

que os barcos portugueses fizeram ao Cabo entre 1672 e 1789:<sup>(30)</sup>

| <u>Período</u>              | <u>Nº de barcos</u> |
|-----------------------------|---------------------|
| 1672 - 1700                 | 3                   |
| 1726 - 1750 <sup>(31)</sup> | 1                   |
| 1751 - 1771                 | 1                   |
| 1772 - 1780                 | 9                   |
| 1781 - 1784                 | 8                   |
| 1785 - 1789                 | 29                  |

Tab. I - As visitas dos barcos portugueses ao Cabo

## 2. O SÉCULO XIX

A história dos Portugueses na África do Sul está intimamente ligada à história das tentativas bóeres para obterem um porto por onde pudessem escoar os seus produtos. Mas quem eram os Bóeres?

Depois do estabelecimento da Colónia do Cabo por Jan van Riebeeck com uma centena de pessoas, poucos foram os imigrantes que vieram imediatamente para a Colónia, além dos escravos que já mencionámos.

---

(30) Theal, G. McCall ob. cit., vol. II, p. 371 e vol. III, pp. 13, 101 - 102, 151 e 195.

(31) Para o período de 1700 a 1726 não nos foi possível encontrar estatísticas.

Durante o governo de Simon van der Stel (1679 - 1699) houve grande incremento na imigração para o Cabo, sendo estes imigrantes especialmente holandeses e alemães. A imigração para o Cabo foi grandemente facilitada pela revogação do Édito de Nantes que obrigou dezenas de huguenotes a imigrarem. Segundo Colenbrander (ob. cit., p. 11), das 1391 pessoas que imigraram para o Cabo entre 1657 e 1795, cuja nacionalidade é conhecida, 745 eram alemães, 434 holandeses, 72 franceses, 34 suíços, 29 dinamarqueses, 27 suecos, 23 belgas, 9 noruegueses, 8 russos, 3 ingleses, 2 portugueses, 2 austríacos, 1 polaco, 1 italiano e 1 húngaro. Dos casamentos entre estes indivíduos das mais diversas nacionalidades um novo, os Bóeres, ou como eles hoje preferem ser chamados, Africânderes. A respeito da identidade do povo africânder diz Pattee (ob. cit., p. 96):

"Os Africânderes não representam uma nacionalidade europeia que mudou para outras terras, a fim de viver sob outros céus. Na sua fusão criaram uma raça e a África do Sul é o seu único lar."

## 2.1 A ocupação inglesa do Cabo

A Inglaterra, que já tinha ocupado o Cabo em 1795, voltou a ocupá-lo em 1806, desta vez sem mostrar intenções de o abandonar. Esta ocupação pôs fim a mais de 150 anos de soberania holandesa. Pouco depois desta segunda ocupação, vieram estabelecer-

-se no Cabo quase cinco mil colonos ingleses, escoceses e irlandeses (1820).<sup>(32)</sup>

A ocupação inglesa do Cabo provocou grande descontentamento entre os descendentes dos Holandeses (Bóeres ou agricultores), tanto mais que eles consideravam o regime inglês como uma ameaça às suas liberdades pessoais.<sup>(33)</sup>

A abolição, em 1834, da escravatura,<sup>(34)</sup> que era a base da economia bóer, provocou ainda mais descontentamento e levou os Bóeres a abandonarem os limites geográficos da colónia inglesa do Cabo. Na véspera da sua partida (1836), apresentaram os motivos das suas queixas:<sup>(35)</sup> a supressão da sua

---

(32) Marquard, L. The peoples and policies of South Africa. London, O.U.P., 1962, p. 8. Pattee, R. ob. cit., p. 32.

(33) Marquard, L. ob. cit., p. 8. Os Bóeres já desde o princípio do século XVIII se tinham deixado de considerar holandeses. Em 1707 dizia Hendrik Bibault: "Ek ben een Africaander" (Eu sou um africânder).

(34) Ibidem, p. 9. Esta abolição pode considerar-se como o resultado directo das ideias humanitárias propagadas pela London Missionary Society, pela Wesleyan Society e pela Glasgow Society (Pattee, R. ob. cit., p. 37).

(35) Marquard, L. ob. cit., p. 10.



língua e das suas instituições; a abolição da escravatura; e a indiferença do governo colonial inglês perante os ataques que lhes eram infringidos pelos Cafres.

## 2.2 O grande "trek"

Entre 1836 e 1846, cerca de 10 000 Bóeres<sup>(36)</sup> deixaram a colónia do Cabo e imigraram para o Norte, onde constituíram as suas próprias repúblicas democráticas. Estas eram em 1857 cinco e tinham as capitais em Bloemfontein, Pretória, Utreque, Lydenburgo e Zoutpansberg (Pattee, R. ob. cit., p. 49). A independência das duas maiores repúblicas bóeres, o Transval e o Estado Livre de Orange, foi reconhecida pela Grã-Bretanha respectivamente em 1852 (Convenção de Sand River) e em 1854 (Convenção de Bloemfontein).

## 2.3 Os sul-africanos em Lourenço Marques

Apesar de simples, os Bóeres não deixavam de compreender que a sua independência dependia da disponibilidade de um porto de mar, por onde pudessem exportar os seus produtos e importar aqueles que não fabricavam. Assim começaram por tentar negociar com os Portugueses a utilização do porto de Lourenço Marques para substituir o uso dos portos

---

(36) Ibidem, p. 10.

do Natal e do Cabo, que nessa altura se encontravam sob o domínio britânico.

Várias expedições foram a Lourenço Marques para tentar finalizar com os governadores portugueses um acordo que permitisse aos Bóeres a utilização do porto daquela cidade. A primeira foi a de Carel Trichardt em 1839.<sup>(37)</sup> Em 1844 uma nova expedição, desta vez comandada por Andries Hendrik Potgieter de Potchefstroom, chegou a Lourenço Marques.<sup>(38)</sup> No ano seguinte (1845) e em 1850,<sup>(39)</sup> Carel Trichardt voltou a Lourenço Marques. Nenhuma destas expedições conseguiu chegar a acordo com as autoridades portuguesas.

#### 2.4 As visitas oficiais portuguesas à África do Sul

Por seu lado, os Portugueses, embora não muito entusiasmados com a ideia de abrirem o porto de Lourenço Marques aos Bóeres, enviaram três delegações à África do Sul. A primeira, chefiada por Joaquim Carlos de Andrade e constituída por F.J. de Mattos

---

(37) De Vaal, J.B. "Die rol van João Albasini in die geskiedenis van die Transvaal." Argief-Jaarboek vir Suid-Afrikaanse Geskiedenis, jrg. 1, d. 1, p. 6.

(38) Ibidem, p. 6.

(39) Ibidem, p. 16.

e G.G. Castellão, chegou a Ohrigstad a 24 de Agosto de 1850. Os Portugueses avistaram-se com uma comissão sul-africana constituída por A.F. Spies, C. Potgieter, P.J. Coetzer, H.T. Bührman e Carel Trichardt.<sup>(40)</sup> A segunda delegação, formada pelo padre Joaquim de Santa Rita Montanha e pelo tenente António de Sousa Teixeira, acompanhados por alguns soldados, chegou à África do Sul em 1855.<sup>(41)</sup> A terceira expedição portuguesa, da qual faziam parte os tenentes Fernando da Costa Leal e Carlos Pedro Barahona e pelos irmãos António e Alberto de Paiva Rapozo, esteve em Potchefstroom no ano de 1869.<sup>(42)</sup>

## 2.5 Os resultados das negociações

Conforme já dissemos, estas tentativas de estabelecimento de relações comerciais entre Portugal e as Repúblicas Bóeres nunca conduziram a muito.<sup>(43)</sup> Queixa-se o historiador sul-africano D.W. Krüger: "Die plaaslike Portugeuse Goewerneurs het nie die

---

(40) Krüger, D.W. "Die weg na die see." Argief-Jaarboek vir Suid-Afrikaanse Geskiedenis, jrg. 1, d. 1, p. 118.

(41) De Vaal, J.B. ob. cit., p. 22 - 23.

(42) Haasbroek, D.J.P. Die Geskiedenis van Potchefstroom: 1838 - 1881. M.A. verhandeling, P.U. vir C.H.O., 1955, pp. 58 - 60.

(43) Krüger, D.W. ob. cit., p. 125.

wwarde ingesien van die instandhouding van ekonomiese bande met die Boere ... "(44)

Todavia, o problema perante o qual os Portugueses se encontravam não era tão simples como imagina este historiador sul-africano. O escritor português Francisco Bordalo descreveu muito bem a posição portuguesa em 1859:

"Têm [os boeres] diligenciado infrutíferamente obter um porto de mar na costa oriental da África, para poderem exportar os produtos do seu país, a saber: aguardente, vinho, frutas secas, peles curtidas, marfim, pontas de abada (fêmea do rinoceronte), dentes de cavalo marinho, grandes chifres de boi e de búfalo, tábuas, manteiga, queijos, urizela, salsaparrilha, trigo, tabaco e carne salgada ...

Estes povos semi-bárbaros não estão no caso de serem considerados como aliados fiéis, e portanto a sua aproximação dos presídios portugueses pode tornar-se nociva, atenta as pequenas guarnições que têm as nossas fortalezas ... "(45)

---

(44) Ibidem, p. 135: "Os governadores portugueses locais não viam a vantagem da manutenção de relações económicas com os Bóeres ... "

(45) Citado em Rocha Martins História das Colónias Portuguesas. Lisboa, 1933, p. 275.

Um tratado de relações comerciais entre Portugal e o Transval foi finalmente assinado em 1869, mas só depois do presidente M.W. Pretorius do Transval ter anunciado, à laia de ameaça, as suas perensões a uma parte de Lourenço Marques (1868).<sup>(46)</sup>

Um segundo tratado entre Portugal e a República do Transval foi assinado mais tarde em Lisboa, quando o presidente Thomas Francis Burgers do Transval esteve de passagem na capital portuguesa (1875). Segundo este tratado, a República do Transval podia usar livremente as facilidades de Lourenço Marques.

Esta vitória obtida pelo governo transvaliano não resolvia ainda todos os problemas económicos do país. O uso do porto de Lourenço Marques, sem que houvesse vias de comunicação entre Pretória e aquele porto, não interessava. Por esta razão, se começou a pensar na construção de uma linha férrea que ligasse as duas cidades. Em 1884 o governo do presidente Kruger pediu ao engenheiro português major Joaquim Machado que fizesse o planeamento da linha férrea. Feito este, iniciou-se a sua construção e, a 20 de Outubro de 1894, inaugurou-se o serviço ferroviário entre as duas cidades. Reconhecido pelos serviços deste engenheiro, o governo transvaliano deu o nome de Machado a uma aldeia sul-africana: Machadodorp (Wood, V.C. "Ons

---

(46) Krüger, D.W. ob. cit., p. 187.

em Portugal", Lantern, 1964 - 1965, d.14, p. 101).

## 2.6 Os primeiros comerciantes portugueses no Transval

Se o governo português tinha as suas reservas quanto às relações com as Repúblicas Bóeres, os comerciantes portugueses, aproveitando-se da necessidade em que os Bóeres se viam, não hesitavam em imigrar para a África do Sul. Alguns estabeleceram aqui negócios muito prósperos.

Foi em Schoemansdal - cidade estabelecida em 1853 e abandonada em 1867 - que viveu a maior parte desses comerciantes. Foram eles os imigrantes portugueses que o Transval conheceu: João Albasini, Casimiro Simões, Brás Piedade Pereira, Jacob de Couto, Augusto de Carvalho, M.M. de Gama, L.M. Nunes, H.B. Pinto e António de Paiva Rapozo.<sup>(47)</sup>

Alguns deles distinguiram-se na história da África do Sul. J.C. de Couto, L.M. Nunes e B.P. Pereira, por exemplo, tomaram parte na guerra contra o chefe banto Mawewe (1862).<sup>(48)</sup> Brás Pereira, que era natural de Macau, foi das primeiras pessoas a abrir uma loja em Pretória (1860).<sup>(49)</sup> Mas de to-

---

(47) De Vaal, J.B. ob. cit., p. 127.

(48) Ibidem, p. 63.

(49) Wood, V.C. ob. cit., pp. 96 - 103.

dos estes Portugueses o que mais se distingui foi talvez João Albasini.

## 2.7 João Albasini

João Albasini nasceu em Lisboa no dia 1 de Maio de 1813, filho de pai italiano e de mãe espanhola.<sup>(50)</sup> Em 1831 foi para Lourenço Marques, onde se dedicou ao comércio.<sup>(51)</sup> Em 1845, depois de várias visitas à África do Sul, resolveu estabelecer-se neste país, em Makashulaskraal, num terreno que comprara a um chefe nativo.<sup>(52)</sup> Em 1850 fixou-se em Lydenburg, onde a 6 de Março se casou com uma senhora sul-africana de origem holandesa, Maria Petronella Janse van Rensburg, a qual lhe deu nove filhos.<sup>(53)</sup>

Foi talvez porque João Albasini adquiriu tanto prestígio junto dos Bóeres e também a confiança dos nativos que o governo português o nomeou vice-cônsul de Portugal na República Sul-Africana (Transval).<sup>(54)</sup>

Como vice-cônsul, Albasini teve dois secretários

---

(50) De Vaal, J.B. ob. cit., p. 4.

(51) Ibidem, p. 4.

(52) Ibidem, p. 7.

(53) Ibidem, p. 16.

(54) Ibidem, p. 40.

portugueses. O primeiro, Jacob Christovão do Couto, que se casou com uma menina sul-africana de apelido Du Plooy e que trabalhou com Albasini até 1862; o segundo, Henrique Borges Pinto, fez serviço no consulado entre 1864 e 1866. Estes secretários eram pagos pelo próprio Albasini, que, para esse fim, nunca recebeu nenhum subsídio do governo português.<sup>(55)</sup>

Albasini, que também foi responsável pelo estabelecimento do primeiro serviço postal entre Lourenço Marques e Zoutpansberg - serviço esse que também pagou do seu bolso<sup>(56)</sup> - veio a falecer no dia 10 de Julho de 1888 na sua quinta de Goedewensch, onde está sepultado.

## 2.8 As duas guerras anglo-bóeres

O papel dos Portugueses na história da África do Sul não termina aqui. A independência das duas repúblicas bóeres não tinha feito perder à Grã-Bretanha as esperanças de vir um dia a integrar estes dois territórios no seu Império. Em 1877 Sir Theophilus Shepstone, em nome do Governo Imperial Britânico, dirigiu-se a Pretória, onde convenceu a maioria do Volksraad (Parlamento) transvaliano a aceitar o domínio britânico, prometendo

---

(55) Ibidem, p. 43.

(56) Ibidem, pp. 43 - 44.



para breve o estabelecimento de um governo responsável. Quando este governo não foi estabelecido, os Bóeres revoltaram-se e venceram os Ingleses na batalha de Majuba Hill (1880). Pela Convenção de Pretória, a Grã-Bretanha reconhecia mais uma vez a independência do Transval, mas reservava para si própria o direito de vetar a política externa do Transval. (57)

No entanto, não era ainda que a Inglaterra abandonava os seus desígnios expansionísticos. A oportunidade de intervir nos negócios do Transval apresentou-se em 1899, quando aos estrangeiros (Uitlanders) que tinham vindo explorar o ouro transvaliano foi negado o direito de voto pelo presidente Kruger do Transval. A Inglaterra, que já em 1895 tinha favorecido uma revolta armada dos Uitlanders (Jameson Raid), desta vez enviou tropas para a África do Sul. Em Outubro do mesmo ano, quando a Inglaterra se recusou a retirar as suas tropas, rebentou a segunda guerra anglo-bóer. (58)

Muitos estrangeiros puseram o seu saber e a sua força à disposição das tropas bóeres. Entre eles encontravam-se alguns Portugueses que também tomaram parte nas hostilidades ao lado dos Bóeres. Nos registos da Cruz Vermelha (Mortos e Feridos) refe-

---

(57) Marquard, L. ob. cit., p. 17.

(58) Ibidem, pp. 18 - 20.

rentes à segunda guerra anglo-boer, que estão guardados em Pretória no Arquivo Nacional Sul-Africano, encontrámos os seguintes nomes portugueses:

1. Joaquim Nunes Zeipeira, um brasileiro de 25 anos de idade, que combateu no comando do coronel russo Eugene Marinoff.<sup>(59)</sup>
2. A. Pereira.<sup>(60)</sup>

Em 1901, ao terminar da segunda guerra anglo-bóer, com o Transval derrotado, muitos dos voluntários estrangeiros, que tinham lutado ao lado dos Bóeres, foram enviados para Portugal. Entre eles encontravam-se três Portugueses:<sup>(61)</sup>

1. José Percheiro.
2. Manuel Rabasal.
3. António da Rita.<sup>(62)</sup>

Entretanto durante o período da segunda guerra anglo-bóer, encontravam-se registados Província do Cabo 118 Portugueses (Pattee, R. ob. cit., p. 113).

---

(59) Registos da Cruz Vermelha (Mortos e Feridos), maço 84.

(60) Registos da Cruz Vermelha (Mortos e Feridos), maço 82, p. 62.

(61) Wood, V.C. ob. cit., p. 103.

(62) Devemos a informação sobre os nomes destes três Portugueses ao senhor O.J.O. Ferreira do Raad vir Geesteswetenskappe (Secção de História).

Sobre o partido tomado por estes Portugueses nas hostilidades entre a Grã-Bretanha e os Bóeres nada sabemos, mas é provável que se tenham mantido alheios ao conflicto.

Com a segunda guerra anglo-bóer, que terminou com a paz de Vereeniging, termina também a intervenção portuguesa na história da África do Sul do século XIX.

## CAPÍTULO II

### A LÍNGUA PORTUGUESA NA ÁFRICA DO SUL: 1652 - 1901

#### 1. A EXPANSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO

##### 1.1 Aspectos históricos

Depois que os monarcas portugueses da primeira dinastia alargaram e consolidaram o território português metropolitano, a expansão portuguesa na Europa podia ser considerada, por assim dizer, completa. Restava a hipótese de expansão para terras de Espanha, desejo de muitos reis portugueses e aventura que D. Fernando veio a empreender mas com trágicos resultados. Estes, porém, não fizeram enfraquecer os sonhos lusos de expansão.<sup>(1)</sup>

Com a subida de João I ao trono de Portugal aumen-

---

(1) Leal, L.A. A student's guide to Portuguese History. Potchefstroom, Pro Rege, 1973, p. 93. Saraiva, A.J. e Lopes, O. História da Literatura Portuguesa. Porto, Porto Editora, s.d., pp. 91 - 92 fazem uma pequena mas interessante análise sócio-económica do declínio do poder feudal, da crise dinástica provocada pela morte de D. Fernando e do consequente desenvolvimento da burguesia, a qual tinha tomado o partido de D. João de Avis.

tou a influência da burguesia e abriram-se novas perspectivas. A sugestão de João Afonso da Azambuja de se atacar Ceuta colocaria Portugal no caminho de um grande e glorioso desenvolvimento expansionista.

A data de 1418 - que é a do estabelecimento do Infante D. Henrique em Sagres - é também a do começo das aventuras marítimas portuguesas, que viriam a ser coroadas de êxito, ainda nesse mesmo ano, com a descoberta da ilha da Madeira.<sup>(2)</sup> Pelos fins do século XV, Portugal dominava já toda a costa ocidental da África. O ano de 1498 marcou o início do Império Português do Oriente e 1500 a extensão desse Império às Américas.<sup>(3)</sup>

## 1.2 Aspectos lingüísticos

A história da colonização portuguesa é também a história da expansão da língua portuguesa no mundo.<sup>(4)</sup> Desde muito cedo, na história da coloniza-

---

(2) Leal, L.A. ob. cit., p. 94.

(3) Ibidem, pp. 115 - 116.

(4) Schuchardt, H. "Beiträge zur Kenntnis des Kreolischen Romanisch", (V), "Allgemeineres über das Indoportugiesische (Asioportugiesische)", Zeitschrift für romanische Philologie, 13 (1889), pp. 476 - 524. Esta opinião vem expressa na página 477 do referido artigo.

ção portuguesa (século XV), a língua portuguesa começou a ser falada nas costas da África, em forma gramatical e lexicalmente muito reduzida, como língua de comércio ("pidgin"), através da qual todas as transacções eram efectuadas.

O linguista americano Robert A. Hall jr. descreve a génese dos "pidgins" da seguinte maneira:<sup>(5)</sup>

"From the fifteenth century onwards attestations of pidginized languages begin to multiply. Everywhere the West European went, he seems to have adopted the same linguistic behaviour towards the natives of the territories. The European was normally too sure of the superiority of his culture to deign to take any interest in the indigenous languages; so the native had to do his best to make himself understood to the newcomer in what he could pick up of the latter's tongue. Naturally, his first attempts at talking Portuguese, Spanish, French or English would be halting. At this point, the European, (whether explorer, sea-captain, trader or sailor) would assume that the native's incomplete efforts at speaking the European's language were due, not to insufficient practice, but to inherent mental inferiority. So the European would conclude that it was useless to use good language to the native and would reply to him

---

(5) Hall jr., R.A. Pidgin and Creole Languages.  
New York, Cornell University Press, 1966, p. 6.

in a replica of the latter's incomplete speech, adding also some of the patterns of baby-talk commonly used by mothers and nurses in his own country. The aboriginal not knowing any better would assume that this was the white man's real language and would delight in using it ... He would also carry over into the new pidgin various habits of his own native language, not only in pronunciation but also in grammatical forms and syntax and of course in vocabulary."

A definição de "pidgin" dada pelo Professor M.F. Valkhoff confirma o processo genético descrito por Hall:<sup>(6)</sup>

"Pidgin is an emergency language, begun in circumstances when people of different tongues looked for and created an easy means of understanding each other. Two conditions were then met: the grammatical structure and the vocabulary of the new language were sharply reduced, and usually the latter was not native to any of those who started to use it."

Desta definição pode concluir-se que os "pidgins" apresentam duas características principais. Em primeiro lugar, não são a língua materna dos que

---

(6) Valkhoff, M.F. New Light on Afrikaans and Malayo-Portuguese. Louvain, Éditions Peeters, 1972, p. 30.

os começam a falar. Em segundo lugar, são caracterizados por uma estrutura gramatical e por um vocabulário muito reduzidos. Normalmente este vocabulário só possui entre 700 e 1 500 palavras.<sup>(7)</sup>

Uma vez estabelecida na África como língua comercial ("pidgin"), a língua portuguesa foi levada nessa mesma forma por marinheiros, soldados, comerciantes e missionários para o Brasil e para a Ásia, onde se tornou a língua franca dos portos do Extremo Oriente.<sup>(8)</sup>

- 
- (7) Goodman, M.F. A comparative study of French Creolo Dialects. The Hague, Mouton, 1964, p. 12.
- (8) Só no princípio do primeiro quartel do século XVI imigraram para o Oriente cerca de 70 000 Portugueses, dos quais só a décima parte regressou à Metrópole. Morais-Barbosa, J. A língua portuguesa no mundo. Lisboa, Agência-Geral do Ultramar, 1966, p. 15. Sobre a expansão da forma pidginizada da língua portuguesa diz W.J. Samarin ("Lingua Francas of the World") in Readings in the Sociology of Language. The Hague, Mouton, 1970, pp. 660 - 672: "In the fifteenth century there developed a pidgin Portuguese which may have originated in the first contacts with the Africans, but ultimately spread to the ports of the Far East."



Os "pidgins", porém, são línguas efêmeras: tendem a desaparecer quando cessa o contacto socio-linguístico que lhes deu origem, ou quando uma das línguas em contacto aumenta em prestígio e se lhes substitui.<sup>(9)</sup> No entanto, onde um "pidgin" acaba por se tornar o único meio de comunicação, a sua fonologia e a sua gramática estabilizam-se, a capacidade de remediar a simplificação e as perdas conceituais sofridas na primeira fase de contacto linguístico desenvolve-se e o "pidgin" torna-se língua materna. A este "pidgin" que, através de uma enorme expansão de recursos linguísticos e de muitos empréstimos,<sup>(10)</sup> se torna língua materna dá-se o nome de crioulo. O processo de passagem de

---

(9) D'Ans, M.A. Le créole français d'Haiti. The Hague, Mouton, 1968, p. 15.

(10) Taylor, D. "The origin of West Indian Creole Languages: Evidence from grammatical categories." American Anthropologist, August 1963, pp. 800 - 814. Na página 801 diz Taylor o seguinte: " ... creolization differs from all other language shifts in that it necessitates considerable expansion of the new language's resources, by internal development and by borrowing, in order that it may meet the minimum demands made on any mother tongue." Sobre este problema, consulte-se também o artigo de W.J. Samarin "Lingua Francas of the World", já citado, especialmente a página 666.

"pidgin" a crioulo é conhecido pelo nome de criouliização.

São de ordem vária os factores que levam à maior persistência de um "pidgin" numa região mais do que noutra e à sua aceitação como língua materna: uns lingüísticos, outros psicológicos, outros sociológicos e outros ainda económicos. Uriel Weinreich considera importantes para a cristalização de uma nova língua, formada pelo contacto de duas outras, os seguintes factores:<sup>(11)</sup>

- a. o grau de diferença entre as duas línguas em contacto;
- b. a estabilidade da forma resultante desse contacto lingüístico e a falta de prestígio das duas línguas em contacto para estabelecerem uma norma lingüística;
- c. a latitude da função pela qual um falar se torna língua materna, especialmente no seio da família, mas também devido a outros factores, tais como a religião e a educação, que ajudam a difundir o uso desse falar;
- d. a opinião do indivíduo que usa o falar resultante da interferência lingüística e as tendências separatistas desse indivíduo, em relação aos indivíduos, cujas línguas maternas se encontram em contacto.

---

(11) Weinreich, U. Languages in contact. The Hague, Mouton, 1968, p. 104.

Nem todos os linguistas, porém, aceitam que os crioulos se formem ou se possam formar exclusivamente a partir dos chamados "pidgins".<sup>(12)</sup> Alguns, como o Professor Valkhoff, admitem a possibilidade de que os crioulos se possam formar directamente do contacto entre duas línguas:<sup>(13)</sup>

"There is also the possibility - left unmentioned by Hall - that a Creole variety of the cultured language was created directly, usually in the close contact between European colonists and their male and female slaves (often their concubines), who first spoke various African languages and then resorted to the new tongue that was thrust upon them, as best as they could."

Formados directamente ou a partir de um "pidgin",<sup>(14)</sup> o que é certo é que, durante a época dos Descobrimentos, apareceram, em várias partes do Império Português, alguns crioulos resultantes do contacto entre o português e as diversas línguas nativas: em África, os crioulos de S. Tomé, de Ano Bom, do

---

(12) Herculano de Carvalho, J.G. "Sobre a natureza e génese dos crioulos" em Estudos linguísticos. Coimbra, Atlântida, vol. II, pp. 49 - 73.

(13) Valkhoff, M.F., p. 31.

(14) Morais-Barbosa, J. "A língua portuguesa de Macau". Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, 1966 - 1967, p. 12.

Príncipe, da Guiné, do Senegal e de Cabo Verde;<sup>(15)</sup> na Ásia, os crioulos de Macau, de Java, de Malaca, de Ceilão, de Goa, de Damão, de Diu, da costa de Malabar e da costa de Coromandel.<sup>(16)</sup>

Embora todos esses crioulos, devido ao seu diverso substratum, diferissem até certo ponto uns dos outros, havia neles uma unidade básica, que tornava possível a um indivíduo fazer-se compreender em qualquer parte do Império Português.<sup>(17)</sup> Não é, pois, de admirar que o português se tivesse tornado a língua internacional dos séculos XV e XVI e que tivesse mantido o seu prestígio durante os séculos XVII e XVIII.

O Professor Jorge Morais-Barbosa, no seu livro "A língua portuguesa no mundo", atribui principalmente a dois factores a facilidade com que a língua portuguesa se difundiu no mundo. Em primeiro lugar, à ausência de preconceitos raciais na atitude colonizadora dos Portugueses que encorajaram o matrimónio de indivíduos de diversas etnias; e em

---

(15) Valkhoff, M.F. Studies, p. 72.

(16) Ibidem, p. 73.

(17) Ibidem, p. 56. Já S.R. Dalgado (Dialecto Indo-Português de Ceylão. Lisboa, Imprensa Nacional, 1900, p. XXV) tinha notado a unidade básica dos crioulos da Índia, de Macau e de Cabo Verde.

segundo lugar, à actividade missionária da Igreja que, ao mesmo tempo que espalhava a palavra do Evangelho, tornava popular a língua portuguesa no mundo.<sup>(18)</sup>

Teve esta expansão dois resultados: a entrada de elementos lexicais portugueses em nada menos de 47 línguas orientais,<sup>(19)</sup> e o grande enriquecimento do léxico português que se fez à custa das línguas africanas, asiáticas e americanas. Assim, o português serviu, em muitos "casos lexicais", de intermediário entre as línguas dos novos mundos e as ou-

---

(18) Morais-Barbosa, J. A língua portuguesa no mundo, pp. 107 - 108. Nem todos os autores, porém, estão de acordo com a teoria de Morais-Barbosa de que não havia preconceitos raciais no Império Colonial Português. Entre os autores que disputam esta afirmação encontram-se A.G. Keller (Colonization. Boston, Ginn & Co., 1908, pp. 119 - 120) e C.R. Boxer (Race Relations in the Portuguese Colonial Empire: 1415 - 1825. Oxford, Clarendon Press, 1963). Estes autores mencionam casos de discriminação racial e Boxer afirma que o facto de, por todo o Império Português, ter havido miscigenação não é prova suficiente da ausência de preconceitos raciais na política colonial portuguesa.

(19) Morais-Barbosa, J. A ... no mundo, p. 125.

tras línguas europeias.<sup>(20)</sup>

## 2. A COLÓNIA PORTUGUESA NO CABO E A SUA LÍNGUA

### 2.1 A evidência linguística

Tendo em mente o que foi dito na alínea anterior, não é difícil acreditar que os escravos trazidos para o Cabo pelos navios Amersfoort e Hasselt em 1658 falassem um crioulo português.<sup>(21)</sup>

Também muitos dos escravos que, em diversas ocasiões, foram trazidos da Ásia para o Cabo falavam diversos crioulos, que linguisticamente não deviam

---

(20) O Professor Luís de Matos dá-nos uma lista de vocábulos que entraram em muitas línguas europeias através do português. Lopes, D. Expansão da língua portuguesa nos séculos XVI, XVII e XVIII. Porto, Portucalense Ed., 1969, 2<sup>a</sup> edição, pp. 106 - 116.

(21) Ver capítulo I, secção 1.4 desta obra. Segundo o Professor Morais-Barbosa (A língua portuguesa no mundo, p. 112, nota 16), os escravos de Angola falavam também um crioulo português africano. Boxer, C.R. (Four centuries of Portuguese Expansion: 1415 - 1825. Johannesburg, W.U.P., 1965, p. 56) e Hesselink, D.C. Het Afrikaans, 1923, p. 38 - 39.

divergir muito uns dos outros. Isso é o que nos dá a entender Peter Kolbe, um viajante alemão que esteve no Cabo nos princípios do século XVIII:

"Notwithstanding I said that they have not one single language [os escravos], I must, however, except Portuguese, because wherever they may come from, nearly all of them understand and speak it or at least learn it from each other in a short time." (22)

Outras pessoas que estiveram no Cabo nos séculos XVII e XVIII confirmam as afirmações de Kolbe.

Entre elas queremos mencionar a sr.<sup>a</sup> Kindersley que visitou o Cabo em 1769. Diz esta senhora:

"... O que parece extraordinário é que eles [os escravos] (L.L.) não aprendem a falar holandês, mas que os Holandeses aprendem a falar a língua deles que é chamada português e que é uma forma corrupta daquela língua ... " (23)

Esta unidade linguística é também confirmada pelos processos criminais do Cabo, onde, nas causas em

---

(22) Valkhoff, M.F. Studies, p. 175. Estes escravos asiáticos de língua portuguesa eram naturais da costa de Malabar, costa de Coromandel, Ceilão, Malaca, Java e de muitas outras partes da Ásia.

(23) Ver Valkhoff, M.F. Studies, pp. 166 - 167, p. 177, p. 179, p. 180.

que aparecem escravos portugueses, a evidência jurídica é sempre interpretada em português e não em um ou outro dos dialectos crioulos. Isto leva-nos a crer que nesta altura se falasse no Cabo uma única forma de crioulo, compreendida por todos os escravos de língua portuguesa, mas com características gramaticais provenientes de diversos dialectos crioulos. Baseamos também esta nossa afirmação na unidade básica dos crioulos portugueses, de que já falámos, e no facto, também já verificado no falar português actual da África do Sul, de que, por vezes, a imigração leva a um nivelamento geral das diferenças linguísticas entre os dialectos da mesma língua.

O português falado no Cabo pelos escravos (crioulos orientais) está modestamente documentado por palavras e por pequenas frases que aparecem nos processos criminais do Cabo (Criminele en Civiele Prosesstukken en Sententiën). Este material, embora já tratado por Franken,<sup>(24)</sup> merece tratamento mais profundo e algumas correcções às hipóteses que ele propôs.

---

(24) Franken, J.L.M. ob. cit., pp. 41 - 79. Sobre a gramática dos crioulos portugueses consultem-se as obras citadas nas páginas que se seguem. Estes escravos falavam ainda o crioulo português no séc. XIX (ibidem, p. 121).



I. baasta, paay (1761)<sup>(25)</sup>

basta < port. basta

paay < port. pai

O sentido da frase parece ser: "Já chega, pai!"  
(talvez patrão).

II. Catsioor bôs loge môre (1705)<sup>(26)</sup>

Aparece numa causa contra o escravo Pieter van der Kost, em que este teria ameaçado o cidadão Pieter Vlok com estas palavras.

Catsioor < port. cachorro. A palavra aparece também no indo-português e parece ter o significado de "cão".<sup>(27)</sup>

bôs < port. vós com o significado de tu. Compare-se com o pronome pessoal do Papia Kristang ou crioulo de Malaca bos.<sup>(28)</sup>

---

(25) Ibidem, p. 112.

(26) Ibidem, p. 47.

(27) Morais-Barbosa, J. Estudos linguísticos - Crioulos. Lisboa, 1967, p. 177. Dalgado, S.R. ob. cit., p. 171.

(28) Hancock, I.F. "The Malacca Creoles and their language", in Afrasian, 3, London, s.d., páginas não numeradas.

loge < port. logo

môre < port. morrer. Como em todos os crioulos portugueses, esta é a forma reduzida do infinitivo.

A construção é completamente crioula, como se pode verificar pelo uso da palavra logo na formação do futuro do indicativo. Compare-se esta construção com a do crioulo de Malaca: Jo lo' kebra' isi pau! (eu quebrarei este pau!).<sup>(29)</sup> É oportuna também a comparação com o crioulo de Macau: Natal ... logo cai na quarta-feira (O Natal cairá na quarta-feira).<sup>(30)</sup> Compare-se também esta construção com a do dialecto indo-português de Ceilão: Bastanto (pessaõs) lo falla par mi (muitas pessoas falarão comigo).<sup>(31)</sup>

O sentido de frase Catsioor bôs loge môre é: "Cão, tu morrerás!"

### III. Jacob ja moré (1746)<sup>(32)</sup>

Jacob < port. Jacob

---

(29) Ibidem.

(30) Morais-Barbosa, J. "A língua portuguesa de Macau", p. 7.

(31) Morais-Barbosa, J. Estudos lingüísticos, p. 60. Ver também Dalgado, S.R. ob. cit., p. 43.

(32) Franken, J.L.M. ob. cit., p. 58.

ja < crioulo ja < port. já

moré < port. morrer. Forma reduzida do infinitivo em crioulo. Existia também no crioulo do Ceilão.

A construção é nitidamente crioula, como se pode deduzir do emprego de ja para a formação do pretérito perfeito do indicativo. A mesma construção existe no Papia Kristang (eli ja bai na kása - ele foi para casa),<sup>(33)</sup> no crioulo de Macau (ung-a comparação que eu ja fazê - uma comparação que eu fiz),<sup>(34)</sup> no dialecto indo-português (Casa ja que-ma - a casa queimou-se)<sup>(35)</sup> e no dialecto crioulo de Ceilão (E o chuve ja cahi - e a chuva caiu).<sup>(36)</sup>

O sentido da frase é: "O Jacob morreu."

#### IV. Joeda maay (1756 - 1760)<sup>(37)</sup>

Joeda < port. ajuda. A grafia é simplesmente uma adaptação sul-africana do som português [u] que em africânico se escreve oe.

---

(33) Hancock, I.F. ob. cit.

(34) Morais-Barbosa, J. "A língua portuguesa de Macau", p. 7.

(35) Morais-Barbosa, J. Estudos Linguísticos, p. 177.

(36) Ibidem, p. 60. Dalgado, S.R. ob. cit., p. 41.

(37) Franken, J.L.M. ob. cit., p. 66.

maay < port. mãe através do indo-português may.

V. Ki kirri a quil Hollandêe maaifoedi <sup>(38)</sup>

Ki < port. que

kirri < port. quer. O uso dos dois r pode resultar da dificuldade que os Holandeses têm em pronunciar o som português [r], às vezes também representado em certas descrições por [ɹ], ou da pronúncia do indo-português: ex. agorra < port. agora (Dalgado, S.R. ob. cit., p. 136).

a quil < port. aquele

Hollandêe < port. Holandês

maaifoedie < port. mãe + foder (< lat. fütũěre).

Franken pergunta-se se maaifoedie tinha sentido substantivo ou imperativo.<sup>(39)</sup> É óbvio que na frase acima citada tem um sentido substantivo. No entanto, foedi podia ter também um significado imperativo como, por exemplo, na frase que reproduzimos a seguir mayfoedies foedi bos maay (Porcalhão, vai foder a tua mãe).

---

(38) Ibidem, p. 44.

(39) Ibidem, p. 44.

O sentido desta frase é: "Que quer aquele porcalhão daquele holandês?"

VI. Mayfoedies foedi bos maay (1758)<sup>(40)</sup>

foedi < port. foder no imperativo.

bos < port. vós. É a forma crioula do pronome pessoal de sujeito (vós ou tu), usada como pronome possessivo. Morais-Barbosa notou o mesmo fenómeno no crioulo de Macau e no crioulo de Malaca (bôs bai bôs caminho - tu vais o teu caminho).<sup>(41)</sup> O mesmo acontece no crioulo de Cabo Verde (bô casa - a tua casa).<sup>(42)</sup>

O sentido desta frase é: "Porcalhão, vai foder a tua mãe."

VII. Ne misti dali pro mi (1765)<sup>(43)</sup>

ne < port. não, possivelmente através de uma forma crioula. Compare-se com a forma ne do crioulo de Cabo Verde (ilha de Sto. Antão) (Min ne pôde nada

---

(40) Ibidem, p. 57.

(41) Morais-Barbosa, J. "A língua ... de Macau", pp. 11 - 12.

(42) Morais-Barbosa, J. Estudos lingüísticos, p. 267.

(43) Franken, J.L.M. ob. cit., pp. 73 - 74.

- eu não posso).(44) A forma na, redução de não, também aparece no português popular: eu na posso.

misti < port. mister < lat. mīnisterīu(m). Esta forma existe também no crioulo indo-português ( ... vos miste ama per vossa vizinho - vós deveis amar o vosso próximo) e no crioulo da Guiné, se bem que com um sentido um pouco diferente (n misti bai - eu quero ir).(45)

A expressão ne misti é frequente nos crioulos da Índia (vosoutros ne miste junta thesouros - não é necessário que junteis riquezas), (46) onde tem o significado de "não é mister", "não é necessário."

dali < crioulo dalhi (47) < port. dar-lhe. A forma corresponde à tão popular forma portuguesa "dar-lhe (para cima)", ou seja "bater-lhe".

pro < crioulo per < port. para. A forma é ilustra-

---

(44) Morais-Barbosa, J. Estudos Lingüísticos, p. 297. No resto das ilhas de Cabo Verde a negação é ca (< port. nunca).

(45) Ibidem, p. 55. Wilson, W.A.A. The crioulo of Guiné. Johannesburg, W.U.P., 1962, p. 25; Dalgado, S.R. ob. cit., p. 50.

(46) Morais-Barbosa, J. Estudos Lingüísticos, p. 57. Dalgado, S.R. ob. cit., p. 165.

(47) Dalgado, S.R. ob. cit., p. 147.

da pela expressão crioula responder per mi (responder-me) citada pelo Prof. M.F. Valkhoff (Studies, p. 12).

mi < crioulo mi por desnasalização da forma portuguesa mim.

A frase tem o seguinte sentido: "Não é necessário bater-me" ou "Não quero que me batas".

#### VIII. Perdua sinjoor (1765)<sup>(48)</sup>

perdua < port. perdoa. Compare-se com o crioulo indo-português perdoa.<sup>(49)</sup> O u parece-nos ser resultante da transcrição feita por um sul-africano.<sup>(50)</sup>

sinjoor < port. senhor. É também uma transcrição sul-africana.<sup>(51)</sup>

---

(48) Franken, J.L.M. ob. cit., p. 74.

(49) Morais-Barbosa, J. Estudos Linguísticos, p. 56.

(50) Em ditados feitos na Universidade de Potchefstroom, os alunos de língua africânica têm tendência a grafar u, quando se pronuncia o som português [o].

(51) Em presença do som português [ɲ], os alunos de língua africânica da Universidade de Potchefstroom grafam muitas vezes nj.

A frase significa: "Perdoa, senhor".

IX. Toma na mas, garda na mas a miane loge atja  
torne (1704) <sup>(52)</sup>

Esta frase apresenta certas dificuldades de interpretação, facto que já Franken notara. A grande dificuldade parece-nos ser causada pela má transcrição da pessoa que escreveu a frase. Atrevemo-nos, portanto, a apresentar a seguinte hipótese de reconstrução: toma namas, garda namas, a miane loge atja torne. Feita a reconstrução, já podemos tentar o comentário filológico:

toma < crioulo toma < port. tomar no imperativo.

namas < crioulo namas < port. não mais. Esta palavra existia no crioulo de Ceilão e no de Macau com o significado de "sòmente" (Dalgado, S.R. ob. cit., p. 165). A sua posição sintáctica nesta frase não é estranha, visto que ela também era possível no português do século XV. A seguinte frase de Fernão Lopes, também citada por Dalgado (ob. cit., p. 165), demonstra-o: "Onde estava com cinquenta não mais".

garda < crioulo gardá < port. arc. gardar no imperativo = port. mod. guardar.

---

(52) Franken, J.L.M. ob. cit., pp. 45 - 46.



a miane < crioulo amiang < port. amanhã.

loge < crioulo logo < port. logo. É, como já vimos, a partícula que intervém na formação do futuro em crioulo.

atja < port. achar com palatalização do som [ʃ], que é típica dos crioulos portugueses de Tugu, de Batávia e de outros crioulos portugueses.<sup>(53)</sup> Aparece também no indo-português.

torne < crioulo torná < port. tornar. O e final da palavra é a grafia sul-africana para o som português [ɐ].<sup>(54)</sup>

O significado da frase é: "Toma-o somente, guarda-o somente, mas eu amanhã o recuperarei".

X. Tyn bon (1707)<sup>(55)</sup>

---

(53) Ver a nossa discussão de jentoe e de tjok (capítulo III, alínea 1).

(54) Em presença do som português [ɐ], os alunos de língua africânica da Universidade de Potchefstroom grafam invariavelmente e. Veja-se também mais adiante nesta alínea a nossa discussão das palavras marre e pege que aparecem nos processos criminais do Cabo.

(55) Franken, J.L.M. ob. cit., pp. 47 - 48.

Tyn < crioulo tem < port. tem. É a forma do imperativo. A transcrição tyn é uma grafia sul-africana, pois o y do africânico é a letra que corresponde ao som mais próximo do português em. No crioulo português tem significa ser, estar ou haver:  
Bendito tem vosoutros ... - Bem-aventurados sois vós ...<sup>(56)</sup>

bon < port. bom.

Esta frase, em que uma escrava malgaxe, Maria, incita o seu marido numa rixa entre escravos, parece ter o seguinte sentido: "Está bom!" ou melhor "Assim! Assim!"<sup>(57)</sup>

#### XI. Culpa (1770)<sup>(58)</sup>

culpa < port. culpa

---

(56) Morais-Barbosa, J. Estudos Linguísticos, p. 52.

(57) O sentido que o Professor Valkhoff propõe para a frase (hold on! - agarra-te) pode ser outra alternativa. Porém, a nossa interpretação baseia-se no significado de uma frase crioula citada por J. Leite de Vasconcelos (Esquisse d'une dialectologie portugaise. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1970, 2ª edição, p. 143): voç pad têm bon? (o seu pai está bom?).

(58) Franken, J.L.M. ob. cit., p.77.

XII. Marre (1720)<sup>(59)</sup>

Marre < port. amarrar. O e da transcrição representa, como já vimos, o som português [ɐ].

Franken deriva a palavra do verbo marrar, o que é francamente impossível, visto que o queixoso, na causa donde provem esta palavra, tinha sido amarrado pelos réus, o que justifica a expressão. De resto, a palavra existe no crioulo da Guiné com o significado de "amarrar" (maara) e nos crioulos de Ceilão e de Batávia com o mesmo significado (mará e marrá respectivamente), o que parece confirmar as nossas suposições.<sup>(60)</sup>

XIII. Movinyoe (1795)<sup>(61)</sup>

Movinyoe < port. mofina.

---

(59) Ibidem, p. 50.

(60) Wilson, W.A.A. ob. cit., p. 47; Dalgado, S.R. ob. cit., p. 162; Schuchardt, H. "Ueber das Malaioporgugiesische von Batavia und Tugu", Kreolische Studien, IX, p. 128 (Wien, Gerold's Sohn). Reproduzido de Sitzungsberichte des Phil. hist. classe der K. Akademie der Wissenschaften in Wien. 1882 - 1891. 9 vols.

(61) Franken, J.L.M. ob. cit., p. 78.

A transcrição é também sul-africana, como se pode ver pelas grafias v por f<sup>(62)</sup> e ny por nh [ɲ], a última das quais já encontramos em VIII. O som [ɲ] numa palavra que deriva de "mofina" está ainda por explicar.

XIV. Nal (1765)<sup>(63)</sup>

Na < port. não. A forma é crioula, como se viu em VII, mas não é de excluir a hipótese que esta forma crioula derive do português popular e regional na (eu na quero comer).

XV. Poeta (1741)<sup>(64)</sup>

Poeta < port. puta.

A grafia oe é, como já vimos, uma transcrição sul-africana.

XVI. Pege (1726)<sup>(65)</sup>

Pege < crioulo pega < port. pegar na forma imperativa.

A grafia e é, como já vimos, uma transcrição sul-

---

(62) Em africânico o v é pronunciado [f].

(63) Franken, J.L.M. ob. cit., p. 73.

(64) Ibidem, p. 57.

(65) Ibidem, p. 52.

-africana. Por outro lado, a letra g antes do e explica-se pelo facto de que o g africânico não tem o valor fonético de [ʒ], mas sim os de [g] e de [x].

XVII. Ponyaadoe (1738)<sup>(66)</sup>

Ponyaadoe < port. punhado < port. punho.

Esta palavra acusa também interpretação fonética sul-africana, como se pode ver pelas grafias ny e oe.

2.2 Tentativa de reconstrução gramatical do falar crioulo falado no Cabo

O crioulo falado na Colónia do Cabo está, como dissemos, pobremente documentado. No entanto, a evidência linguística, que acima apresentámos, basta para podermos fazer uma pequena ideia sobre as características essenciais desse falar crioulo.

2.2.1 Fonologia

A parte de descrição fonológica é talvez a mais difícil de fazer, visto que a grafia das palavras que possuímos foi, com certeza e até certo ponto, influenciada pelos hábitos fonéticos africanos

---

(66) Ibidem, p. 78.

dos indivíduos que as escreveram. Contudo, podemos apontar as seguintes tendências:

- a. apócope ocasional da vogal pós-tônica: catsioor < port. cachorro;
- b. aférese ocasional da vogal pre-tônica: joeda < port. ajuda, marre < port. amarra;
- c. simplificação e desnasalização do ditongo -ão: na < port. não;
- d. desnasalização do ditongo -ãe (maay < port. mãe), possivelmente por analogia com pai;
- e. apócope do -r dos infinitivos: atja < port. achar, môre < morrer;
- f. substituição do som [v] por [b]: bôs < port. vós;
- g. palatalização do som [ʃ], grafado em português ch: catsioor < port. cachorro, atja < port. achar.

### 2.2.2 Gramática

Os substantivos mantêm as desinências -o e -a respectivamente para o masculino e para o feminino: ponyaadoe, poeta. Nada se sabe sobre a formação do plural, mas, como nos outros crioulos portugueses, deve-se ter formado acrescentando um -s ao singular ou então por reduplicação.

O pronome pessoal de sujeito para a segunda pessoa do singular é bôs, que também é o pronome possessivo da segunda pessoa do singular. O pronome pessoal da forma pronominal para a primeira pessoa do

singular é mi e o pronome demonstrativo é aquil.

Na conjugação verbal notam-se os seguintes fenómenos:

- a. o pretérito perfeito do indicativo forma-se a partir do infinitivo, precedido do morfema de aspecto já;
- b. o futuro do indicativo forma-se também a partir do infinitivo, mas desta vez precedido do morfema de aspecto loge;
- c. o imperativo parece seguir o padrão português: joeda, marre, tyn.

### 2.3 Os ataques à língua portuguesa

A língua portuguesa deve ter constituído uma séria ameaça para o prestígio e o predomínio da língua holandesa no Cabo, <sup>(67)</sup> como já acontecera em Batá-

---

(67) Em 1658 havia no Cabo 194 escravos e 166 brancos (Valkhoff, M.F. Studies, p. 162). Em 1756 havia 5 123 brancos e 5 787 escravos (Geen, M.S. e Warner, R.A. South African heritage - from Ancient Egypt to 1795. Cape Town, Maskew Miller, p. 121). É claro que nem todos estes escravos eram de língua portuguesa.

via e em Ceilão,<sup>(68)</sup> pois em 1685 o comissário-geral da Companhia Holandesa das Índias Orientais, Hendrik Adriaan van Rhee, tentou aliciar os escravos para o seu lado, prometendo-lhes manumissão, se eles tivessem dispostos a tornarem-se cristãos e a falarem holandês.<sup>(69)</sup> Podemos imaginar que essas medidas não tivessem tido grande efeito, pois em 1767 se proibia a importação de escravos orientais,

- 
- (68) O perigo que o português tinha constituído em Batávia é descrito por Valkhoff, M.F. (Studies, p. 154): "F. de Haan ... tells us that it was the first slaves imported mostly from the coast of India who popularized the lingua franca in the town. Thus it soon became the common language of all slaves ... Then it spread further to other classes, the white creoles, that is the children born in the colony and the half-casts."

O combate à língua portuguesa em Ceilão vem descrito por Dalgado, S.R. ob. cit., pp. XIX - XXI e por Leite de Vasconcelos ob. cit., p. 145, nota 26.

- (69) Theal, G. McCall ob. cit., vol. II, pp. 272 - 274. Para que os escravos aprendessem o holandês, a Companhia mantinha uma escola no Cabo. Boxer, C.R. The Dutch Seaborne Empire. London, Hutchinson, 1965, p. 262.



especialmente a dos de Batávia.<sup>(70)</sup> Todavia, não se sabe qual tenha sido o resultado desta proibição.

Esta preocupação com a supremacia do holandês não era nova. Já em 1657, o comissário Rijklof van Goens tinha deixado instruções ao governador Jan van Riebeeck no sentido de que os escravos estrangeiros que viessem para a colônia fossem proibidos de falar as suas línguas maternas. A parte relevante do decreto dizia o seguinte:

"With the arrival of the slaves Your Lordship should take great care not to introduce [import] the Portuguese language; but to prevent this by all means, setting particularly a good example with the officers, because this is very important, and Your Lordship shall use no other language than our mother tongue with the slaves, so that we may feel reassured when the years pass on."<sup>(71)</sup>

---

(70) Franken, J.LM. ob. cit., p. 43. No entanto, não é de excluir a possibilidade mencionada por D.B. Bosman (Afrikaans en Maleis-Portugees. Groningen, Noordhoff, 1916, p. 26) de que esta proibição fosse causada pelo carácter violento dos escravos malaios.

(71) Citado e traduzido por M. Valkhoff (Studies, p. 163). Ver também Theal, G. McCall ob cit., vol. II, p. 68.

A xenofobia da Companhia Holandesa das Índias Orientais não se limitou nem ao português nem a estes dois incidentes. À laia de curiosidade, incluímos aqui a descrição de um pequeno incidente, passado nos primeiros anos do século XVIII, com a comunidade francesa do Cabo.

Em 1710, quando o pastor da congregação francesa do Cabo, o reverendo Simond, partiu para a Europa, imediatamente um pastor de língua holandesa foi nomeado para o seu lugar, "not to preach in the latter language (French) but only to be of service to the aged colonists who do not know our language ... in order that in the course of time the French language may die out ...<sup>(72)</sup> Houve muitos protestos por parte da comunidade francesa, mas sem efeito. Em 1720 eram poucos os membros da primitiva comunidade francesa que ainda sabiam falar a sua

---

(72) "não para pregar nessa língua (o francês), mas só para servir os colonos idosos que não sabem falar a nossa língua ... para que, com o tempo, a língua francesa possa desaparecer." Geen, M.S. e Warner, R.A. ob. cit., pp. 108 - 109.

língua. (73)

### 3. O CONHECIMENTO DA LÍNGUA PORTUGUESA POR ESTRANGEIROS

#### 3.1 Os marinheiros e funcionários da Companhia Holandesa das Índias Orientais

As primeiras pessoas de língua estrangeira, a quem ocorre imputar um conhecimento da língua portuguesa, são os marinheiros e os funcionários administrativos da Companhia Holandesa das Índias Orientais. Uns, à força dos contactos que tinham com gente de língua portuguesa nos portos que visitavam, os outros, à força de administrarem colónias holandesas, cuja maioria dos habitantes era de lín-

---

(73) Ibidem, pp. 108 - 109. Outros factores contribuíram também para o desaparecimento língua francesa no Cabo: a permanência de muitas famílias huguenotes francesas na Holanda antes de terem vindo para o Cabo, os muitos casamentos de franceses do Cabo com indivíduos de ascendência holandesa, o uso do holandês na escola e, também, a partir de um certo momento, na Igreja. Ver Botha, C.G. The French Refugees at the Cape. Cape Town, C. Struik, 1970, pp. 36 - 42.

gua portuguesa.<sup>(74)</sup> Por outro lado, não é impossível que alguns desses marinheiros e funcionários tivessem tido na Holanda do século XVII o seu primeiro contacto com a língua portuguesa, pois nesse país havia uma imensidade de refugiados judeus portugueses que, com certeza, propagavam a sua língua.<sup>(75)</sup> Estas comunidades judaicas mantiveram vivo o uso da língua portuguesa na Holanda durante muitos anos e tomaram parte activa no comércio holandês com as Índias Orientais.<sup>(76)</sup>

### 3.2 O século XVII

Várias coisas nos levam a pensar que o primeiro governador do Cabo, o comandante Jan van Riebeeck,

- 
- (74) Ver Valkhoff, M.F. Studies, p. 19, p. 153, p. 156. Sobre o Império Holandês ver Boxer, C.R. The Dutch Seaborne Empire: 1600 - 1800. London, Hutchinson, 1965.
- (75) Valkhoff, M.F. New Light on Afrikaans and Malayo-Portuguese. Louvain, Éditions Peeters, 1972, p. 74.
- (76) Na comunidade judaica de Amesterdão, por exemplo, o uso da língua portuguesa só se perdeu há quatro ou cinco gerações. Steinhardt, I. "Influência do Português na linguagem coloquial dos Judeus de Amesterdão, Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa, Julho de 1969, pp. 231 - 233. Pattee, R. ob. cit., p. 105.

tenha sabido falar português. Em primeiro lugar, o facto de, antes de ter sido nomeado governador do Cabo, ter vivido no Oriente, onde sem dúvida nenhuma teria tido que falar português com os seus escravos orientais. Em segundo lugar, o facto de que, tendo viajado muito, a única língua, que ele poderia ter usado em qualquer porto, teria sido o português.<sup>(77)</sup> Porém, uma outra razão, de talvez ainda maior peso do que as duas que mencionámos, é o decreto do comissário Van Goens, a que já nos referimos.<sup>(78)</sup> Nele diz Van Goens que Sua Excelência [Van Riebeeck] devia dar o exemplo aos seus subordinados, não usando, no seu tratamento com os escravos, nenhuma outra língua que não fosse a sua língua materna [o holandês]. Visto que o decreto se refere ao português, não podemos deixar de concluir que Jan van Riebeeck sabia falar português e que o falava, de vez em quando, com os seus escravos.

É também interessante assinalar que o comissário-geral H.A. van Rhee de, a quem já nos referimos na secção anterior, também sabia falar português. Quando recebeu em 1685 uma embaixada francesa, de passagem no Cabo, de que faziam parte o padre Guy Tachard e quatro religiosos franceses, não falou com eles em francês - língua que conhecia - mas sim

---

(77) Valkhoff, M.F. Studies, p. 161.

(78) Ver a alínea 2.3 deste capítulo.

em português, o que prova o prestígio internacional da língua portuguesa.<sup>(79)</sup>

O facto destes religiosos serem astrónomos levou o governador do Cabo a conceder-lhes o uso do observatório da cidade. Foi aqui que eles confessaram alguns católicos, os quais, por a Colónia do Cabo ser oficialmente protestante, praticavam em segredo. Foi também neste observatório que, um dia, um Hotentote ofereceu uma laranja ao padre de Fontenay, com as seguintes palavras em português: "Reverendo Padre, Geral dos Otentots, à Vossa Senhoria", ou talvez segundo a nossa reconstrução: "Reverendo Padre-Geral, dos Hotentotes à Vossa Senhoria".

Quanto ao conhecimento do português pelo resto da população branca durante este século, pouco ou nada sabemos. Sabemos, porém, que os Hotentotes aprendiam o crioulo português com grande facilidade

---

(79) Valkhoff, M.F. Studies, pp. 166 - 168. Valkhoff, M.F. "Katolieke en Portugees aan die Kaap in 1685". In Smal, Swaard en Blink. Bundel aangebied aan N.P. van Wyk Louw by geleentheid van sy sestige verjaardag, 11 Junie 1966. Kaapstad, Academica, 1966. Van Rheeде não deve ter falado crioulo com o padre Tachard, mas sim português correcto.

e que, pelo menos, duas escravas hotentotes e dois outros Hotentotes se distinguiram pelo seu conhecimento da língua portuguesa.

A primeira foi uma escrava que fora criada em casa do governador Van Riebeeck, onde aprendera a falar português com os escravos orientais do governador, a saber: Marij, Domingo e Ângela.<sup>(80)</sup> Eva - assim se chamava essa escrava - casou em 1664 com o cirurgião holandês Van Meerhoff<sup>(81)</sup> e faleceu em 1674.<sup>(82)</sup>

Sara, a outra escrava, tinha aprendido português em casa dos brancos, onde fora criada.<sup>(83)</sup> Um desgosto de amor levou-a ao suicídio em 1671.<sup>(84)</sup>

Os dois outros Hotentotes são também mencionados como tendo sabido falar português fluentemente. Um chamava-se Bego ou Pegu e viveu à volta de 1695.<sup>(85)</sup> O outro, que talvez lhe tenha sido um

---

(80) Franken, J.L.M. ob. cit., pp. 31 - 33.

(81) Valkhoff, M.F. Studies, p. 214. Segundo Boxer, C.R. The Dutch Seaborne Empire, p. 265, Eva teve três maridos holandeses sucessivos.

(82) Theal, G. McCall ob. cit., vol. II, p. 219.

(83) Valkhoff, M.F. Studies, p. 166.

(84) Franken, J.L.M. ob. cit., pp. 34 - 35.

(85) Ibidem, pp. 29 - 30.

pouco posterior, chamava-se Jantje van der Gouw.<sup>(86)</sup> Além da nossa língua, e sem nunca terem saído da África do Sul, falavam estes dois Hotentotes ainda outras línguas europeias.

### 3.3 O século XVIII

Se os escravos hotentotes do século XVII aprendiam bem a língua portuguesa, os escravos malgaxes do século XVIII não a aprendiam com menos facilidade. O Professor Valkhoff recolheu, em Franken, quatro nomes de escravos malgaxes que falavam bem o crioulo português, o qual teriam possivelmente aprendido após chegarem ao Cabo.<sup>(87)</sup>

Ainda no mesmo século (1771), encontramos outro Hotentote - Prins - que sabia falar o crioulo português. Na data indicada, teve uma conversa em crioulo com um escravo cingalês.<sup>(88)</sup>

O trabalho de Franken é elucidativo sobre os conhecimentos de português que muitos brancos tinham no

---

(86) Ibidem, p. 30.

(87) Valkhoff, M.F. Studies, p. 182. Segundo Bosman (ob. cit., p. 27) até 1699 foram importados de Madagascar 481 escravos e 1 194 escravos até ao ano de 1715. Ver também Hesseling, D.C. Het Afrikaans, 1923, p. 37.

(88) Ibidem, p. 186.



século XVIII. Trinta cidadãos, súbditos da Companhia Holandesa das Índias Orientais, compreendiam e falavam português. Quarenta dos membros que serviram no Conselho de Justiça, durante o século XVIII, falavam e compreendiam português.<sup>(89)</sup>

Um incidente que se deu no sítio onde hoje é Port Elizabeth confirma a popularidade do português no Cabo, durante este século. Em 1721 a Companhia Holandesa das Índias Orientais enviou uma expedição ao então chamado Rio de la Goa. Comandava-a o francês Jean Michel. Durante a estadia houve um desentendimento entre o comandante e o holandês Jan ven de Capelle. Este último escreveu, em várias línguas, algumas observações satíricas contra o seu superior. A parte portuguesa que, como se pode ver pela construção ja tem dodo de sobervia, está escrita em crioulo, diz o seguinte: Iste homo ja tem dodo de sobervia ... Intende vosso fidalgo de goa, Casto Sobervo, dodo de sobervie. Eu nun-

---

(89) Franken, J.L.M. ob. cit., pp. 211 - 212.

Também dois cafres (Harmz e Meij), que trabalhavam no tribunal como oficiais de diligências, sabiam falar português (Franken, J.L.M. ob. cit., p. 49 e p. 76).

qua falo por vosse, mas por vos Cammarade.<sup>(90)</sup>

### 3.4 O século XIX

Durante o século XIX, o conhecimento da língua portuguesa no Cabo deve ter diminuído, pois poucos são os testemunhos que parecem confirmar esse conhecimento. O senhor G.R. von Weilligh, que nasceu no Cabo em 1859, afirma que o avô ainda sabia falar bem português. Um outro amigo da família Von Weilligh, o senhor Dirk Stofberg, conhecia também a língua portuguesa.<sup>(91)</sup>

Do mesmo modo, os Bóeres do Transval não parecem ter tido grandes conhecimentos da língua portuguesa. Só nos foi possível descobrir dois Bóeres do Transval que a falavam. Um era o pioneiro transvaliano Carel Trichardt que serviu de intérprete a várias expedições bóeres que visitaram Lourenço Marques.<sup>(92)</sup> Do outro - C.J. Rabe - apenas sabe-

---

(90) Ibidem, p. 81. O sentido da frase é aproximadamente: "Este homem está doido de soberba ... quero dizer você, fidalgo de Goa, homem arrogante, doido de soberba. Eu não falo consigo, mas com os seus camaradas."

(91) Valkhoff, M.F. Studies, pp. 261 - 264.

(92) Preller, G.S. Voortrekker mense. Kaapstad, De Nationale Pers, 1920, vol. II, p. 17.  
Trichardt chegou mesmo a ser director do porto de Lourenço Marques durante três meses.

mos que serviu de intérprete ao português João Albasini, enquanto este não aprendeu a falar holandês.<sup>(93)</sup>

---

(93) De Vaal, J.B. ob. cit., p. 65.

### CAPÍTULO III

#### A PRESENÇA PORTUGUESA NA LÍNGUA AFRICÂNICA

##### 1. O LÉXICO PORTUGUÊS EM AFRICÂNICO

O contacto linguístico entre o português e o holandês no Oriente tinha feito entrar nesta última língua um certo número de vocábulos portugueses. O contacto entre os crioulos portugueses e o holandês do Cabo reforçou o uso de algumas dessas palavras e deu a esta língua a possibilidade de fazer novos empréstimos ao português. Embora alguns desses vocábulos já não façam parte do léxico africânico moderno, muitos ainda são usados.

Apresentamos neste capítulo uma pequena análise etimológica dessas palavras, propondo, aqui e ali, novas hipóteses às considerações tradicionais.<sup>(1)</sup>

As palavras que seguem são certamente de origem portuguesa ou empréstimos feitos ao português:

aia (= criada de crianças) < port. aia (séc. XV) <

---

(1) Os elementos lexicais portugueses que já não se usam em africânico vão precedidos neste trabalho por uma cruz.

gót. \*hagja,<sup>(2)</sup> embora alguns filólogos não excluam uma relação com o latim vulgar aidus.<sup>(3)</sup>

Esta palavra teve grande popularidade no Oriente, onde entrou no indo-inglês (1780),<sup>(4)</sup> no malaio<sup>(5)</sup> e no indo-holandês.<sup>(6)</sup> Como no indo-holandês a palavra aia foi suplantada por baboe, não é de excluir a possibilidade de que tenha vindo a ser redescoberta no Cabo ou em Batávia, onde também exis-

- 
- (2) Machado, J.P. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Lisboa, Confluência, 1956, vol. I, p. 126. Sobre esta obra diz Ramón Lorenzo [Sobre a cronologia do vocabulário Galego-Português (Anotações ao "Dicionário Etimológico" de José Pedro Machado)]. Vigo, Editorial Galaxia, 1968, p. I]: "Não há dúvida de que ... a sua obra é muito superior aos dicionários etimológicos portugueses publicados anteriormente." Por esta mesma razão, preferimo-lo a outros dicionários etimológicos.
- (3) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. Afrikaanse Etimologieë. Pretoria, S.A. Akademie, 1967, p. 128.
- (4) Morais-Barbosa, J. A ... no mundo, p. 134.
- (5) Lewis, M.B. Teach Yourself Malay. London, E.U.P., 1947, p. 322.
- (6) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 128.

tia no crioulo português (aaija).<sup>(7)</sup>

albino (= albino) < port. albino < lat. albinu-.

Boshoff e Nienaber<sup>(8)</sup> dão a palavra como vinda do espanhol através do português albino. C.T. Onions considera a palavra como tendo sido usada pela primeira vez pelos Portugueses, que assim designavam os indivíduos de raça negroide desprovidos de pigmentação.<sup>(9)</sup> Também no francês a palavra é um empréstimo feito ao português em 1763.<sup>(10)</sup> É possível que no africânico este empréstimo não tenha sido feito através do holandês.

<sup>+</sup>alkatief (= alcatifa) < hol. alcatief < port. alcatifa (séc. XV) < ár. al-qatīfā.<sup>(11)</sup>

---

(7) Schuchardt, H. Kreolische Studien IX, p. 115.

(8) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 131.

(9) Onions, C.T. The Oxford Dictionary of English Etymology. Oxford, Clarendon Press, 1966, p. 23.

(10) Morais-Barbosa, J. A ... no mundo, p. 135.

(11) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, p. 144.  
Lokotsch, K. Etymologisches Wörterbuch der Europäischen (germanischen, romanischen und slavischen) Wörter Orientalischen Ursprungs. Heidelberg, C. Winter, 1927, p. 90.

Boshoff e Nienaber dão a palavra como ida do espanhol para o holandês. Como Jan van Linschoten - o primeiro holandês a usar a palavra - passou largos anos em Lisboa, não temos dúvida nenhuma de que se trata dum lusitanismo em holandês e, portanto, também em africânico.<sup>(12)</sup>

almaskie ou maskie (= no entanto) < port. por mais que.

Boshoff e Nienaber<sup>(13)</sup> dão como étimo o português mas que, o que nos parece impossível. Uma comparação com o crioulo de Ceilão<sup>(14)</sup> maisque ou masque não pode deixar de nos sugerir, como sugeriu a Dalgado, o étimo por mais que.

asgaai (= azagaia) < hol. assegaai < port. azagaia (séc. XV) < ár. ou berber az-zagāiā.<sup>(15)</sup>

Boshoff e Nienaber<sup>(16)</sup> dão a palavra como vinda do

---

(12) Houwens Post, H. "De Lusitanismen in de Itinerario van Jan Huygen van Linschoten (1563 - 1611)." De Nieuwe Taalgids, LV (1962), p. 163.

(13) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 133.

(14) Dalgado, S.R. ob. cit., p. 162.

(15) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 2189.

(16) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 142. Lokotsch, K. ob. cit., p. 170.

espanhol, mas o facto dela ter passado do português para outras línguas europeias<sup>(17)</sup> e o de existir no crioulo de Batávia (assegaaya)<sup>(18)</sup> leva-nos a concluir que a palavra foi aceite em holandês por influência do português.<sup>(19)</sup>

baba (= bébé) < cr. port. da Índia baba.<sup>(20)</sup>

Deve ter sido um empréstimo feito no Cabo, pois o holandês não conhece esta forma, mas sim as formas zuigeling ou baby, a última das quais deriva certamente do inglês baby.<sup>(21)</sup>

bamboes (= bambu) < hol. bamboes<sup>(22)</sup> < port. bambu (séc. XVI), de origem obscura,<sup>(23)</sup> mas possivelmente

---

(17) Lopes, D. ob. cit., pp 107 e 111. Morais-Barbosa, J. A ... no mundo, p. 134.

(18) Schuchardt, H. ob. cit., p. 125.

(19) Hesseling, D.C. Het Afrikaans - bidrage tot de geschiedenis der Nederlandse Taal in Zuid-Afrika. Leiden, Brill, 1923, 2<sup>a</sup> edição, p. 82.

(20) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, p. 291. Leite de Vasconcelos, J. ob. cit., p. 140.

(21) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 147.

(22) De Vries, J. Nederlands Etymologisch Woordenboek. Leiden, Brill, 1971, p. 29.

(23) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, pp. 311 - 312.



te do marata.<sup>(24)</sup> No holandês a palavra foi introduzida por Linschoten.<sup>(25)</sup>

banana (= banana) < hol. banana < port. banana  
(séc. XVI) < ár. banān(a)<sup>(26)</sup> ou angolês banam.<sup>(27)</sup>

Boshoff e Nienaber<sup>(28)</sup> não estão certos se a palavra atingiu o holandês por intermédio do português ou do espanhol. Como a palavra se encontra documentada pela primeira vez em Garcia da Orta (1563),<sup>(29)</sup> não temos dúvida de que foram os Portugueses a difundirem-na pela Europa.<sup>(30)</sup>

basta (= basta) < hol. basta < port. basta (séc. XV).<sup>(31)</sup>

---

(24) Almeida Costa, J. e Sampaio e Melo, A. Dicionário de Português. Porto, Porto Editora, s.d., p. 184.

(25) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 152.

(26) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, p. 312. Lokotsch, K. ob. cit., p. 18.

(27) De Vries, J. ob. cit., p. 29.

(28) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 152.

(29) Onions, C.T. ob. cit., p. 72.

(30) Lopes, D. ob. cit., p. 107; Morais-Barbosa, J. A ... no mundo, p. 135.

(31) Machado, J.P. ob. cit., vo. I, p. 335.

Boshoff e Nienaber<sup>(32)</sup> mostram-se indecisos quanto à sua origem. Segundo estes distintos filólogos, tanto pode ter sido um lusitanismo como um italianismo. O facto dela existir no crioulo de Ceilão (basta)<sup>(33)</sup> e do verbo holandês basteren fazer parte do vocabulário português introduzido pela Companhia Holandesa das Índias Orientais<sup>(34)</sup> leva-nos a supôr que a palavra seja de origem portuguesa.

betel (= bétel) < hol. betel<sup>(35)</sup> < port. bétel (séc. XVI) < malaio vettila.<sup>(36)</sup>

A palavra existia também no crioulo de Batávia (betel).<sup>(37)</sup>

+ boniet (= espécie de atum) < port. bonito (séc. XVI) < origem discutida, possivelmente árabe.<sup>(38)</sup>

Não nos foi possível encontrar boniet em holandês,

---

(32) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 156.

(33) Dalgado, S.R. ob. cit., p. 51.

(34) Lopes, D. ob. cit., p. 94.

(35) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 162.

(36) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, p. 361. Lokotsch, K. ob. cit., p. 168.

(37) Schuchardt, H. Kreolische Studien IX, p. 105.

(38) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, p. 389.

o que nos leva a crer que tenha sido um empréstimo feito no Cabo. A palavra também existia no indo-  
-inglês. (39)

bredie (= bredo) < port. bredo (séc. XVII) < lat.  
blītu- < gr. blifton. (40)

A palavra pode também ter entrado no africânico  
através do malgaxe. (41)

brinjal (= beringela) < port. beringela (séc. XVI)  
ou bringela (séc. XV) < ár. badinjānā < persa  
bādnjān ou bādingān. (42)

Trata-se também de um empréstimo que o africânico  
fez directamente ao português.

broesa (= diabo) < port. bruxa (séc. XVI) < lat.  
\*brūxa. (43)

---

(39) Schuchardt, H. "Allgemeines über das Asio-  
portugiesische", p. 512.

(40) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, p. 404.

(41) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit.,  
p. 185.

(42) Ibidem, p. 186. Machado, J.P. Dic. Etim.,  
vol. I, p. 356. Lorenzo, R. ob. 'cit., p. 45.  
Lokotsch, K. ob. cit., p. 14.

(43) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit.,  
p. 186. Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I,  
p. 412.

A palavra sofreu uma evolução semântica que não se pode compreender, se não se levar em conta a palavra broesa (gigante) do crioulo de Batávia.<sup>(44)</sup>

Deve ter sido a partir desse significado masculino que a palavra veio a significar diabo em africânico.

daeraad (= dourada - espécie de peixe) < hol. do-rade<sup>(45)</sup> < port. dourada.

Embora Boshoff e Nienaber dêem a forma holandesa dorade, não nos foi possível encontrá-la nos dicionários da língua holandesa que consultámos. A aceitar a forma, não há dúvida que o e final é a grafia sul-africana para o som português [ɐ].

disa (= espécie de orquídea) < port. Dias,<sup>(46)</sup> nome do descobridor Bartolomeu Dias.

Trata-se de um empréstimo feito no Cabo.

emoë<sup>(47)</sup> (= ema - espécie de avestruz) < hol. emoë

---

(44) Schuchardt, H. Kreolische Studien IX, p. 113.

(45) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 193. A forma portuguesa dorado, que estes filólogos dão, não é correcta.

(46) Ibidem, p. 199.

(47) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 218.

< port. ema (séc. XVI) < molucano eme.<sup>(48)</sup>

faikonta < port. faz de conta.

A etimologia dada por Boshoff e Nienaber<sup>(49)</sup> (fazia de conta) não é correcta, visto que a forma fai é uma corruptela de faz e não de fazia. A mesma forma exista no crioulo de Ceilão (fai conta).<sup>(50)</sup>

+ farina<sup>(51)</sup> (= farinha) < port. farinha (séc. XIII)  
< lat. farīna-.<sup>(52)</sup>

Deve tratar-se de um empréstimo feito no Cabo, pois a palavra é desconhecida em holandês.

+ fayson<sup>(53)</sup> (= faisão) < port. faison (séc. XVI) <  
lat. phasīanu-.<sup>(54)</sup>

---

(48) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, p. 831.

(49) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 222.

(50) Dalgado, S.R. ob. cit., p. 51.

(51) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 223.

(52) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, p. 952.

(53) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 223.

(54) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, p. 943.

A etimologia dada por Franken<sup>(55)</sup> (feijão) é fonética e semanticamente impossível. Como a forma holandesa é fazant,<sup>(56)</sup> podemos concluir que se trata de um empréstimo feito no Cabo.

fernambuk<sup>(57)</sup> (= tipo de madeira) < port. Pernambuco < tupi para'nā e pu'ka.<sup>(58)</sup>

A forma é desconhecida em holandeses.

fetisj<sup>(59)</sup> (= feitiço) < hol. fetisch (possivelmente através do francês fétiche)<sup>(60)</sup> < port. feitiço (séc. XV) < lat. facticiu-.<sup>(61)</sup>

A palavra existia também no crioulo de Ceilão (feitiço),<sup>(62)</sup> o que pode ter reforçado o seu uso no

---

(55) Franken, J.L.M. ob. cit., p. 126.

(56) De Vries, J. ob. cit., p. 165.

(57) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 224.

(58) Nascentes, A. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1952, 2 vols., vol. II, p. 240.

(59) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 225.

(60) De Vries, J. ob. cit., p. 167.

(61) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, p. 960. Lorenzo, R. ob. cit., p. 177.

(62) Dalgado, S.R. ob. cit., p. 154.

Cabo.

froetang (= planta e fruta - espécie das Romuleae, família das Tridaceae) < malaio froetang < port. fruta (séc. XVI) < port. fruita (1152) < lat. fructu-.<sup>(63)</sup> É interessante notar que o crioulo de Tugu e o de Batávia conhecem respectivamente as formas vroeta e froeta.<sup>(64)</sup> A palavra é desconhecida em holandês.

+ garoep<sup>(65)</sup> (= garoupa) < port. garopa (séc. XVII) < port. choupa < lat. clŭpĕa.<sup>(66)</sup> A palavra não existe em holandês.

+ gekempera (= mestiço) < crioulo de Batávia tjempra < malaio tjampoer + port. temperar<sup>(67)</sup> (séc. XIV) < lat. tempĕrāre.<sup>(68)</sup>

---

(63) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 232. Lorenzo, R. ob. cit., p. 188.

(64) Schuchardt, H. Kreolische Studien IX, pp. 79 e 107.

(65) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., pp. 237 - 238.

(66) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, p. 1076.

(67) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 241. Mansvelt, N. Prove van een Kaapsch-Hollandsch Idioticon. Kaapstad, 1884, p. 50.

(68) 'Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 2062. Lorenzo, R. ob. cit., p. 352.

A palavra é desconhecida em holandês.

ghaaibout (= gaivota < port. gaivota < lat. gavia)<sup>(69)</sup>

Deve tratar-se de um empréstimo feito no Cabo.

gorlet (= gorgoleta < port. gorgoleta)<sup>(70)</sup> (séc. XVI)  
< radical garg-/gorg- que exprimia a ideia de garganta.<sup>(71)</sup>

A palavra aparece pela primeira vez documentada em Van Linschoten<sup>(72)</sup> e passou depois a pertencer ao vocabulário português da Companhia Holandesa das Índias Orientais.<sup>(73)</sup>

imbuia (= tipo de madeira) < port. do Brasil, possivelmente de imbu, fruto do imbuzeiro.<sup>(74)</sup>

jentoe (= prostituta) < port. gentio (= pagão)<sup>(75)</sup>  
+ gentio (palavra que no séc. XVI queria dizer "mu-

---

(69) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 245.

(70) Ibidem, p. 265.

(71) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, p. 1074.

(72) Houwens Post, H. ob. cit., (LV, p. 168).

(73) Lopes, D. ob. cit., p. 96.

(74) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, p. 1214.

(75) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 298. Mansvelt, N. ob. cit., p. 67.



lherio"). (76)

O j [i] deve derivar de uma palatalização, o que nos leva a pensar que a palavra tenha entrado no africânico através do crioulo português (compare-se, por exemplo, com o crioulo de Tugu tidjèla < port. tijela)<sup>(77)</sup> ou do indo-inglês (gentoo).<sup>(78)</sup>

jeropigo (= jeropiga) < port. jeropiga (séc. XVIII) < esp. jeropiga < esp. jarope (xarope),<sup>(79)</sup> possivelmente através do inglês jeropiga.<sup>(80)</sup>

A ortografia apresentada por Boshoff e Nienaber (geropiga) é incorrecta.

jisie (= diabo) < hol. jisie < javanês dejos < port. deus.<sup>(81)</sup>

A evolução da palavra foi possivelmente a seguinte: deus > dejos > \*djos > jos + ie. A palatalização deve pertencer aos crioulos portugueses do Oriente,

---

(76) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, p. 1091.

(77) Schuchardt, J. Kreolische Studien IX, p. 80.

(78) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 298.

(79) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 1261.

(80) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 310.

(81) Ibidem, p. 313. Mansvelt, N. ob. cit., p. 69.

enquanto que -ie é um diminutivo holandês popular.

kabaai (= cabaia) < hol kabaai<sup>(82)</sup> < malaio kabaja  
< ár. kabāiā,<sup>(83)</sup> certamente através do port. ca-  
baia (séc. XVI).<sup>(84)</sup>

A palavra foi levada pelos Portugueses para o Ceilão, onde assumiu as formas cabai, cabaya e cuobai.<sup>(85)</sup> A forma holandesa kabaai, que foi muito popular nas Índias Holandesas Orientais, pode, portanto, ter sido um empréstimo feito em Ceilão.

+kamesa<sup>(86)</sup> (= camisa) < port. camisa (séc. XI - 1075) < lat. camisia.<sup>(87)</sup>

A palavra é desconhecida em holandês.

kapater (= bode capado) < hol. colonial capado/  
capater<sup>(88)</sup> < port. capado < port. capar (séc. XV)

---

(82) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 318. Mansvelt, N. ob. cit., p. 70.

(83) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 425.

(84) De Vries, J. ob. cit., p. 292. Lokotsch, K. ob. cit., p. 71.

(85) Dalgado, S.R. ob. cit., p. 141.

(86) Hesseling, D.C. ob. cit., p. 70.

(87) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, p. 477.

(88) Lopes, D. ob. cit., p. 94. Mansvelt, N. ob. cit., p. 73.

< port. capão < lat. \*cappōne.<sup>(89)</sup>

karet (= carreta) < hol. karet/karette < port. carreta (1443) < provençal-catalão carreta < lat. carru-.<sup>(90)</sup>

Não nos parece que a palavra tenha entrado no africano através do espanhol ou do italiano, como Boshoff e Nienaber sugerem.<sup>(91)</sup> A existência desta palavra no crioulo de Ceilão (careta)<sup>(92)</sup> e no crioulo de Batávia (caretta)<sup>(93)</sup> leva-nos a crer que o holandês a tenha ido buscar a um desses crioulos.

karmonk<sup>(94)</sup> (= cardamomo) < port. cardamomo < lat. cardamōmu,<sup>(95)</sup> possivelmente através do crioulo de Batávia cardamongo.<sup>(96)</sup>

---

(89) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, p. 496.  
Lorenzo, R. ob. cit., p. 57.

(90) Almeida Costa, J. e Sampaio e Melo, A. ob. cit., p. 279.

(91) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 338. Segundo N. Mansvelt (ob. cit., p. 74) a forma normal holandesa seria krat.

(92) Dalgado, S.R. ob. cit., p. 143.

(93) Schuchardt, H. Kreolische Studien IX, p. 120.

(94) Valkhoff, M.F. Studies, p. 12.

(95) Almeida e Costa, J. e Sampaio e Melo, A. ob. cit., p. 273.

(96) Schuchardt, H. Kreolische Studien IX, p. 144.

O holandês desconhece esta palavra.

katel (= câtel) < hol. catel<sup>(97)</sup> < port. câtel (séc. XVI) < malaio kattil,<sup>(98)</sup> possivelmente através do crioulo de Batávia (katel).<sup>(99)</sup>

kiepersol (= tipo de árvore) < hol. kiepersol/kitasol<sup>(100)</sup> < port. quita-sol (port. quita desde a Idade Média < lat. quiētare através do francês quitter).<sup>(101)</sup>

Esta palavra existia no indo-inglês com a forma kittasol.<sup>(102)</sup>

kobra (= cobra) < hol. cobra<sup>(103)</sup> < port. cobra (séc. XIV) < lat. \*cōlōbra.<sup>(104)</sup>

---

(97) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 343. Mansvelt, N. ob. cit., p. 76.

(98) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, p. 534.

(99) Schuchardt, H. Kreolische Studien IX, p. 119.

(100) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 351.

(101) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 1839.

(102) Schuchardt, H. "Allgemeines über das Asio-portugiesische", p. 512.

(103) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 358.

(104) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, p. 621. Lorenzo, R. ob. cit., p. 73.

komers (= corbertor) < ant. hol. combaerts (o s final é possivelmente a forma do plural)<sup>(105)</sup> < port. coberta (séc. XV) < it. coperta < lat. cooperta.<sup>(106)</sup>

koperkapel (= cobra de capelo) < port. cobra de capelo, possivelmente através de uma forma holandesa.<sup>(107)</sup>

kraal (= curral) < hol. kraal (forma mais antiga coraal/koraal)<sup>(108)</sup> < port. curral (1054), possivelmente através do crioulo de Ceilão cural.<sup>(109)</sup>

A palavra entrou também no indo-inglês com a forma

---

(105) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 362.

(106) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, p. 621. Lorenzo, R. ob. cit., p. 73 dá a palavra como já documentada em 1327. O étimo comborça proposto por M. Valkhoff (Studies, p. 239) é inaceitável, visto que comborça significa "concubina", "barregã".

(107) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 365.

(108) Ibidem, p. 369. Lopes, D. ob. cit., p. 95. Mansvelt, N. ob. cit., p. 89. Lorenzo, R. ob. cit., p. 99.

(109) Dalgado, S.R. ob. cit., p. 147.

corral.<sup>(110)</sup>

kwispedoor (= escarrador) < hol. kwispedoor<sup>(111)</sup>  
< port. cuspidor (séc. XIV) < lat. conspuĕre.<sup>(112)</sup>  
O w resulta da pronúncia holandesa do u /y/.

A palavra cuspadore derivada do mesmo étimo português encontra-se também no indo-inglês.<sup>(113)</sup> A forma portuguesa moderna é escarrador.

laai<sup>(114)</sup> (= modo) < port. laia (séc. XVI) de origem obscura.

Esta palavra deve ter entrado no africânico através do crioulo do Ceilão (lai)<sup>(115)</sup> ou através do crioulo de Batávia (laay).<sup>(116)</sup>

---

(110) Schuchardt, H. "Allgemeines über das Asio-portugiesische", p. 512.

(111) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 378.

(112) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, p. 721.

(113) Schuchardt, H. "Allgemeines über das Asio-portugiesische", p. 512.

(114) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 379. Mansvelt, N. ob. cit., p. 92.

(115) Dalgado, S.R. ob. cit., p. 195.

(116) Schuchardt, H. Kreolische Studien IX, p. 92.

laskaar (= marinheiro) < hol. laskaar<sup>(117)</sup> < port.  
lascar (séc. XVI) < persa lashkar.<sup>(118)</sup>

Dois factos nos levam a crer que se trata de um empréstimo feito através do português. Em primeiro lugar, foi o português do século XVI que estabeleceu a diferença entre lascar (= marinheiro) e lascarim (= soldado) < persa lashkari.<sup>(119)</sup> Em segundo lugar, a forma lascarijn que aparece, pela primeira vez, documentada em Van Linschoten<sup>(120)</sup> não pode deixar de não ser o resultado da nasalização final portuguesa, como Schuchardt já tinha notado.<sup>(121)</sup> Outras palavras de origem oriental que sofreram a nasalização do i final em português foram mandarim (< sânscrito mantri) e palanquim (< telegu pallaki).

maai<sup>(122)</sup> < port. mãe/mãi < port. madre (1319) <

---

(117) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 383.

(118) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 130. Lokotsch, K. ob. cit., p. 104.

(119) Ibidem, p. 130.

(120) Houwens Post, H. ob. cit., (LV, p. 329).

(121) Schuchardt, H. "Allgemeines über das Asio-portugiesische", p. 509.

(122) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p.399. Mansvelt, N. ob. cit., p. 99. Lorenzo, R. ob. cit., p. 231.

lat. matre-.

A palavra é comum a vários dialectos crioulos portugueses, como, por exemplo ao dialecto de Ceilão (mai)<sup>(123)</sup> e ao dialecto de Batávia (maay).<sup>(124)</sup>

maaifoedie (= vilão, velhaco, porcalhão) < port. mãe + foder.<sup>(125)</sup>

A palavra é desconhecida em holandês.

malgas (= variedade de ave) < antig. hol. malagas/  
mallega(a)s < port. mangas de veludo.<sup>(126)</sup>

mandaryn (= mandarim) < hol. mandarijn<sup>(127)</sup> < port. mandarin (séc. XVI) que não deve estar relacionado com mandar, mas que deve ser uma corruptela do sâns-

---

(123) Van Ginneken, J. Handboek der Nederlandsche Taal. Nijmegen, L.C.G. Malmberg, 1913, p. 297.

(124) Schuchardt, H. Kreolische Studien IX, p. 115.

(125) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 399.

(126) Ibidem, p. 405. Valkhoff, M.F. Studies, p. 11 sugere a possibilidade da forma ter sido influenciada pelo africânico malmokke.

(127) Ibidem, p. 408.



crito mantri (= conselheiro, ministro de estado).<sup>(128)</sup>

Embora Boshoff e Nienaber não indiquem que a palavra entrou no holandês por intermédio do português, o facto da palavra terminar em -ijn, assegura-nos que ela deriva de uma nasalização, portanto, de um -im português, e não directamente do sânscrito nem por intermédio doutra língua.<sup>(129)</sup>

mandoor<sup>(130)</sup> (= capataz) < port. mandador < port. mandar < lat. mandāre.<sup>(131)</sup>

Talvez se trate de um empréstimo feito no Cabo.

mango (= manga) < hol. manga/mango<sup>(132)</sup> < port. manga/mango (séc. XVI).

Boshoff e Nienaber derivam a palavra do malaio, o

---

(128) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 1411.  
Lokotsch, K. ob. cit., p. 111.

(129) Veja-se a palavra holandesa laskarijn tratada supra.

(130) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 408.

(131) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, pp. 1409, 1410, 1411.

(132) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 409.

que não é completamente exacto, visto que o malaio mangga é de origem indiana e foi introduzido no malaio pelos Portugueses no século XVI.<sup>(133)</sup>

mangostan (= mangosta) < hol. mangostan < port. mangosta < malaio manggistan.<sup>(134)</sup>

marmelade (= marmelada) < hol. marmelade < fr. marmelade<sup>(135)</sup> < port. marmelada < port. marmelo < lat. mēlīmēllu.<sup>(136)</sup>

A palavra francesa marmelade não deriva do espanhol mermelada, hipótese que Boshoff e Nienaber põem, mas sim do português.<sup>(137)</sup>

mesties (= mestico) < hol. mesties<sup>(138)</sup> < port. mestico (séc. XVI) < esp. mistizo < lat. tardio mīxticiu-.<sup>(139)</sup>

---

(133) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 414.

(134) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 409.

(135) Ibidem, p. 412.

(136) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 1460.

(137) Morais-Barbosa, J. A língua portuguesa no mundo, p. 135.

(138) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 421.

(139) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 1483.

A palavra aparece pela primeira vez documentada em Van Linschoten e ainda existe em africânico.<sup>(140)</sup>

mielie (= milho) < hol. milie<sup>(141)</sup> < port. milho  
(séc. XIII - 1223) < lat. \*mīliu.<sup>(142)</sup>

A palavra aparece pela primeira vez documentada em Van Linschoten.<sup>(143)</sup>

moesson (= monção) < hol. monsoen/moesson<sup>(144)</sup> <  
port. monção/moução (séc. XVI) < ár. mausim.<sup>(145)</sup>

A forma desnasalizada moesson deve ter entrado no holandês através do crioulo do Ceilão moção,<sup>(146)</sup> que deve derivar de moução.

- 
- (140) Houwens Post, H. ob. cit., (LV, p. 167).  
Bosman, D.B., Van der Merwe, I.W. &  
Hiemstra, L.W. Tweetalige Woordeboek.  
Kaapstad, Nasionale Boekhandel, 1967, p. 456.
- (141) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit.,  
p. 422.
- (142) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 1505.  
Lorenzo, R. ob. cit., p. 247.
- (143) Houwens Post, H. ob. cit., (LVI, p. 109).
- (144) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit.,  
p. 428.
- (145) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 1525.  
Lokotsch, K. ob. cit., p. 115.
- (146) Dalgado, S.R. ob. cit., p. 164.

A forma do plural monssoyns (monções), que aparece em Van Linschoten,<sup>(147)</sup> deve ser uma tentativa de aproximar a grafia à pronúncia portuguesa.

mulat (= mulato) < hol. mulat<sup>(148)</sup> < port. mulato (séc. XVI)<sup>(149)</sup> < ár. muwallad (= árabe cuja ascendência não é pura).<sup>(150)</sup> Segundo o etimólogo J. de Vries, só posteriormente é que se deu o cruzamento com mulo.

nabob (= nababo) < hol. nabob/nabab<sup>(151)</sup> < port. nababo (1800) < hindustani navāb.<sup>(152)</sup>

<sup>+</sup>navet (=naveta) < hol. navet<sup>(153)</sup> < port. naveta (séc. XIV) < it. navetta.<sup>(154)</sup>

---

(147) Houwens Post, H. ob. cit. (LV, p. 163).

(148) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 433. Bosman, D. e outros ob. cit., p. 473.

(149) Machado, J.P. Dic. Etim., vo. II, p. 1552.

(150) De Vries, J. ob. cit. p. 459.

(151) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 437.

(152) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 1565. É possível que a palavra tenha entrado no holandês através do inglês. Lokotsch, K. ob. cit., p. 124.

(153) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 443.

(154) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 1572.

A palavra existia no vocabulário de origem portuguesa da Companhia Holandesa das Índias Orientais.<sup>(155)</sup>

nôï (= rapariga, namorada) < port. dona<sup>(156)</sup> ou  
< port. noiva.<sup>(157)</sup>

Deve tratar-se de um empréstimo feito no Cabo.

nonna<sup>(158)</sup> (= filha mais velha de brancos)<sup>(159)</sup> <  
port. dona,<sup>(160)</sup> por assimilação regressiva.

A palavra pode ter entrado no holandês colonial

---

(155) Lopes, D. ob. cit., p. 97.

(156) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit.,  
p. 449.

(157) Valkhoff, M.F. Studies, p. 237. Mansvelt,  
N. ob. cit., p. 112.

(158) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit.,  
p. 449.

(159) Valkhoff, M.F. Studies, p. 160.

(160) Valkhoff (ibidem, p. 239) deriva a palavra  
dos étimos noiva e dona, enquanto que Gonçalves  
Viana em Les vocables malais empruntés au  
portugais a deriva do étimo senhora (cita-  
do em Dalgado, S.R. ob. cit., p. 17).

(non)<sup>(161)</sup> através do crioulo de Ceilão nona.<sup>(162)</sup>  
As antigas formas do africânico nonje e nunje devem  
corresponder à forma do crioulo de Macau nhonha<sup>(163)</sup>  
que, segundo parece, é derivada do português popu-  
lar nhora (< port. senhora) por assimilação pro-  
gressiva.<sup>(164)</sup>

paai<sup>(165)</sup> (= pai) < port. pai < lat. patre-, possi-  
velmente através do crioulo de Batávia paay.<sup>(166)</sup>

O étimo pae dado por Boshoff e Nienaber é uma forma  
antiquada.

paaiboelie(= papão) < port. pai + malaio boelé  
(= homem branco)<sup>(167)</sup> ou então do ing. bully (ver-  
bo e substantivo).

A palavra não existe em holandês.

---

(161) Woordenboek d. Nederlandsche Taal (I - XXI,  
1882 -, suplementos desde 1942). S'Graven-  
hage, Nijhoff, IX, p. 2065.

(162) Dalgado, S. R. ob. cit., pp. 17 e 166.

(163) Valkhoff, M.F. Studies, p. 239.

(164) Morais-Barbosa, J. A ... no mundo, p. 126.

(165) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit.,  
p. 475. Mansvelt, N. ob. cit., p. 121.

(166) Schuchardt, H. Kreolische Studien IX, p. 98.

(167) Mansvelt, N. ob. cit., p. 121. Boshoff, S.P.  
en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 475.

pagoda<sup>(168)</sup> (= pagode) < hol. pagode < port. pagode  
(séc. XV)<sup>(169)</sup> < sânscrito bhagavat ou do persa  
butkādā.<sup>(170)</sup>

Foi através do português que a palavra entrou nas principais línguas europeias. Em francês a palavra entrou em 1553,<sup>(171)</sup> em inglês em 1634<sup>(172)</sup> e em holandês também durante o séc. XVII.<sup>(173)</sup>

palankyn (= palanquim) < hol. palankijn < port.  
palanquim < telegu pallakī.<sup>(174)</sup>

Boshoff e Nienaber afirmam que a palavra entrou no holandês através do francês do séc. XVII, o que não é exacto, visto que a palavra já aparece em Van Linschoten com a forma pallamkijn. Houwens Post considera-a um lusitanismo,<sup>(175)</sup> o que é confirmado pela terminação -ijn, como já vimos em laskarijn e mandarijn.

---

(168) Ibidem, p. 477.

(169) De Vries, J. ob. cit., p. 501.

(170) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, pp. 1649 - 1650. Lokotsch, K. ob. cit., pp. 30 - 31.

(171) Morais-Barbosa, J. A ... no mundo, p. 134.

(172) Ibidem, p. 134.

(173) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 477.

(174) Ibidem, p. 478.

(175) Houwens Post, H. ob. cit., (LV, p. 167).

+ palawer (= negociação) < hol. palaver<sup>(176)</sup> < port. palavra (séc. XIV) < lat. pārābola,<sup>(177)</sup> possivelmente através do crioulo de Ceilão palaver,<sup>(178)</sup> onde o fenómeno de metátese do r, normalmente em sílaba final, é muito comum: abersá < port. abraçar, milâgir < port. milagre, vidor < vidro.<sup>(179)</sup>

+ patakka (= pataca) < port. pataca < ár. abū ṭāka<sup>(180)</sup>

Esta moeda usou-se no Cabo durante a segunda metade do séc. XIX.

perdevis (= peixe-cavalo), tradução de um crioulo português, possivelmente do crioulo da Guiné piis-kabalu.<sup>(181)</sup>

pikkenien (= rapazinho nativo) < port. pequenino, pronunciado muitas vezes [piki'ninu] < port.

---

(176) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 478.

(177) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, pp. 1655 - 1656. Lorenzo, R. ob. cit., p. 269.

(178) Dalgado, S.R. ob. cit., p. 167; Van Ginneken, J. ob. cit., p. 297.

(179) Dalgado, S.R. ob. cit., p. 21.

(180) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 488; Hesseling, D.C. ob. cit., p. 71. Lokotsch, K. ob. cit., p. 157.

(181) Wilson, W.A.A. ob. cit., p. 4.



pequeno.<sup>(182)</sup>

A palavra é desconhecida em holandês.

rabas (= rabaça) < port. rabaça,<sup>(183)</sup> possivelmente através do crioulo de Batávia rabassa.<sup>(184)</sup>

A palavra é desconhecida em holandês.

ramkie<sup>(185)</sup> (= rabequinha) < port. rabequinha < port. rabeça (séc. XVI) < prov. rebec.<sup>(186)</sup>

Trata-se de um empréstimo feito no Cabo.

reaal (= real, moeda) < port. real.<sup>(187)</sup>

<sup>+</sup>ronkedoor<sup>(188)</sup> (= elefante) < port. roncador <

---

(182) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 500.

(183) Ibidem, p. 528; Valkhoff, M.F. Studies, p. 12.

(184) Schuchardt, H. Kreolische Studien IX, p. 145.

(185) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 350; Mansvelt, N. ob. cit., p. 131.

(186) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 1842.

(187) Hesseling, D.C. ob. cit., p. 70.

(188) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 549.

port. roncar (séc. XVI) < lat. rhonchāre.<sup>(189)</sup>

A palavra deve ter entrado no vocabulário da Companhia Holandesa das Índias Orientais (roncador)<sup>(190)</sup> através do crioulo de Ceilão, onde designava um certo tipo de elefante.<sup>(191)</sup>

sago (= sagu) < hol. sago<sup>(192)</sup> (desde o séc. XVII)  
< port. sagu (desde os meados do séc. XVI) < malaio sāgū.<sup>(193)</sup>

Embora Boshoff e Nienaber não mencionem a intervenção do português na passagem do malaio ao holandês, C.T. Onions afirma-a.<sup>(194)</sup> Também foi através do português que a palavra entrou no francês em 1620.<sup>(195)</sup>

sambreel (= guarda-sol) < hol. colonial sombreel

---

(189) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 1909.  
Lorenzo, R. ob. cit., p. 322.

(190) Lopes, D. ob. cit., p. 99.

(191) Woordenboek d. Nederlandsche Taal, vol. XIII, p. 1161.

(192) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 560.

(193) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 1932.

(194) Onions, C.T. ob. cit., p. 782.

(195) Morais-Barbosa, J. A língua portuguesa no mundo, p. 135.

< crioulo sombreloe<sup>(196)</sup> < port. sombreiro < lat.  
\*sölumbra.<sup>(197)</sup>

A palavra sombreiro aparece documentada em português desde 1253, mas só depois é que se generalizou na Índia com o sentido de guarda-sol.<sup>(198)</sup>

sinjoor<sup>(199)</sup> (= senhor) < port. senhor (1101), possivelmente através do crioulo de Batávia sinjoor.<sup>(200)</sup>

spens (= despesa) < hol. dispens<sup>(201)</sup> < port. despensa < prov.-occ. despensa<sup>(202)</sup> < lat. dispensa.<sup>(203)</sup>

---

(196) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 562. Mansvelt, N. ob. cit., p. 137. menciona uma forma sambreero que deve derivar do português sombreiro através do português de Java sambrero (ver Leite de Vasconcelos ob. cit., p. 150).

(197) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II. pp. 2020 - 2021.

(198) Ibidem, pp. 2020 - 2021.

(199) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 576.

(200) Schuchardt, H. ob. cit., p. 90.

(201) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., pp. 609 - 610.

(202) Almeida Costa, J. e Sampaio e Melo, A. ob. cit., p. 475.

(203) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, pp. 1012 - 1013.

Embora o português despensa seja muitas vezes pronunciado "dispensa", o verdadeiro étimo da palavra holandesa dispens é despensa.

tamaai<sup>(204)</sup> (= tamanho) < crioulo de Batávia ta-manjoe<sup>(205)</sup> < port. tamanho < lat. tam magnum.<sup>(206)</sup>

Trata-se de um empréstimo feito no Cabo.

tapioka (= tapioca) < hol. tapioca<sup>(207)</sup> < port. tapioca (séc. XVIII) < tupi tipiog.<sup>(208)</sup>

tarentaal (= espécie de pássaro) < port. terra do Natal.<sup>(209)</sup>

tasal (= tassalho) < port. tassalho (séc. XVI), de origem obscura,<sup>(210)</sup> possivelmente contaminado por sal.<sup>(211)</sup>

---

(204) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 633. Mansvelt, N. ob. cit., p. 160.

(205) Schuchardt, H. ob. cit., p. 107.

(206) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, p. 471.

(207) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 635.

(208) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 2050.

(209) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 636.

(210) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 2055.

(211) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 636.

A palavra é desconhecida em holandês.

tenk (= tanque) < port. tanque < guzarate tānkh.<sup>(212)</sup>

A palavra inglesa tank (1616) deriva também do português.<sup>(213)</sup>

<sup>+</sup>tinang (= espécie de barco)<sup>(214)</sup> < port. tina,  
com evolução semântica < lat. tīna.<sup>(215)</sup>

A palavra não existe em holandês.

tjok<sup>(216)</sup> (= choco) < port. choco (séc. XII) < lat. cūcculu-,<sup>(217)</sup> possivelmente através do crioulo português, visto que houve uma palatalização do som [ʃ]. Compare-se com o crioulo de Batávia bit-joe < port. bicho.<sup>(218)</sup>

---

(212) Ibidem, p. 640. Lokotsch, K. ob. cit., p. 159.

(213) Morais-Barbosa, J. A língua portuguesa no mundo, p. 134.

(214) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 643.

(215) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 2083.

(216) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 646.

(217) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, p. 590.

(218) Schuchardt, H. Kreolische Studien IX, p. 137.

Deve tratar-se de um empréstimo feito no Cabo.

<sup>+</sup>trawaat (= travados) < hol. travaat < port. travados<sup>(219)</sup> < port. trovoadas (fins do séc. XV)<sup>(220)</sup>

A palavra pertence ao vocabulário português da Companhia Holandesa das Índias Orientais.<sup>(221)</sup>

trawal (= dificuldade, contrariedade) < port. trabalho<sup>(222)</sup> < lat. \*trīpaliāre.<sup>(223)</sup>

A palavra aparece documentada pela primeira vez em Van Linschoten,<sup>(224)</sup> e depois passou a fazer parte do vocabulário português da Companhia Holandesa das Índias Orientais.<sup>(225)</sup>

---

(219) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 656.

(220) Almeida Costa, J. e Sampaio e Melo, A. ob. cit., p. 1486. Lorenzo, R. ob. cit., p. 366.

(221) Lopes, D. ob. cit., p. 99.

(222) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 656. Mansvelt, N. ob. cit., p. 165.

(223) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 2098.

(224) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 656.

(225) Lopes, D. ob. cit., p. 99.

<sup>+</sup>trombas (= trombas) < port. trombas. (226)

A palavra não existe em holandês.

tronk (= prisão) < port. tronco (227) < lat.  
truncu-. (228)

O empréstimo deve ter sido feito no Cabo, embora a evolução semântica de "tronco" a "prisão" se possa ter efectuado num dos crioulos portugueses. Compare-se, por exemplo, a forma do africânico com a forma do malaio tronko (= prisão) < port. tronco. (229)

veranda (= varanda) < hol. veranda < port. varanda, (230) de origem obscura possivelmente do sânscrito barāṇḍa, já documentado no diário de Vasco da Gama (séc. XV). (231) O empréstimo pode ter sido feito através do malaio varānda (< port. va-

---

(226) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 659.

(227) Ibidem, p. 659.

(228) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 2118.

(229) Morais-Barbosa, J. A língua portuguesa no mundo, p. 126.

(230) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 679.

(231) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 2148. Lokotsch, K. ob. cit., p. 19.

randa).<sup>(232)</sup> A grafia e é uma transcrição holandesa para o som português [ɐ].

Além destas palavras que derivam do português ou através dele, há outras, cuja origem portuguesa não está ainda bem provada ou é simplesmente improvável, como veremos na discussão de cada uma delas:

arrie (= arre!).

Esta palavra tanto pode ter tido origem portuguesa (< port. arre) ou holandesa (< hol. arra, arrée).<sup>(233)</sup>

baljaar (= fazer barulho).

O Woordenboek der Nederlandsche Taal dá a palavra holandesa baljaren como vinda do espanhol baylar.<sup>(234)</sup> No entanto, não é de excluir a hipótese que a palavra possa ter tido a sua origem no português arcaico balhar, visto que o som português

---

(232) Morais-Barbosa, J. A língua portuguesa no mundo, p. 126.

(233) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 141.

(234) Woordenboek der Nederlandsche Taal, vol. II, p. 921. Mansvelt, N. ob. cit., p. 12 deriva a palavra do português.



[Λ] é grafado lj em holandês e no africânico.

jaguar (= jaguar) < tupi-guarini jaguará.<sup>(235)</sup>

A história da palavra é a seguinte. Em 1771 ela entrou na língua francesa, quando um português do Brasil a deu a conhecer ao naturalista francês Buffon (1707 - 1788). Do francês a palavra entrou no holandês,<sup>(236)</sup> donde o africânico a herdou. A palavra portuguesa jaguar data do séc. XIX.<sup>(237)</sup>

kakkerlak (= barata).

Boshoff e Nienaber<sup>(238)</sup> dão a palavra como vinda do espanhol cucaracha ou do antigo português cacalacca. Não nos foi possível encontrar esta palavra no português antigo, mas encontrámo-la no crioulo de Batávia (kakkarlac), onde é um empréstimo ao holandês,<sup>(239)</sup> o que nos leva a concluir que a palavra não é de origem portuguesa. Parece-nos mais lógica a opinião do Woordenboek der Nederlandsche Taal que afirma que a palavra passou de

---

(235) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 304.

(236) De Vries, J. ob. cit., p. 284.

(237) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 1252.

(238) Boshoff, S.P..E en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 322.

(239) Schuchardt, H. Kreolische Studien IX, p. 137.

uma das línguas faladas nas Índias Ocidentais directamente para o holandês.<sup>(240)</sup>

kasaat (= café fraco).

Boshoff e Nienaber<sup>(241)</sup> propõem o étimo português cansado, mas a passagem deste étimo ao africânico não está documentada. O outro étimo que estes linguistas propõem (port. chasada) levanta problemas de ordem semântica.

+ kris (= cris) < malaio ou do javanês keris.<sup>(242)</sup>

A palavra aparece documentada pela primeira vez em Van Linschoten<sup>(243)</sup> com a forma krits. Tanto pode ter entrado directamente no holandês (com a síncope do e) ou através do português cris, já documentado no século XVI.<sup>(244)</sup> A palavra é kris no holandês moderno.

lemoen (= laranja) < ár. līmun.<sup>(245)</sup>

---

(240) Woordenboek der Nederlandsche Taal, sub voce kakkerlak.

(241) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 342.

(242) Ibidem, p. 373.

(243) Ibidem, p. 373.

(244) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. I, p. 705.

(245) Ibidem, vol. II, pp. 1336 - 1337.

A palavra holandesa lemoen (= limão) derive do francês limon (séc. XII).<sup>(246)</sup> A palavra lemoen (= laranja) no africânico é, portanto, o resultado dum evolução semântica realizada no crioulo de Batávia.<sup>(247)</sup> Este crioulo aceitou a palavra portuguesa limão (cr. de Batávia limaang), mas para distinguir entre "laranja" e "limão" passou a usar respectivamente as expressões limaang dossie (= limão doce) e limaang ajiedoe (= limão azedo).<sup>(248)</sup> O africânico seguiu o crioulo de Batávia neste uso, traduzindo literalmente as expressões: soetlemoen (= limão doce) e suurlemoen (= limão azedo).

mankettie (= mancenilha).

Boshoff e Nienaber<sup>(249)</sup> consideram que a palavra é de origem obscura, mas que poderia ter tido como étimo o português mancenilha. Foneticamente afigura-se-nos difícil a passagem de mancenilha a mankettie, embora reconheçamos que seja semanticamente possível.

---

(246) Woordenboek der Nederlandsche Taal, sub voce lemoen.

(247) Valkhoff, M.F. Studies, p. 231.

(248) Schuchardt, H. Kreolische Studien IX, p. 139.

(249) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 410.

negosie (= negócio).

Boshoff e Nienaber<sup>(250)</sup> dão a palavra como vinda do francês négoce, mas também se nos afigura possível que a palavra tenha vindo do português negócio ou do crioulo de Ceilão negócia,<sup>(251)</sup> visto que entrou em holandês no século XVII.

piering (= pires).

A palavra piering não deriva do português pires,<sup>(252)</sup> mas sim do malaio piering, visto que o português pires (1613) também deriva do malaio piering.<sup>(253)</sup>

robbedoe (= pessoa desordeira e de mau carácter).

De Vries afirma que a palavra deriva do frisão.<sup>(254)</sup> Boshoff e Nienaber derivam a palavra do português raivoso através do crioulo português raaybojoe,<sup>(255)</sup> mas esse étimo afigura-se-nos fonética e semânticamente impossível.

---

(250) Ibidem, p. 444. Mansvelt, N. ob. cit., p. 110.

(251) Dalgado, S.R. ob. cit., p. 165.

(252) Valkhoff, M.F. Studies, p. 31. Mansvelt, N. ob. cit., p. 126.

(253) Machado, J.P. Dic. Etim., vol. II, p. 1746.

(254) De Vries, J. ob. cit., p. 581.

(255) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 545.

Embora não deixando de concordar com Boshoff e Nienaber que a palavra é de origem portuguesa,aremos propôr outro étimo. O primeiro e de robbedoe é pronunciado [ɐ], o que indica que deve corresponder à grafia portuguesa a [ɐ]. O oe [u] deve representar uma redução do português or [or], possivelmente através de um som intermédio [o]. Baseado nestes dois factos, o autor proporia o étimo roubador que aparece também no crioulo de Ceilão com a forma rubador.<sup>(256)</sup> Esta forma pode ter servido de intermediária entre o português e o holandês/africânico. No holandês moderno a palavra quere dizer "criança barulhenta".

troef (= trunfo) < hol. troef.<sup>(257)</sup>

Boshoff e Nienaber derivam o holandês troef do latim triumphus através do francês triomphe. Van Wijk propõe o étimo espanhol triunfo.<sup>(258)</sup> Afigura-se-nos que a palavra portuguesa trunfo, quearemos propôr como étimo, seja fonética e semânticamente mais próxima do africano.

---

(256) Dalgado, S.R. ob. cit., p. 175.

(257) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 658.

(258) Van Wijk, N. Franck's Etymologisch Woordenboek der Nederlandsche Taal. S'Gravenhage, Nijhoff, 1912, 2e druk, p. 709.

<sup>+</sup>trok (= comércio, troca).

Esta palavra tanto pode ter vindo do francês troquer como do português trocar.<sup>(259)</sup>

vieruurtjies (= nome de flor).

A palavra costuma ser considerada como uma tradução do crioulo de Batávia foela quater oras.<sup>(260)</sup> No entanto, Boshoff e Nienaber são da opinião que, como a forma está documentada no holandês e em alguns dos seus dialectos, é desnecessário derivá-la do crioulo português.<sup>(261)</sup>

O vocabulário português no africânico distribui-se pelos seguintes campos semânticos: alimentação (bredo, farinha, jeropigo, marmelade, tapioka, tassel); fauna (boniet, daeraad, emoe, fayson, garoep, ghaaibout, kapater, kobra, koperkapel, malgas, perdevis, ronkedoor, tarentaal, tjok); flora (bamboes, banana, betel, brinjal, disa, fernambuk, froetang, imbuia, karmonk, kiepersol, mango, mangostan, mielie, rabas, trombas); habitação (alkatief, katel, kombers, kraal, kwispedor, spens, veranda);

---

(259) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., p. 658.

(260) Valkhoff, M.F. Studies, p. 12.

(261) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S. ob. cit., pp. 686 - 687.

homem ( albino, baba, gekempera, jentoe, mesties, mulat, nôi, nonna, pikkenien, sinjoor); justiça (tronk); officios e profissões (aia, laskaar, mandaryn, mandoor, nabob); parentesco (maai, paaí); religião (broesa, fetisj, josie, paaiboelie, pagoda); termos militares e náuticos (asgaai, moesson, navet, tinang, trawaat); vestuário (kabaai, kamesa, sombreel); vários (almaskie, basta, faikonta, gorlet, laai, maaifoedie, palawer, palankyn, patakka, ramkie, reaal, sago, tamaai, tenk, trawal).

Dos 89 vocábulos africanicos cuja origem portuguesa é certa, 45 são desconhecidos em holandês (50,5%), o que nos leva a concluir que se trate de empréstimos feitos no Cabo. Embora estejamos de acordo com o Professor Morais-Barbosa, quando ele diz que a interferência lexical é pouco significativa no quadro geral da interferência linguística,<sup>(262)</sup> não podemos deixar de concluir também que, apesar da oposição e dos ataques feitos ao português na colônia do Cabo, os escravos portugueses de língua crioula, que constituíam a grande maioria da população portuguesa, deixaram bem assinalada na língua africana a sua passagem por estas partes do globo.

---

(262) Morais-Barbosa, J. "A língua portuguesa de Macau", p. 12.

.

## 2. OUTRAS POSSÍVEIS INFLUÊNCIAS PORTUGUESAS NO AFRICÂNICO

Tem-se afirmado que do contacto lingüístico entre o holandês e as diversas formas de português faladas no Cabo só resultou a interferência lexical acima descrita.<sup>(263)</sup> Contudo, esta é simplesmente a opinião de alguns defensores de certas teorias sobre as origens da língua africânica.<sup>(264)</sup> Outros autores, como Hesseling,<sup>(265)</sup> Du Toit<sup>(266)</sup> Valk-

- 
- (263) Smuts, J. "Die geboorte van 'n nuwe taal" em Taal en Tekens (Kaapstad, Academica, 1968), p. 23: "Hierdie ontleninge op die gebied van die woordeskat maak egter die enigste spore van direkte invloed van die slawetaal op Afrikaans uit wat met sekerheid bewys kan word".
- (264) Acerca das teorias sobre as origens do africânico, veja-se Bosman, D.B. Oor die ontstaan van Afrikaans (Amsterdam, Swets & Zeitlinger, 1928), Smith, J.J. Theories about the origin of Afrikaans (Johannesburg, W.U.P., 1952) e Valkhoff, M.F. New Light.
- (265) Hesseling, D.C. Het Afrikaansch. Leiden, 1899. Uma segunda edição revista deste livro apareceu em 1923 com o título Het Afrikaans (Leiden, Brill).
- (266) Du Toit, P.J. Afrikaansche Studies. Gent, Siffer, 1905.



hoff<sup>(267)</sup> aceitam que este contacto linguístico tenha produzido algo mais do que a interferência lexical.

Num estudo por publicar, realizado em 1970, o autor desta tese sugeriu que alguns aspectos gramaticais da língua africânica poderiam ter sido influenciados pela língua portuguesa.<sup>(268)</sup> Para que este estudo sobre a língua portuguesa na África do Sul fique mais completo, apresentamos aqui uma lista revista desses aspectos. Embora admitindo que muitos deles possam não ser o resultado directo da influência portuguesa, não é de excluir a possibilidade de que a sua presença nos crioulos portugueses tenha fortalecido essas tendências no africânico. A este fenómeno deu Valkhoff o nome de "encontros linguísticos" (linguistic encounters).<sup>(269)</sup>

- 
- (267) Valkhoff, M.F. Studies in Portuguese and Creole (já citado) e New Light on Afrikaans and "Malayo-Portuguese" (também já citado).
- (268) Leal, L. Analogias entre o português e o afrikaans. Dissertação apresentada na Universidade do Witwatersrand para o grau de Bachelor of Arts with Honours, Johannesburg, 1970.
- (269) Valkhoff, M.F. New Light, pp. 25 e 78 - 84. Veja-se também do mesmo autor Studies, pp. 196 - 197 e 228.

## 2.1 O monema de posse se

A partícula possessiva africânica se /sa/ é usada a seguir ao substantivo que indica o possuidor e, só depois, se lhe segue o substantivo que indica o objecto possuído: die nonnie se deur (= a porta da menina). Esta construção, que é desconhecida em holandês, tem paralelo em alguns crioulos portugueses:

crioulo de Malaca: nóna-sã pórtá<sup>(270)</sup> (= a porta da menina).

crioulo de Ceilão: Salvador-su cruz<sup>(271)</sup> (= a cruz do Salvador).

crioulo de Singapura: barco su companhia<sup>(272)</sup> (= a companhia dos vapores).

crioulo de Macau: sium sa tempo<sup>(273)</sup> (= o tempo do senhor).

Gularte sua casa<sup>(274)</sup> (= a casa de Gularte).

## 2.2 O uso da preposição vir (= para)

O uso da preposição vir (= para) com verbos que a

---

(270) Hancock, I.F. ob. cit.

(271) Dalgado. S.R. ob. cit., p. 37.

(272) Morais-Barbosa, J. Estudos linguísticos, p. 176.

(273) Morais-Barbosa, J. "A língua portuguesa de Macau", p. 12.

(274) Ibidem, p. 12.

não necessitavam em holandês é comum ao africânico e ao crioulo português. Temos assim que a frase antwoord vir my (= responde-me) pode ser considerada como uma tradução literal exacta do crioulo português responder per mi (= responde-me).<sup>(275)</sup>

### 2.3 A reduplicação

A reduplicação é uma das características de todas as línguas crioulas.<sup>(276)</sup> Com efeito, em crioulo quase todas as palavras podem ser reduplicadas.

A reduplicação parece ser usada com diversos fins, segundo as palavras que são reduplicadas. No crioulo de Malaca, por exemplo, os substantivos são reduplicados para indicar pluralidade (brigadâng-brigadâng = soldados), os verbos para indicar uma acção repetitiva e os adjectivos para dar ênfase.<sup>(277)</sup>

---

(275) Valkhoff, M.F. Studies, p. 12.

(276) Ibidem, p. 229.

(277) Hancock, I.F. ob. cit. Leite de Vasconcelos (ob. cit., pp. 137, 138, 142, 143, 148, 150) afirma que a reduplicação para indicar pluralidade também existe nos dialectos crioulos de Diu (cão-cão = port. cães), Norteiro (fi-fi = port. filhos), de Mangalor (tud crianç-crianç = port. crianças), de Cochim (senhor-senhor = port. senhores), de Macau (porco-porco = port. porcos) e Batávia (senhor-senhor = port. senhores).

No entanto, outros crioulos aceitam a reduplicação de outras palavras. (278)

A língua africânica conhece também vários tipos de reduplicação:

- a. substantivos - na linguagem infantil africânica os substantivos podem ser reduplicados para indicarem pluralidade: kom ons speel huis-huis (= vamos brincar às casas). Esta possibilidade também existe na linguagem dos adultos: die blomme het lap-lap in die veld gestaan (= as flores estavam espalhadas pelo campo como re-mendos). (279)
- b. adjectivos - como no crioulo de Malaca, os adjectivos são reduplicados para indicar intensidade: (280) ver-ver (= muito longe). Compare-se com o crioulo português logo-logo (= muito longe). (281)
- c. advérbios - os advérbios são também reduplicados para indicar intensidade: maak gou-gou (= despacha-te). (282)

---

(278) Valkhoff, M.F. Studies, p. 229.

(279) Kempen, W. Woordvorming en Funksiewisseling in Afrikaans. Kaapstad, Nasionale Boekhandel, 1962, p. 194.

(280) Ibidem, p. 116.

(281) Valkhoff, M.F. Studies, p. 229.

(282) Ibidem, p. 229.

- d. verbos - como no crioulo de Malaca, os verbos podem ser reduplicados para indicar uma acção repetida: hy staan nog en boor-boor met die groottoon (= ele ainda está a esgravatar com o dedo grande do pé). (283)

## 2.4 A simplificação da conjugação verbal

- a. Apócope da terminação verbal no infinito

O africânico perdeu a terminação -en do infinito dos verbos holandeses. Semelhantemente a todos os crioulos portugueses, o -r do infinito é apocopado, conservando-se o acento predominante: (284)

holandês vloeken > africânico vloek (= rogar pragas)

português amar > cr. do Ceilão amá. (285)

- b. A simplificação pròpriamente dita

Como quase todos os crioulos portugueses, o africânico generalizou o infinito do verbo ou, mais raramente, a terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Damos a seguir um exemplo da generalização do infinito do verbo e da terceira pessoa do singular do presente do indicativo:

---

(283) Kempen, W. ob. cit., p. 296.

(284) Dalgado, S.R. ob. cit., p. 39.

(285) Ibidem, p. 39.

hol. e afr. gaan (= ir)

Presente do Indicativo

| <u>holandês</u> | <u>africânico</u> |
|-----------------|-------------------|
| ik ga           | ek gaan           |
| je gaat         | jy gaan           |
| hij, zij gaat   | hy, sy gaan       |
| wij gaan        | ons gaan          |
| jullie gaat     | julle gaan        |
| zij gaan        | hulle gaan        |

hol. zijn (= ser)

afr. wees (= ser)

Presente do Indicativo

| <u>holandês</u>    | <u>africânico</u> |
|--------------------|-------------------|
| ik ben             | ek is             |
| je bent            | jy is             |
| hij, zij is        | hy, sy is         |
| wij zijn           | ons is            |
| jullie zijn (bent) | julle is          |
| zij zijn           | hulle is          |

Como dissemos, quase todos os crioulos portugueses (e outros também) fizeram o mesmo. Assim as formas do crioulo de Ceilão vai (= ir)<sup>(286)</sup> e amá (= amar)<sup>(287)</sup> são generalizações respectivamente da terceira pessoa do singular do presente do in-

---

(286) Ibidem, p. 39.

(287) Ibidem, p. 39.

dicativo e do infinito do verbo. Estas formas usam-se para todas as pessoas do presente do indicativo, quer sejam do singular ou do plural.

c. Os verbos auxiliares

O facto de que o africânico eliminou o uso holandês do verbo zijn (= ser) como auxiliar dos verbos de movimento pode estar relacionado com o português e com os crioulos portugueses que também não usam o verbo ser como auxiliar dos verbos de movimento.

2.5 A negativa dupla

Tem-se posto a hipótese de que a negativa dupla em africânico seja uma influência dos crioulos portugueses de África.<sup>(288)</sup> No entanto, só nos foi possível encontrar um tal aspecto gramatical nos crioulos das ilhas de S. Tomé, Príncipe e Ano Bom. Como os escravos africanos de língua portuguesa que vieram para o Cabo eram naturais da Guiné e de Angola, onde não nos foi possível encontrar exemplos do uso da negativa dupla, estamos inclinados a aceitar a sugestão, que o próprio Professor Valkhoff fez no seu último trabalho,<sup>(289)</sup> de que se trate de um empréstimo feito ao hotentote.

---

(288) Valkhoff, M.F. Studies, pp. 13 - 14.

(289) Valkhoff, M.F. New Light, pp. 81 - 82.

## 2.6 Unificação da função gramatical

### a. Artigo definido e pronome demonstrativo

A partícula die, que no holandês tinha a função de pronome demonstrativo, funciona no africânico como artigo definido e pronome demonstrativo. Assim, na frase die man is 'n prokureur (= o homem é procurador), die man pode ter três significados: o homem, este homem e aquele homem. O mesmo acontece no crioulo de Malaca, onde o pronome demonstrativo isti (< port. este) passou a servir de artigo definido (embora sem o significado de aquele) e no crioulo do Príncipe, onde a partícula se tem também o significado de o, este, aquele.

Para remediar a ambiguidade acima mencionada, o africânico desenvolveu dois novos pronomes demonstrativos, constituídos pela partícula die e pelos advérbios de lugar hier (= aqui) e daar (= ali): hierdie (lit. aqui este = port. este) e daardie (lit. ali este = port. aquele). O santomense procedeu de maneira semelhante e criou dois novos pronomes demonstrativos para evitar a ambiguidade da partícula se: se ku sa-i (lit. este que está aqui = este) e se ku sa-la (este que está ali = aquele).<sup>(290)</sup>

---

(290) Estes elementos foram-nos fornecidos pelo sr. Luiz Ferraz que estudou os dialectos de S. Tomé e do Príncipe.



Tanto a partícula die como as partículas isti e se são usadas para ambos os gêneros no singular e no plural.

b. Pronome relativo e pronome interrogativo

Os pronomes relativo e interrogativo do africânico, além de não fazerem distinção de gêneros (masculino, feminino e neutro) têm uma forma que é comum aos dois e que, pelas semelhanças com o crioulo português, merece especial atenção: wie se (= cujo, cuja, cujos, cujas) e wie se? (= de quem?).

Wie se é, na verdade, o pronome interrogativo holandês wie? (= quem), ao qual se juntou o monema possessivo se e que, no africânico, tem a dupla função de interrogativo e de relativo. O mesmo aconteceu no crioulo português de Ceilão, onde os pronomes interrogativo e relativo derivam do pronome interrogativo português quem? com os monemas possessivos crioulos sua ou su, usados como variantes livres:<sup>(291)</sup>  
afr. wie se beeld is dit?

cr. de Ceilão quem sua imajo tem este?

c. Pronomes pessoais de sujeito e de complemento

Do mesmo modo que o africânico adoptou os pronomes pessoais de complemento holandeses ons (= nos) e hulle (= os, lhes) como pronomes de sujeito e de complemento, também os crioulos portugueses, duma

---

(291) Dalgado, S.R. ob. cit., p. 38.

maneira geral, não fazem distinção entre pronomes pessoais de sujeito e de complemento. No crioulo de Malaca, por exemplo, nu e eli-tudu podem significar respectivamente nós ou nos e eles, os ou lhes. (292)

d. Adjectivos e advérbios

Como já vimos tratámos da reduplicação, a reduplicação dum adjectivo em africânico é equivalente a adjectivo + advérbio. (293)

3. INFLUÊNCIAS PORTUGUESAS NO AFRICÂNICO DOS MESTIÇOS

Este capítulo não ficaria completo, se não mencionássemos os vestígios de influência portuguesa na língua dos pescadores mestiços do Cabo, que são os descendentes dos escravos de língua portuguesa. Além das influências comuns à língua dos brancos, limitam-se estes empréstimos à terminologia das manobras de pesca e a certos nomes tipográficos. (294)

---

(292) Hancock, I.F. ob. cit.

(293) Não incluímos nesta lista construções como pa-hulle que, embora sendo de origem crioula ou hotentote, não têm paralelo nos crioulos portugueses que tivemos oportunidade de estudar.

(294) Este material encontra-se tratado em Franken, J.L.M. ob. cit., pp. 121 e 124 e em Valkhoff, M.F. Studies, p. 11.

Na terminologia de pesca encontramos as seguintes palavras:

- a. bira-bira < crioulo bira < port. vira, forma do imperativo do verbo virar;
- b. tjappa! < port. chape; <sup>(295)</sup>
- c. parra < crioulo para < port. pára, forma do imperativo do verbo parar.

Entre os nomes topográficos encontram-se os seguintes empréstimos:

- a. baca (= nome de um recife) < crioulo baka < port. vaca;
- b. bankoe (= margem) < crioulo bankoe < port. banco;
- c. brakoe (= buraco) < port. buraco;
- d. kawaloe (= nome de um maciço) < port. cavalo.

---

(295) O étimo chapejar proposto por Franken e Valkhoff é fonologicamente indefensível. Preferimos chape que indica movimento na água (Machado, J.P. Dicionário de língua portuguesa. Lisboa, Sociedade de Língua Portuguesa, vol. II (1960), p. 323) e que, por evolução semântica, pode ter vindo a adquirir o significado de "aproximar-se".

## CAPÍTULO IV

### ALGUNS ASPECTOS SOCIOLÓGICOS E LINGUÍSTICOS DA IMIGRAÇÃO

#### 1. O QUE É A IMIGRAÇÃO

Fairchild<sup>(1)</sup> define imigração da seguinte maneira: "Immigration: a population movement between two countries on approximately the same culture area, the former being relatively older, more densely populated and less attractive politically, economically or socially; the latter being relatively sparsely populated with definite attractions in the way of economic opportunity or political, religious and social liberty. True immigration is voluntary on the part of the migrants, and in the majority of cases is on private resources, although there is frequently state support or subsidy of some sort. True immigration always crosses a political boundary. The country of destination (q.v.) may be an independent state or may be a colony. Immigration differs from emigration only in the point of view - the individuals involved are identical."

---

(1) Fairchild, H.P. Dictionary of Sociology. New York, Philosophical Library, 1944, p. 150. A imigração é simplesmente uma das quatro formas que assume o movimento migratório. As outras três são invasão, conquista e colonização (ibidem, pp. 193 - 194).

A definição de Seligman<sup>(2)</sup> parece-nos completar a de Fairchild:

"Immigration is the entrance into an alien country by persons intending to take part in the life of that country and to make it their more or less permanent residence."

Baseado nestas duas definições, Van Rensburg<sup>(3)</sup> organizou uma lista de 8 aspectos que caracterizam o conceito de imigração, aos quais juntou três:

1. A imigração é um movimento populacional entre dois estados e, portanto, implica a passagem de fronteiras políticas.
2. A imigração é um movimento populacional entre duas áreas, cujo nível cultural é mais ou menos o mesmo.
3. A imigração é um movimento de um país mais velho, mais densamente populado e menos atraente do ponto de vista económico, político e social para um país mais jovem, menos densamente populado e mais atraente do ponto de

---

(2) Seligman, E.R.A. Encyclopaedia of the Social Sciences. London, MacMillan Co., 1958, vol. VII, p. 587.

(3) Van Rensburg, H.C.J. n Sosiologies-vergelykende ondersoek van die aanpassing van Britse en Portugese immigrante in Bloemfontein. M.A. verhandeling, U.O.V.S., Bloemfontein, 1968, pp. 32 - 40.

vista económico, político e social para um país mais jovem, menos densamente populado e mais atraente do ponto de vista económico, político e social. Este aspecto estabelece também a diferença entre imigração e emigração. Enquanto que na imigração a direcção do indivíduo é determinada pela mira de novas oportunidades, reais ou imaginadas, na emigração a direcção do indivíduo é determinada por qualquer forma de descontentamento com as condições prevalecentes na sua pátria.

4. A imigração é fundamentalmente um movimento voluntário. Este aspecto estabelece a diferença entre o imigrante e o refugiado.
5. De uma maneira geral, as despesas de imigração são pagas pelo próprio imigrante. Porém, nos tempos actuais, mais e mais imigrantes são subsidiados pelos países interessados nessa imigração.
6. O país a que o imigrante se destina pode ser um estado independente ou uma colónia do seu país de origem. Neste último caso, alguns autores dão a este tipo de imigração o nome de colonização.
7. A imigração difere da emigração simplesmente quanto ao ponto de vista. O movimento e o estado são os mesmos nos dois casos, mas a diferença reside na direcção do movimento: no primeiro caso, trata-se da entrada no país e no segundo da saída do país.

8. A imigração e a emigração implicam uma mudança permanente de residência.
9. A imigração implica o consentimento de dois estados soberanos: um indivíduo só pode imigrar se o país de que é cidadão o autoriza a tal e a sua entrada no país a que se destina da aceitação do país em questão.
10. Embora haja muitas vezes ondas de imigração, a imigração não deixa de ser um movimento de carácter individual.
11. A imigração implica uma adaptação total e voluntária da parte do imigrante às novas condições de vida. Esse processo de adaptação pressupõe dois aspectos: um activo (integração) e outro passivo (assimilação).

## 2. OS MOTIVOS QUE CONDUZEM À IMIGRAÇÃO

Os movimentos migratórios são tão velhos como a humanidade. Desde que o homem apareceu sobre a face da terra, deve ter nascido nele o desejo de se movimentar dentro do globo terráqueo. Modernamente, os novos meios de comunicação e de transporte têm facilitado esse desejo.<sup>(4)</sup> Com as grandes

---

(4) Botha, S.C.J. Enkele faktore wat die inskake-  
lingsvatbaarheid van 'n groep Portugese immi-  
grante aan die Witwatersrand bepaal. M.A.  
verhandeling, P.U. vir C.H.O., Potchefstroom,  
1971, p. 14.

proporções que os movimentos migratórios têm attingido nos tempos actuais, torna-se imperativo saber o que leva alguns indivíduos a abandonarem o meio cultural em que nasceram para se estabelecerem noutros meios culturais que lhes são estranhos.

Dois motivos remotos parecem estar na base do desejo de imigrar: as más condições existentes na pátria do futuro imigrante e as condições favoráveis existentes no país para o qual ele deseja imigrar.

As verdadeiras causas próximas que levam um indivíduo a imigrar são de ordem vária:<sup>(5)</sup>

- a. económicas - as más condições económicas existentes no seu país de origem. Alguns autores consideram esta causa como sendo o factor mais importante da imigração;<sup>(6)</sup>
- b. demográficas - associadas às causas económicas estão as demográficas: o excesso de densidade populacional no país de origem que limita as possibilidades económicas do indivíduo através da excessiva competição;
- c. políticas - o descontentamento com as estruturas e oportunidades políticas do seu país;
- d. religiosa - a falta de liberdade religiosa no

---

(5) Ibidem, pp. 13 - 14.

(6) Isaac, J. Economics of Migration. London, Hunt, Barnard & Co., 1947, p. 23.



pais de origem e o desejo de praticar livremente a sua religião.

Loedolff reduz a um os motivos que levam um indivíduo a imigrar: o desejo de melhorar as suas condições de vida.<sup>(7)</sup>

### 3. ADAPTAÇÃO, ASSIMILAÇÃO E INTEGRAÇÃO

O acto de imigração coloca o indivíduo que imigra num novo ambiente económico, social e cultural totalmente diferente daquele a que ele estava habitado. Desta situação resulta um conflito que o indivíduo virá ou não a resolver, segundo o seu potencial de adaptação. Davie descreve o problema da seguinte maneira:<sup>(8)</sup>

"The typical immigrant setting in any country is faced with grave problems of adjustment. He is alien in fact, as well as by law. He brings a cultural heritage, such as his language, his ideals and traditions, his concept of government, his standard of living, that another society has worked out. In short, he comes with different mores and with a different life experience, and the problem he faces in the new society is essentially one of cultural adjustment."

---

(7) Botha, S.C.J. ob. cit., p. 14.

(8) Davie, M.R. World Immigration. New York, MacMillan Co., 1949, 5th edition, p. 461.

Temos, portanto, que a solução para o conflito causado pela imigração reside na adaptação do indivíduo às novas circunstâncias que o rodeiam. Essa adaptação é o processo gradual de habituação aos e de aceitação dos diversos aspectos do novo meio económico, social e cultural. Esse processo pode ser conscientemente activado ou deixado seguir o seu curso natural e inconsciente.<sup>(9)</sup>

A adaptação de um indivíduo compreende duas fases simultâneas: uma passiva (assimilação) e outra activa (integração).<sup>(10)</sup>

Fairchild define a assimilação da seguinte maneira: "In essence, assimilation is the substitution of one nationality pattern for another. Ordinarily, the modifications must be made by the weaker or numerically inferior group."<sup>(11)</sup> Podemos assim concluir que a assimilação é um processo unilaterial através do qual o imigrante assiste passivamente à mudança do seus próprios hábitos e padrões culturais até que estes se identificam com os da nova pátria.

A outra fase, a integração, que é, como já dissemos, a parte activa do processo de adaptação, apre-

---

(9) Van Rensburg, H.C.J. ob. cit., p. 45.

(10) Ibidem, p. 43.

(11) Fairchild, H.P. ob. cit., p. 277.

senta aspectos mais positivos. Ao adaptar-se ao seu novo ambiente cultural, o imigrante transporta consigo, para o seu novo país de residência, os valores positivos e o tesouro cultural que adquiriu no país de sua nascença. Assim, através desta parte activa que o imigrante toma na sua própria adaptação, a cultura do país que o recebe enriquece-se enormemente e é até também transformada.

Os sociólogos costumam distinguir três aspectos da adaptação do imigrante ao seu novo meio: o aspecto económico, o aspecto social e o aspecto cultural.<sup>(12)</sup> No entanto, convem notar que estes três aspectos estão intimamente relacionados e que só teòricamente se podem separar.<sup>(13)</sup>

Um estudo de adaptação económica do imigrante, feito do ponto de vista sociológico compreende, primariamente, um estudo dos factores que determinam directa ou indirectamente as condições económicas em que o imigrante vive (profissão, salário, educação e habitação) e uma avaliação da satisfação relativa do imigrante com as suas condições económicas e com a sua participação na vida económica do país.<sup>(14)</sup>

---

(12) Van Rensburg, H.C.J. ob. cit., p. 44.

(13) Ibidem, p. 116.

(14) Ibidem, pp. 116 - 118.

Assim, adaptar-se economicamente quer dizer ser incluído na vida económica do país, achar trabalho e habitação convenientes e estar relativamente satisfeito com a sua situação económica.<sup>(15)</sup>

Como adaptação social, compreende-se a convivência do imigrante com outras pessoas (compatriotas ou cidadãos da nova pátria), durante ou depois do trabalho, ou a sua não-existência, a vida doméstica da família imigrada e a vida de agremiação do imigrante.<sup>(16)</sup>

Entende-se por adaptação cultural o afastamento gradual do imigrante da sua própria cultura e a sua consequente assimilação pela cultura do país em que se encontra, o que o leva a considerar esta última como sua.<sup>(17)</sup> São aspectos da adaptação cultural, entre outros, as modificações que, porventura, se possam processar na vida religiosa e nos hábitos linguísticos do imigrante.<sup>(18)</sup>

É evidente que este processo de adaptação ou ajustamento não se efectua num ápice. Mesmo o espaço de duas gerações não chega, muitas vezes, para apagar todos os sinais da cultura com que o indivíduo

---

(15) Ibidem, p. 117.

(16) Ibidem, p. 169.

(17) Ibidem, p. 203.

(18) Ibidem, pp. 205 - 206 e 216 - 217.

imigrou. A este respeito afirma Davie:<sup>(19)</sup>

"There was a failure to recognize that assimilation, which involves a fundamental cultural transformation, is a slow process of growth. If conditions are favorable, it goes on automatically, but it may not be hurried by artifice or device. It is of course possible to provide favorable conditions, but the process can no more be condensed into a few months or years than the period of development from infancy to maturity can be shortened."

Quanto ao tempo de que um imigrante necessita para se adaptar às condições do seu novo meio, podem-se estabelecer os seguintes princípios:<sup>(20)</sup>

- a. quanto menor fôr a diferença entre a cultura do imigrante e a do país para o qual ele imigra, mais depressa se efectuará a adaptação;
- b. a adaptação de indivíduos é, de uma maneira geral, mais rápida do que a de famílias;
- c. a adaptação de uma família é sempre mais rápida do que a de grupos de famílias que se fixam umas próximas das outras;
- d. os jovens adaptam-se mais rapidamente do que as pessoas mais idosas.

#### 4. ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DA IMIGRAÇÃO

Antes de se considerar os aspectos e implicações

---

(19) Davie, M.R. ob. cit., p. 510.

(20) Van Rensburg, H.C.J. ob. cit., pp. 204 - 205.

linguísticos da imigração, convém que se tente dar uma noção do que se entende por língua e quais são as suas funções.

Muitas têm sido as definições de língua,<sup>(21)</sup> e não vem a propósito neste trabalho enumerá-las todas. Elas têm variado entre o quase místico ("as palavras são encarnações das ideias" - Ruth Nanda Anshen) e o abstracto que ignora personalidade e situação social ("a língua é um sistema simbólico de comunicação, ou numa palavra ... um código, que é essencialmente telegráfico: Este código usa sinais moleculares feitos de átomos invariáveis ... - M. Joos). Uma das mais expressivas é a de Stephen Ullmann<sup>(22)</sup> que define língua da seguinte maneira:

"La langue is a system of symbol-engrams stored in the minds of members of the speech community ... The engrams are naturally psychical, but they derive from acoustic experiences."

A definição de Sommerfelt<sup>(23)</sup> elucida-nos sobre a

---

(21) Sommerfelt, A. Diachronic and Synchronic aspects of language. S'Gravenhage, Mouton, 1962, pp. 87 - 136. Rivers, W.M. The Psychologist and the foreign language teacher. Chicago, The University of Chicago Press, 1964, pp. 23 - 30.

(22) Ullmann, S. The principles of Semantics. Oxford, Basil Blackwell, 1951, p. 28.

(23) Sommerfelt, A. ob. cit., p. 132.

função que esse sistema tem:

"Language is a part of culture, a self-contained system of patterns for the use of the speech organs as means of communication in a society, a code to use the terminology of the communication theory, of which speech is the message. Being a part of culture language partakes in the unique historical character of cultures."

No entanto, não foi Sommerfelt o primeiro a considerar a língua como parte da cultura de um povo. Já em 1906, o linguista francês Antoine Meillet afirma: "la langue est éminent un fait social."<sup>(24)</sup> Hoje em dia mais e mais antropólogos e sociólogos aceitam esta hipótese como uma realidade indiscutível. Samir, K. Ghosh (Man, Language and Society. The Hague, Mouton, 1972, p. 232) vai mesmo ao ponto de considerar a língua como uma das três actividades primárias necessárias à vida diária do Homem. Eis as suas palavras:

"Man lives within society, and for his daily existence needs at least three primary activities: eating, sleeping (for his biological existence) and talking (for his social existence)."

Se aceitarmos, portanto, que a língua é um fenómeno

---

(24) Ibidem, p. 89.

no cultural,<sup>(25)</sup> então teremos também de aceitar que a língua, como todos os outros aspectos de uma cultura (hábitos, técnicas, ideias, valores, crenças, instituições, etc.), em contacto com uma outra cultura, vem inevitavelmente a sofrer mudanças que resultam das necessidades de adaptação já mencionadas:

"It is assumed that when there is contact between two societies whose members speak different languages, there will result certain linguistic and cultural changes which must be attributed directly to the fact of contact." (Diebold, A.R. "Incipient Bilingualism" in Language in Culture & Society, p. 495).

Assim, ao chegarem ao país da sua escolha, os imigrantes são obrigados pelas necessidades mais diversas da comunicação diária a aprenderem a língua do país onde se encontram. Alguns aprendem-na perfeitamente, outros menos bem e outros ainda

---

(25) Ibidem, p. 93. Hoijer, H. "Linguistic and Cultural Change" in Language in Culture and Society. New York, Harper & Row, 1964, pp. 455 - 466: "Culture ... is that complex whole which includes knowledge, beliefs, art, morals, law, custom, and any other capabilities acquired by man as a member of society. It is clear that language is a part of culture ... "



nunca chegam a aprendê-la. De uma maneira geral, a imigração produz, portanto, situações de bilinguismo. (26)

Nem sempre, porém, o bilinguismo dum indivíduo é perfeito, isto é, nem sempre o indivíduo em ques-

- 
- (26) Entendemos aqui bilinguismo no sentido em que A. Boileau o define: "Un individu est bilingue lorsqu'aux différents concepts (pas nécessairement tous) correspondent, dans son esprit, deux images acoustiques, en d'autres termes, lorsqu'il y a chez lui conscience linguistique double, soit que les deux images apparaissent simultanément ou successivement." Boileau, A. "Le problème du Bilinguisme et la Théorie des Substrats" in Revue des langues vivantes, 12, pp. 113 - 125, 169 - 193, 213 - 224 (1946).

Esta definição leva-nos à conclusão a que chegou William F. Mackey ("The description of bilingualism" in Fishman, J.A. Readings in the Sociology of Language. The Hague, Mouton, 1970, pp. 554 - 584): "Bilingualism is not a phenomenon of language; it is characteristic of its use. It is not a feature of the code but of the message. It does not belong to the domain of "langue" but of "parole" ... If language is the property of the group, bilingualism is the property of the individual."

tão consegue manter separados os dois sistemas linguísticos. Deste bilinguismo imperfeito resulta o chamado fenômeno de interferência linguística que é teoricamente caracterizado pela introdução de elementos estranhos na língua do imigrante e pela reorganização dos seus sistemas fonémico, gramatical, sintático e lexical.<sup>(27)</sup>

A interferência ao nível fonémico, gramatical e sintático resulta das diferenças entre os dois idiomas e, quanto maior forem essas diferenças, maior é a probabilidade de que o fenômeno de interferência se torne realidade.<sup>(28)</sup> Os empréstimos lexicais explicam-se pela insuficiência do vocabulário do imigrante para reagir a certas situações do meio cultural em que se encontra.<sup>(29)</sup> Além destes aspectos de interferência, há ainda a considerar os chamados decalques linguísticos. Sobre o assunto, diz Jespersen:<sup>(30)</sup>

"Besides direct borrowings we have also indirect borrowings or "translation loanwords", words modelled more or less closely on foreign ones,

---

(27) Weinreich, U. Languages in contact. The Hague, Mouton, 1968, p. 1.

(28) Ibidem, p. 1.

(29) Ibidem, p. 3.

(30) Jespersen, O. Language: its nature, development and origin. London, George Allen & Unwin, 1922, p. 215.

though consisting of native speech-material."

Segundo parece, de todos os domínios, o lexical é o mais atingido, e são também os empréstimos lexicais os que se efectuam em primeiro lugar,<sup>(31)</sup> isto é, quando o bilinguismo ainda não é propriamente imperfeito, mas sim incipiente. A este respeito, afirma Marcel Cohen:<sup>(32)</sup>

"La principale marque linguistique des communications entre les peuples et leurs langues en sont les emprunts de vocabulaire plus ou moins nombreux, accompagnant généralement des emprunts d'objets fabriqués ou naturels, de techniques, de modes et de coutumes: le vocabulaire est ce qui est le plus malléable dans la langue, et peut souffrir des inclusions assez nombreuses sans être au total profondément modifié. Les emprunts peuvent être plus ou moins, étent d'abord le fait de certaines classes, castes et professions, dans certaines catégories de vocabulaire."

---

(31) Weinreich, U. ob. cit., p.103.

(32) Cohen, M. Pour une sociologie du langage. Paris, Éditions Albin Michel, 1956, p. 297. Weinreich, U. (ob. cit., p. 56) confirma também esta opinião. Diz ele: "The vocabulary of a language, considerably more loosely structured than its phonemics and its grammar, is beyond question the domain of borrowing par excellence."

Otto Jespersen concorda com este ponto de vista e acrescenta: (33)

"It is quite natural that there should be a much greater inclination everywhere to borrow "full" words (substantives, adjectives, notional verbs) than "empty" words (pronouns, prepositions, conjunctions, auxiliary verbs), to which class most of the "grammatical" words belong. But there is no hard-and-fast limit between the two classes."

A razão principal pela qual os elementos lexicais são sempre os primeiros empréstimos a serem feitos está, sem dúvida nenhuma, na maneira como o indivíduo aprende a segunda língua. A maior parte dos imigrantes são adultos e aprendem a segunda língua pela prática: a aprendizagem de uma língua estrangeira é basicamente um processo mecânico de formação de hábitos (Rivers, W.M. ob. cit., pp. 31 - 42). A. Boileau considera que esta aprendizagem se faz em cinco etapas: (34)

- a. aquisição de palavras e de alguns morfemas. É a esta etapa que nós demos o nome de bilinguismo incipiente;
- b. aquisição de um sistema morfológico mais completo. Este sistema é geralmente simplificado: as irregularidades e as anomalias nem sempre são respeitadas. A tendência à analogia é uma

---

(33) Jespersen, O. ob. cit., p. 211.

(34) Boileau, A. ob. cit., p. 120.

das leis principais que preside à aquisição do novo sistema morfológico;

- c. aquisição de novos hábitos sintácticos. No entanto, apesar do seu conhecimento da estrutura básica da frase na segunda língua, o indivíduo tem ainda a tendência a fazer decalques sintácticos;
- d. aquisição fonológica. Muitos indivíduos que chegaram já a um grau avançado de bilinguismo, não conseguem ainda ouvir as diferenças delicadas entre alguns fonemas. É nesta etapa que o indivíduo começa a fazer essa aquisição;
- e. aquisição da base de articulação, isto é, da acentuação das palavras e da intonação da frase. Esta etapa é raramente atingida.

Já durante a primeira etapa, muitas palavras da língua que o indivíduo começou a aprender se introduzem na sua língua materna para fazer face aos elementos culturais desconhecidos pelo imigrante.

Outros empréstimos resultam, como já dissemos, das diferenças entre a língua materna e a língua aprendida. Porém, nem todas as diferenças entre a língua do imigrante e a do país em que ele habita produzem interferência linguística, visto haver factores de ordem psicológica e sociológica que entram em jogo. Entre os mais importantes, indica Uriel Weinreich os seguintes:<sup>(35)</sup>

---

(35) Weinreich, U. ob. cit., pp. 3 - 4 .

- a. a facilidade com que o indivíduo bilingue se exprime verbalmente e a facilidade com que ele mantém separadas as duas línguas;
- b. o grau relativo de proficiência do indivíduo em cada uma das línguas;
- c. a sua especialização no uso de cada língua por tópicos e por interlocutores;
- d. a maneira como o indivíduo aprendeu cada uma das línguas;
- e. as atitudes idiossincráticas e estereotipadas do indivíduo para com cada uma das línguas;
- f. o tamanho do grupo de bilingues e a homogeneidade ou a diferenciação socio-cultural; a divisão em subgrupos e o uso que estes fazem de cada uma das línguas;
- g. o prestígio de cada uma das línguas;
- h. as atitudes dos indivíduos bilingues para com a cultura de cada uma das comunidades linguísticas;
- i. as atitudes dos indivíduos bilingues para com o bilinguismo;
- j. a tolerância ou a intolerância do bilingue para com a mistura das duas línguas;
- k. a relação entre o grupo de bilingues e cada uma das comunidades linguísticas de que ele é um segmento marginal.

Do que ficou acima dito, não será difícil concluir que o processo de introdução de elementos estranhos na língua do imigrante é, por um lado, uma das fa-

cetas do processo de adaptação<sup>(36)</sup> e, por outro, uma das etapas no decorrer desse processo. É esta primeira etapa que constitui a matéria deste estudo.

É evidente que uma adaptação completa implica também uma mudança de língua ("language shift"): o imigrante e os seus descendentes deixam de falar a sua língua materna, em muitos casos a única língua que conheciam ao imigrarem, para passarem a falar, como língua materna, a língua do país em que habitam. Não é, portanto, sem razão que se tem dito que o ponto até que os diversos grupos de imigrantes deixaram de usar a sua língua materna indica o seu grau de assimilação. Em contraste, uma demasiada insistência na manutenção da língua materna é uma indicação de má adaptação.<sup>(37)</sup> Este problema foi muito bem descrito por E.R. Leach quando disse:<sup>(38)</sup>

" ... for a man to speak one language rather than another is a ritual act, it is a statement about one's personal status; to speak the same language as one's neighbours expresses solidarity with those

---

(36) Weinreich, U. ob. cit., p. 5.

(37) Van Rensburg, H.C.J. ob. cit., p. 217.

(38) Citado por J.A. Fishman (Language Loyalty in the United States. The Hague, Mouton, 1966, entre a página de título e a introdução).

neighbours; to speak a different language from one's neighbours expresses social distance or even hostility."



## CAPÍTULO V

### OS PORTUGUESES NA ÁFRICA DO SUL: O SÉCULO XX

#### 1. ALGUNS ASPECTOS GERAIS DA IMIGRAÇÃO PARA A ÁFRICA DO SUL

O fim da segunda guerra anglo-bóer abriu o caminho para a formação da União Sul-Africana (1910). Esta união entre o Transval, o Estado Livre de Orange e as colónias inglesa do Cabo e do Natal trouxe as condições necessárias de estabilidade para o desenvolvimento das riquezas naturais sul-africanas, como o ouro e os diamantes, que tinham sido descobertas durante o século XIX.

Se, por um lado, o rápido desenvolvimento da indústria mineira conduziu ao incremento de outros sectores da vida industrial e comercial, por outro lado, produziu uma escassez de mão-de-obra especializada para essas mesmas oportunidades que acabava de criar.

A única solução para este problema era a imigração. Assim, já em 1913 o Parlamento da União Sul-Africana começava a passar legislação repeitante à imigração (Wet tot Beperking van Immigrasie).<sup>(1)</sup> Esta

---

(1) Buitengewone Staatskoerant van de Unie van Zuid-Afrika; 13 April 1913, vol. XII, No. 30, pp. ii - xiii.

foi seguida pela Immigrasie-Kwota-Wet, 1930,<sup>(2)</sup> pela Wet op Vreemdelinge, 1937,<sup>(3)</sup> pela Wet op Vreemdelinge Wysigings- en Immigrasiewet, 1939<sup>(4)</sup> e culminou com o estabelecimento do Ministério da Imigração, cuja função é "to encourage immigration to the Republic and to assist in making immigrants part of the South African community after their arrival".<sup>(5)</sup>

Esta legislação parece indicar que, com o tempo, a imigração para a União Sul-Africana ia aumentando constantemente. De facto, desde 1924 que, favorecida pelas más condições políticas e económicas na Europa e pelo encorajamento das autoridades sul-africanas, a corrente de imigração para este país foi engrossando fortemente.

Com o fim de ajudar os imigrantes a fazerem face a

- 
- (2) Staatskoerant van die Unie van Suid-Afrika; 18 Maart 1930, vol. LXXIX, No. 1857, pp. 701 - 703.
  - (3) Buitengewone Staatskoerant van die Unie van Suid-Afrika; 30 Januarie 1937, vol. CVII, No. 2409, pp. i - xi.
  - (4) Buitengewone Staatskoerant van die Unie van Suid-Afrika; 6 Januarie 1939, vol. CVX, No. 2596, pp. ii e seguintes.
  - (5) Citado em Van Rensburg, H.C.J. ob. cit., p. 53.

certas necessidades que a sua vinda para a África do Sul lhes tivesse criado, três organizações foram criadas. A primeira, a 1820 Memorial Settler's association, assiste imigrantes vindos da Grã-Bretanha; a segunda, a Maatskappy vir Europese Immigrasie, assiste imigrantes vindos do continente europeu; a terceira, a Southern Africa League, assiste imigrantes vindos do continente africano.<sup>(6)</sup>

O critério de selecção de imigrantes para a África do Sul encontra-se já exposto na legislação de 1913, acima citada, e obedece a dois princípios básicos:

- a. os imigrantes devem ser brancos e
- b. operários especializados.

A estes dois princípios há duas excepções: os indivíduos de raça negra que vêm trabalhar nas minas e os indivíduos não-especializados que, devido à falta de mão-de-obra sul-africana, vêm exercer profissões não-especializadas.<sup>(7)</sup>

Segundo H.C.J. van Rensburg, os imigrantes são necessários à África do Sul por três razões:<sup>(8)</sup>

- a. o desenvolvimento económico do país;
- b. o alívio e a solução da situação racial que in-

---

(6) Ibidem, p. 57.

(7) Ibidem, pp. 53 - 54. É este o caso dos imigrantes madeirenses que se dedicam principalmente ao comércio de frutas e de hortaliças.

(8) Ibidem, pp. 58 - 59.

clui

- c. o fortalecimento e a manutenção do elemento branco neste país.

## 2. A IMIGRAÇÃO PORTUGUESA PARA A ÁFRICA DO SUL

### 2.1 A entrada na África do Sul

Portugal é tradicionalmente um país de emigrantes. As primeiras correntes de emigração começaram, como já vimos no segundo capítulo deste trabalho, durante o período dos Descobrimentos. As estatísticas oficiais de emigração, que começam em 1855, mostram que entre esta data e 1921 emigraram de Portugal 1 484 763 pessoas. De todos estes emigrantes 1 058 208 foram estabelecer-se no Brasil, ou seja, mais de 7/10 do total de emigrantes. O resto dos emigrantes estabeleceram-se principalmente nos Estados Unidos da América e na Argentina. A imigração para a África, incluindo a África do Sul, constitui simplesmente uma parte muito pequena do total da emigração portuguesa (Willcox, W.F. International Migrations - Statistics. New York, Gordon & Breach Science Publishers, 1969, vol. I, pp. 128 - 129).

Foi só no início deste século que os Portugueses começaram a interessar-se, de maneira significativa, pela África do Sul. Até 1946 e com excepção de 1934, 1935 e 1936, a imigração de Portugueses para a África do Sul não excedeu os 100 indivíduos

por ano. A partir de 1946, a imigração portuguesa para este país foi aumentando gradualmente. Entre 1962 - ano em que a África do Sul estabeleceu em Lisboa uma repartição do Ministério da Imigração<sup>(9)</sup> - e 1966, a imigração portuguesa para este país atingiu as suas maiores proporções. Isto deve-se, em parte, às más condições económicas em que Portugal se passou a encontrar, devido ao início das suas guerras coloniais em África e, em parte, ao estabelecimento pela África do Sul de um subsídio de viagem para imigrantes.<sup>(10)</sup>

Segundo parece (Pattee, R. ob. cit., p.113), em 1904 havia na África do Sul 2 255 Portugueses, dos quais 374 eram oriundos da Metrópole, 830 da Madeira, 813 de Moçambique e os restantes de outros territórios portugueses.

Entre 1924 e 1972 imigraram oficialmente para a África do Sul cerca de 50 048 indivíduos de nacio-

---

(9) "Verslag van die Departement van Immigrasie vir die tydperk 1 April 1961 tot 30 Junie 1968, p. 4.

(10) Ibidem, p. 4.

nalidade portuguesa.<sup>(11)</sup> No entanto, será impossível precisar quantos Portugueses se estabeleceram neste país durante este período, visto que, além daqueles que entraram legalmente, muitos imigraram clandestinamente, em especial através da Suazilândia e de Moçambique. Apesar de a polícia sul-africana haver repatriado alguns destes imigrantes clandestinos, muitos ainda se encontram no país. O Professor Richard Patte (ob. cit., p. 114) calcula que o número de Portugueses na República Sul-Africana não deve andar longe de 120 000 brancos, o que faz da comunidade portuguesa na África do Sul uma das maiores comunidades estrangeiras, e até talvez a maior, neste país.

A tabela seguinte mostra a imigração dos Portu-  
gue-

---

(11) Antes de 1913 não encontramos dados oficiais. As estatísticas para o período de 1913 - 1917 não fazem a distinção entre Portugueses e Espanhóis: ao todo 290 pessoas. Entre 1918 e 1923 estabeleceram-se na África do Sul 1 818 Portugueses, ou seja, uma média anual de 303. Willcox, W.F. ob. cit., p. 1057.

ses para a África do Sul por anos: <sup>(12)</sup>

| <u>Ano</u> | <u>Nº</u> | <u>Ano</u> | <u>Nº</u> | <u>Ano</u> | <u>Nº</u> |
|------------|-----------|------------|-----------|------------|-----------|
| 1924       | 18        | 1941       | 49        | 1957       | 642       |
| 1925       | 35        | 1942       | 29        | 1958       | 640       |
| 1926       | 57        | 1943       | 40        | 1959       | 633       |
| 1927       | 78        | 1944       | 84        | 1960       | 940       |
| 1928       | 59        | 1945       | 47        | 1961       | 1 656     |
| 1929       | 77        | 1946       | 81        | 1962       | 1 327     |
| 1930       | 42        | 1947       | 175       | 1963       | 1 690     |
| 1931       | 18        | 1948       | 214       | 1964       | 2 951     |
| 1932       | 22        | 1949       | 193       | 1965       | 5 524     |
| 1933       | 57        | 1950       | 243       | 1966       | 8 767     |
| 1934       | 139       | 1951       | 252       | 1967       | 3 773     |
| 1935       | 200       | 1952       | 535       | 1968       | 2 762     |
| 1936       | 221       | 1953       | 466       | 1969       | 2 013     |
| 1937       | 70        | 1954       | 747       | 1970       | 1 389     |
| 1938       | 47        | 1955       | 986       | 1971       | 819       |
| 1939       | 37        | 1956       | 1 076     | 1972       | 1 113     |
| 1940       | 15        |            |           |            |           |

Tab. II - A imigração portuguesa para a África do Sul

- (12) Dados fornecidos pelo sr. J.H. Hatingh, director da Matskappy vir Europese Immigrasie, numa carta ao autor. Alguns destes dados foram também publicados por Van Staden, R.P. Immigrasie na die Republiek van Suid-Afrika vergeleke met die van Kanada en Australië oor die tydperk 1925 - 1961. Tese de M.A. (Sociologia), Universidade de Pretória, 1964.

Embora o número de 50 048 Portugueses possa parecer elevado, os relatórios do Ministério da Imigração mostram-nos que os imigrantes portugueses constituíram simplesmente uma pequena percentagem da imigração total para a África do Sul. Entre 1945 e 1960, o número de Portugueses que imigraram para este país representou só 3,09% da imigração total durante esse mesmo período,<sup>(13)</sup> enquanto que os imigrantes portugueses que entraram no país entre 1961 e 1970 atingiram a percentagem de 9% da imigração total para a África do Sul durante o referido período.<sup>(14)</sup>

Além destes imigrantes portugueses de raça branca, encontram-se na África do Sul muitos negros de língua portuguesa. Uma série de acordos entre os dois governos, o primeiro dos quais se efectuou em 1901, permitiu a importação de trabalhadores negros dos territórios portugueses para as minas sul-africanas.<sup>(15)</sup> Em 1936 de todos os negros empregados nas minas (mais de 340 000), 89 000 eram

---

(13) "Verslag van die Departement van Immigrasie vir die tydperk 1 April tot 30 Junie 1968", p. 2.

(14) "Verslag van die Departement van Immigrasie vir die tydperk 1 Julie 1968 tot 30 Junie 1970", p. 4.

(15) De Kiewiet, C.W., A history of South Africa - social and economic. London, O.U.P., 1941, p. 165.



oriundos das colônias portuguesas.<sup>(16)</sup> Em 1961 havia 115 000 negros moçambicanos na África do Sul.<sup>(17)</sup>

## 2.2 Região de naturalidade dos imigrantes portugueses na África do Sul

Contrariamente ao que aconteceu nos Estados Unidos da América,<sup>(18)</sup> a maior parte dos Portugueses que imigraram para a África do Sul não eram naturais dos Açores, mas sim de Portugal Metropolitano, da Madeira e de Moçambique.

A tabela seguinte ilustra a imigração portuguesa para a África do Sul, segundo a região de última residência:<sup>(19)</sup>

| <u>Ano</u> | <u>Madeira</u> | <u>Moçambique</u> | <u>Portugal</u> |
|------------|----------------|-------------------|-----------------|
| 1950       | 158            | 65                | 64              |
| 1951       | 136            | 78                | 56              |
| 1952       | 295            | 200               | 58              |
| 1953       | 274            | 171               | 40              |
| 1954       | 335            | 361               | 66              |
| 1955       | 475            | 443               | 77              |

---

(16) Ibidem, p. 165.

(17) Botha, S.C.J. ob. cit., p. 35.

(18) Pap, L. Portuguese-American Speech. New York, King's Crown Press, 1949, p. 7.

(19) Carta do sr. J.H. Hattingh, já acima citada.

| <u>Ano</u> | <u>Madeira</u> | <u>Moçambique</u> | <u>Portugal</u> |
|------------|----------------|-------------------|-----------------|
| 1956       | 585            | 333               | 157             |
| 1957       | 338            | 174               | 134             |
| 1958       | 340            | 199               | 104             |
| 1959       | 359            | 197               | 108             |
| 1960       | 345            | 470               | 104             |
| 1961       | 936            | 478               | 179             |
| 1962       | 851            | 284               | 183             |
| 1963       | 469            | 636               | 499             |
| 1964       | 742            | 1 079             | 1 068           |
| 1965       | 588            | 1 753             | 3 068           |
| 1966       | 606            | 1 739             | 6 139           |
| 1967       | 415            | 679               | 2 673           |
| 1968       | 412            | 690               | 1 669           |
| 1969       | 128            | 455               | 1 415           |
| 1970       | 67             | 186               | 1 426           |
| 1971       | 27             | 236               | 888             |
| 1972       | 68             | 267               | 732             |
|            | <u>8 949</u>   | <u>11 173</u>     | <u>20 907</u>   |

Tab. III - A imigração portuguesa para a África do Sul, segundo região de última residência

No entanto, nem todos os que demos como vindos das três regiões são naturais delas. A tabela seguinte ilustra a imigração portuguesa para a África do Sul, segundo a região de naturalidade:<sup>(20)</sup>

---

(20) Carta do sr. J.H. Hattingh, já acima mencionada.

| <u>Ano</u> | <u>Madeira</u>     | <u>Moçambique</u> | <u>Portugal</u>    |
|------------|--------------------|-------------------|--------------------|
| 1950       | 174                | 13                | 62                 |
| 1951       | 141                | 13                | 98                 |
| 1952       | 317                | 10                | 202                |
| 1953       | 285                | 19                | 168                |
| 1954       | 351                | 59                | 329                |
| 1955       | 477                | 67                | 436                |
| 1956       | 545                | 54                | 464                |
| 1957       | 336                | 27                | 267                |
| 1958       | 325                | 25                | 285                |
| 1959       | 346                | 25                | 268                |
| 1960       | 359                | 49                | 524                |
| 1961       | 918                | 60                | 659                |
| 1962       | 868                | 49                | 424                |
| 1963       | 620                | 102               | 977                |
| 1964       | 869                | 277               | 1 823              |
| 1965       | 746                | 398               | 4 302              |
| 1966       | 1 021              | 473               | 7 161              |
| 1967       | 693                | 198               | 2 870              |
| 1968       | 634                | 199               | 1 910              |
| 1969       | 360                | 180               | 1 466              |
| 1970       | 82                 | 84                | 1 537              |
| 1971       | 31                 | 127               | 1 017              |
| 1972       | 112                | 85                | 882                |
|            | <hr/> 10 610 <hr/> | <hr/> 2 593 <hr/> | <hr/> 28 131 <hr/> |

Tab. IV - A imigração portuguesa para a África  
do Sul, segundo a região de naturalidade

Uma rápida vista de olhos aos dados acima referidos, mostra-nos que, a princípio, o número de imigrantes madeirenses foi mais elevado que o das outras regiões portuguesas, mas que, com o tempo, o número de imigrantes portugueses do Continente ultrapassou o dos Madeirenses.

O decrescimento, que se tem vindo a verificar nos últimos anos, na imigração dos Madeirenses não deve ser interpretado como uma perda de interesse da sua parte pela África do Sul, mas sim como uma tentativa do governo sul-africano de controlar a imigração vinda da Madeira.

Duas são as razões que se podem apresentar para este controlo. O Madeirense dedica-se, de uma maneira geral, ao comércio de frutas e hortaliças e, não sendo operário especializado, não pode contribuir de maneira directa para o desenvolvimento industrial e o progresso económico do país. A segunda razão é de nível cultural. De há uns anos para cá, a África do Sul tem vindo a interessar-se cada vez mais por imigrantes de nível cultural mais elevado, medida que de forma alguma favorece os nossos compatriotas ilhéus.

Esta segunda razão explica também o decrescimento, nos últimos anos, da imigração portuguesa para a África do Sul, especialmente em relação ao período de 1961 - 1967. A imigração portuguesa, que tinha

atingido o seu ponto máximo em 1966, quando 8 767 portugueses entraram no país, decresceu drasticamente em 1967 (3 773) e em 1971 voltou a atingir o nível médio anterior a 1960 (819). A este decrescimento não são alheias as tentativas não-confessadas do governo sul-africano de reduzir a imigração católica para o país.

De que maneira se processará a imigração portuguesa para a África do Sul no futuro, especialmente depois do recente golpe de estado em Portugal (25 de Abril de 1974), é uma incógnita que dependerá de vários factores, entre os quais se devem contar as relações entre a África do Sul e Portugal e a estabilidade política da África do Sul.

### 2.3 Proveniência e idade dos imigrantes portugueses

H.C.J. van Rensburg, que em 1968 fez um estudo sobre um grupo de 50 imigrantes portugueses em Bloemfontein, achou que a maior parte desses imigrantes provinha das regiões rurais. A percentagem de imigrantes portugueses de origem rural no grupo estudado era de 66%, enquanto que os imigrantes portugueses provenientes de zonas urbanas constituíam simplesmente 34% do total.<sup>(21)</sup> A seguinte tabela ilustrará melhor o problema:<sup>(22)</sup>

---

(21) Van Rensburg, H.C.J. ob. cit., p. 71.

(22) Ibidem, p. 72.

|               | <u>Homens</u> | <u>Mulheres</u> | <u>Total</u> |
|---------------|---------------|-----------------|--------------|
| zonas urbanas | 29,6% (8)     | 39,15% (9)      | 34% (17)     |
| zonas rurais  | 70,3% (19)    | 60,9% (14)      | 66% (33)     |

Tab. V - A origem dos imigrantes portugueses

O estudo de Van Rensburg indica também que 80% dos portugueses no grupo estudado tinham entre 20 e 40 anos de idade.<sup>(23)</sup> Para completar esta afirmação de Van Rensburg, reproduzimos aqui a sua tabela sobre a idade dos imigrantes:<sup>(24)</sup>

| <u>Idade</u> | <u>Homens</u>     | <u>Mulheres</u>     | <u>Total</u>     |
|--------------|-------------------|---------------------|------------------|
| abaixo de 20 | 1 (3,7%)          | 1 (4,35%)           | 2 (4%)           |
| 20 - 24      | 7 (25,9%)         | 2 (8,7%)            | 9 (18%)          |
| 25 - 29      | 4 (14,8%)         | 5 (21,75%)          | 9 (18%)          |
| 30 - 34      | 8 (29,6%)         | 4 (17,4%)           | 12 (24%)         |
| 35 - 39      | 5 (18,5%)         | 5 (21,75%)          | 10 (20%)         |
| 40 - 44      | 1 (3,7%)          | 3 (13,05%)          | 4 (8%)           |
| 45 - 49      | 0 (0%)            | 2 (8,7%)            | 2 (4%)           |
| 50 - 54      | 1 (3,7%)          | 0 (0%)              | 1 (2%)           |
| 55 - 59      | 0 (0%)            | 1 (4,35%)           | 1 (2%)           |
| <u>Total</u> | <u>27 (99,9%)</u> | <u>23 (100,05%)</u> | <u>50 (100%)</u> |

Tab. VI - A idade dos imigrantes portugueses

Embora não haja nenhum estudo feito sobre a prove-

---

(23) Ibidem, p. 80.

(24) Ibidem, p. 81.

niência e a idade dos imigrantes portugueses na África do Sul, quer-nos parecer que o que Van Rensburg diz de Bloemfontein pode muito bem ser verdade do resto da África do Sul. Assim, não hesitamos em concluir que a maior parte dos imigrantes portugueses provem de zonas rurais e tem entre 20 e 40 anos de idade.

#### 2.4 Os motivos de imigração

Como se viu no capítulo anterior, são várias as razões que levam um indivíduo a imigrar. No entanto, os motivos económicos podem ser considerados os mais importantes.

Os sociólogos costumam dividir os motivos da imigração em três grupos: <sup>(25)</sup>

- a. primários - os que levam um indivíduo a imigrar;
- b. secundários - os que levam um indivíduo a imigrar para um certo país;
- c. terciários - os que levam um indivíduo a fixar-se numa certa cidade ou área do país escolhido.

No estudo acima referido sobre os imigrantes portugueses em Bloemfontein, H.C.J. van Rensburg também achou que os motivos primários de imigração eram principalmente de ordem económica. Eis como apresenta Van Rensburg os seus resultados: <sup>(26)</sup>

---

(25) Ibidem, p. 88.

(26) Ibidem, p. 89.

| <u>Motivos primários</u>    | <u>Homens</u> | <u>Mulheres</u> | <u>Total</u> |
|-----------------------------|---------------|-----------------|--------------|
| Motivos económicos          | 88,8%         | 13,05%          | 52%          |
| Família na África<br>do Sul | 11,1%         | 87%             | 48%          |
| <u>Total</u>                | <u>99,9%</u>  | <u>100,05%</u>  | <u>100%</u>  |

Tab. VII - Os motivos primários de imigração

Estes dois motivos excluem completamente todos os os outros que Van Rensburg propunha no seu questionário aos imigrantes portugueses:

- a. viagens e aventuras;
- b. factores climáticos;
- c. factores religiosos;
- d. factores políticos;
- e. razões de estudo.

Num estudo semelhante, efectuado por S.C.J. Botha sobre os imigrantes portugueses na região de Witwatersrand, o motivo primário de imigração que se mostrou mais importante foi também o motivo económico.<sup>(27)</sup> De todos os imigrantes que preencheram o questionário de Botha, 40% imigraram por razões financeiras, 38% porque tinham família na África do Sul, 16% porque pensavam que a África do Sul oferecia um futuro melhor para os seus filhos e 6% por falta de trabalho nas regiões donde tinham imigrado. Estes motivos, quando bem analisados, re-

---

(27) Botha, S.C.J. ob. cit., p. 44.



duzem-se, na verdade, aos dois principais que encontramos em Van Rensburg:

|                             |             |
|-----------------------------|-------------|
| a. motivos económicos       | 62%         |
| b. família na África do Sul | 38%         |
| <u>Total</u>                | <u>100%</u> |

Quanto aos principais motivos secundários que levaram um indivíduo a imigrar para a África do Sul e não para outro país, Van Rensburg achou que a maioria dos imigrantes que responderam ao seu questionário devia a sua vinda à influência de família e de amigos. Mais uma vez reproduzimos aqui a sua tabela: (28)

| <u>Motivos secundários</u>                          | <u>Homens</u> | <u>Mulheres</u> | <u>Total</u> |
|-----------------------------------------------------|---------------|-----------------|--------------|
| a. Influência de família e de amigos                | 88%           | 95,7%           | 92%          |
| b. Melhores condições de trabalho                   | 11,1%         | 0%              | 6%           |
| c. Factores climáticos                              | 3,7%          | 4,35%           | 4%           |
| d. Melhor tratamento pelas autoridades de imigração | 0%            | 0%              | 0%           |
| e. País mais próxima ao de emigração                | 7,4%          | 4,35%           | 6%           |
| f. Diversos                                         | 0%            | 4,35%           | 2%           |

Tab. VIII - Os motivos secundários de imigração

(28) Van Rensburg, H.C.J. ob. cit., p. 99.

Embora os motivos terciários dos imigrantes de Bloemfontein não interessem para este estudo, eles são interessantes, na medida em que nos dão algumas indicações sobre o modo como os imigrantes portugueses se fixam. Os resultados de Van Rensburg indicam que 77,7% dos imigrantes portugueses do sexo masculino se fixaram em Bloemfontein, porque já tinham família nessa cidade e não por razões de trabalho.

## 2.5 A distribuição regional da população portuguesa na África do Sul

Segundo o censo realizado em 1960, habitavam na África do Sul 9 444 portugueses, dos quais 8 799 em zonas urbanas e 645 em zonas rurais.<sup>(29)</sup>

Esta distribuição desproporcionada é compreensível, visto que as grandes indústrias, que absorvem a maior parte dos imigrantes portugueses que chegam todos os anos à África do Sul, se encontram estabelecidas nas grandes cidades.

A tabela seguinte ilustrará a distribuição da colônia portuguesa pelas zonas urbanas e rurais das di-

---

(29) South African Statistics. Pretória, Departamento de Estatísticas, 1970, p. A-19. Os resultados do censo de 1970 ainda não foram publicados.

versas províncias: (30)

| <u>Províncias</u>      | <u>Zonas urbanas</u> | <u>Zonas rurais</u> |
|------------------------|----------------------|---------------------|
| Província do Cabo      | 1 234                | 15                  |
| Província do Natal     | 235                  | 21                  |
| Província do Transval  | 7 038                | 587                 |
| Estado Livre de Orange | 292                  | 22                  |
| <u>Total</u>           | <u>8 799</u>         | <u>645</u>          |

Tab. IX - A distribuição regional da população portuguesa na África do Sul (1960)

Esta tabela permite-nos concluir também que a maior concentração de Portugueses se encontra nas províncias do Transval e do Cabo, que são também as mais industrializadas e urbanizadas. É interessante notar que, como se pode deduzir do que já foi dito, a imigração portuguesa se processa das zonas rurais portuguesas para as zonas urbanas sul-africanas.

Este estudo não ficaria completo se não se fizesse uma pequena análise da distribuição da população portuguesa pelas diversas cidades sul-africanas. O grau de concentração populacional parece estar na razão directa da industrialização da cidade em

---

(30) Ibidem, p. A-19.

questão. Eis os dados segundo o censo de 1960:<sup>(31)</sup>

| <u>Cidades</u>             | <u>Imigrantes portugueses</u> |
|----------------------------|-------------------------------|
| Cape Town                  | 1 094                         |
| East London                | 2                             |
| Kimberley                  | 7                             |
| Port Elizabeth             | 39                            |
| Durban                     | 211                           |
| Pietermaritzburg           | 13                            |
| Pretoria                   | 510                           |
| Johannesburg               | 3 726                         |
| Germiston                  | 682                           |
| East Rand                  | 911                           |
| West Rand                  | 677                           |
| Vanderbijlpark/Vereeniging | 153                           |
| Bloemfontein               | 85                            |
| O.F.S. Goldfields          | 113                           |

Tab. X - A distribuição dos portugueses pelas cidades sul-africanas

A distribuição pelas diversas cidades sul-africanas apresentada pelo Professor Richard Pattee difere grandemente dos dados oficiais. Segundo Pattee, que se baseia sobre dados fornecidos pelo jornal inglês de Joanesburgo The Star, existem 70 000 Portugueses em Joanesburgo, 8 000 em Pretória, 10 000 na Cidade do Cabo, 2 000 em Port Elizabeth e 7 500

---

(31) Ibidem, p. A-44.

na província do Natal. Os restantes - mais ou menos 12 500 - estão distribuídos por pequenas cidades, vilas e zonas rurais.

## 2.6 A emigração portuguesa da África do Sul

Pode dizer-se que os Portugueses que se vieram fixar na África do Sul encontraram condições de trabalho e de vivência que lhes agradaram, visto muito poucos dos que entraram no país terem voltado a emigrar. Entre 1945 e 1960 só 217 Portugueses abandonaram a África do Sul, ou seja, 0,13% do total de emigrantes durante o mesmo período.<sup>(32)</sup> Entre 1961 e 1970 só 654 Portugueses emigraram da África do Sul, ou seja, 0,7% do total dos emigrantes durante o mesmo período.<sup>(33)</sup>

## 3. SITUAÇÃO SOCIO-ECONÓMICA DOS IMIGRANTES PORTUGUESES NA ÁFRICA DO SUL

As condições socio-económicas de qualquer indivíduo dependem normalmente da sua educação, do seu treino

---

(32) "Verslag van die Departement van Immigrasie vir die tydperk 1 April 1961 tot 30 Junie 1968", p. 3.

(33) "Verslag van die Departement van Immigrasie vir die tydperk 1 Julie 1968 tot 30 Junie 1970", p. 4.

profissional e da sua profissão. Antes, pois de considerarmos a situação socio-económica dos imigrantes portugueses na África do Sul, convem, portanto, que analisemos esses factores.

Portugal é, como se sabe, um país pobre, cuja base económica é a agricultura.<sup>(34)</sup> A pobreza do país e o facto de que, até há poucos anos, só era obrigatória uma educação primária de quatro anos são responsáveis pelo baixo nível educacional do imigrante português em relação ao indivíduo sul-africano, cuja escolaridade obrigatória é de doze anos.<sup>(35)</sup> De todos os imigrantes entrevistados por Van Rensburg, só 2% possuíam habilitações literárias superiores à instrução primária.<sup>(36)</sup>

O treino profissional que os imigrantes portugueses radicados neste país possuem é também, segundo Van Rensburg, insatisfatório.<sup>(37)</sup> Os imigrantes portugueses do Continente são, na sua maioria, operários, enquanto que os imigrantes madeirenses, tendo sido trabalhadores rurais na sua terra de origem e não tendo recebido, portanto, treino profissional algum, se dedicam em especial ao comércio de frutas

---

(34) Pap, L. ob. cit., p. 11.

(35) Van Rensburg, H.C.J. ob. cit., p. 130.

(36) Ibidem, p. 131.

(37) Ibidem, p. 132.

e hortaliças.<sup>(38)</sup> Sobre as actividades económicas dos Portugueses na África do Sul diz o Professor Richard Pattee (ob. cit., p. 114):

"Em muitas cidades e povoações encontram-se Portugueses exercendo as mais diversas ocupações. Nas minas, no comércio, na indústria vemos Portugueses, já estabelecidos há uma ou mais gerações ou imigrados de recente data. Há grande percentagem de Madeirenses, quase todos no comércio com estabelecimentos espalhados por toda a parte. Em qualquer cidade sul-africana, especialmente em Joanesburgo e nas grandes urbes, uma loja de frutas, hortaliça ou rebuçados é quase sempre negócio de um português ..."

Os outros elementos da comunidade portuguesa que também não têm preparação profissional são as mulheres. De uma maneira geral, elas não exercem nenhuma profissão. Esta circunstância deve-se também, em parte, ao facto de que tradicionalmente o lugar da mulher portuguesa é em casa. Além disso, poucas são as mulheres portuguesas que falam uma das línguas oficiais e poucas as que falam as

---

(38) Ibidem, p. 134. Foi esta tendência agrária dos Portugueses que levou os Americanos a comentarem com um certo humor: "If you want to see a potato grow, speak to it in Portuguese" (Pap, L. ob. cit., p. 13).

duas: o inglês e o africânico.<sup>(39)</sup> De todas as mulheres entrevistadas por Van Rensburg, 95,7% não trabalhavam.<sup>(40)</sup>

Apesar das desvantagens educacionais e profissionais em que os imigrantes portugueses se encontram, os dados recolhidos por Van Rensburg indicam que a grande maioria está satisfeita com o seu trabalho: só 3,57% do grupo entrevistado mostrou sinais de insatisfação.<sup>(41)</sup> Se levarmos em conta o facto de que Van Rensburg encontrou nos Portugueses uma grande preocupação com os aspectos financeiros da imigração,<sup>(42)</sup> devemos concluir que o bom salário que ganham é a razão principal pela qual poucos Portugueses estão insatisfeitos com as suas condições de trabalho.

Van Rensburg situa o salário dos imigrantes portugueses entre 49 e 299 Rands por mês.<sup>(43)</sup> No entanto, consideramos que a tabela de salários dos imigrantes portugueses apresentada por Van Rensburg não representa os salários que os Portugueses ganham. A nossa afirmação baseia-se em três factos: a. os salários pagos no Estado Livre de Orange,

---

(39) Ibidem, p. 126.

(40) Ibidem, p. 124.

(41) Ibidem, p. 123.

(42) Ibidem, p. 92.

(43) Ibidem, p. 136.



onde o inquérito de Van Rensburg foi feito, são os mais baixos de toda a República Sul-Africana;

- b. desde 1968, data em que o inquérito foi feito, a situação económica dos operários neste país tem vindo melhorar sensivelmente em relação ao custo de vida;
- c. como S.C.J. Botha notou no seu inquérito, as respostas dos imigrantes portugueses sobre a sua situação financeira não foram dados por 50% dos entrevistados, enquanto que os outros responderam hesitantemente. Isto levou-o a concluir que o salário era maior do que os entrevistados confessaram e que só o medo de serem descobertos pelo Ministério das Finanças os forçou a darem quantias inferiores às que, na realidade, ganhavam. (44)

O que acima ficou dito leva-nos a concluir que, devido à escassez de mão-de-obra na África do Sul, o operariado ganha bastante e que neste país nem sempre há uma relação rígida entre a educação e a preparação profissional e o salário.

Apesar do bom salário que ganham, os imigrantes portugueses escolhem quase sempre como domicílio os bairros mais velhos de uma cidade. Assim aconteceu

---

(44) Botha, S.C.J. ob. cit., pp. 42 e 44.

em Joanesburgo<sup>(45)</sup> e em Bloemfontein.<sup>(46)</sup> Esta escolha explica-se pelo facto de que o imigrante português, com raras excepções, pretende voltar a fixar-se em Portugal e, por isso, prefere poupar o máximo possível para um dia mais tarde poder viver desafogadamente na sua terra natal.

Um outro aspecto do padrão habitacional dos imigrantes portugueses é que preferem habitar uns perto dos outros. Assim, bairros inteiros, normalmente contíguos, são quase exclusivamente habitados por Portugueses.<sup>(47)</sup> Se, por um lado, este aspecto ajuda o imigrante português a adaptar-se gradualmente às novas condições, por outro lado, tende a isolá-lo não só geograficamente, mas também social e culturalmente e até linguisticamente. A seguinte citação é apropriada:<sup>(48)</sup>

"Thus those members of ethnically distinct groups living in the "Ghettos", the Chinatowns, the "Little Italys", and so on, do not experience the drastic "culture shock" of the isolated stranger in a new

---

(45) Ibidem, p. 59.

(46) Van Rensburg, H.C.J. ob. cit., p. 149.

(47) Ibidem, p. 151. Botha, S.C.J. ob cit., pp. 58 - 59.

(48) McIver, R.M. and Page, C.H. Society: An introductory analysis. London, MacMillan & Co., 1962, p. 130. Citado por Van Rensburg, H.C.J. ob. cit., pp. 152 - 153.

land. In this way the semi-community of the immigrant serves to ease his readjustment to the new conditions. On the other hand, assimilation is no doubt retarded by the existence of these "cultural islands". Within them the newcomer, especially the first generation arrival, achieves a sense of safety, to be sure, but they stand in the eyes of the majority as evidence of the alien and bizarre and distasteful."

Em Joanesburgo, onde a concentração de Portugueses é a maior de toda a África do Sul, estes ocupam os bairros de La Rochelle, Turffontein, Regents Park, Troyeville, Booyens, South Hills, Bertrams, Judith's Paarl, Bezuidenhout Valley, Doornfontein e Jeppestown. Devido à grande concentração de Portugueses, o bairro de Regents Park já é conhecido entre os Sul-Africanos por "pequena Lisboa".<sup>(49)</sup>

De uma maneira geral, os Portugueses encontram-se satisfeitos com as suas condições habitacionais, embora 16% dos entrevistados por Van Rensburg se queixem que as rendas de casa na África do Sul são muito elevadas.<sup>(50)</sup>

Devido à sua ignorância das línguas oficiais da África do Sul, o imigrante português vê-se obrigado a

---

(49) Botha, S.C.J. ob. cit., p. 59.

(50) Van Rensburg, H.C.J. ob. cit., p. 163.

fazer a sua vida social dentro do seu grupo étnico e encontra-se, portanto, isolado em relação à população sul-africana: (51)

"Die Portugees ... word deur sy onvermoë soverre dit die amptelike landstale aangaan, totaal van die inheemse volk op sosiale vlak geïsoleer. In sy huis- en vriendekringe wend hy hom gevolglik dan ook byna sonder uitsondering tot sy eie groep, juis omdat dit die enigste breë terrein is waar kommunikasie aanvanklik in die ware sin van die woord kan plaasvind."

Mesmo os homens, que, através do seu trabalho, são os únicos elementos da comunidade portuguesa, excluindo as crianças, a terem contacto com a população sul-africana, preferem a convivência com companheiros de trabalho portugueses: (52)

"Sou die Madeira-groep egter hier buite rekening gelaat word - hulle werkkringe is saamgestel uit bloot een, twee of drie ander Portugese - vind ons dat die ambagsmanne se werkkringe hoofsaaklik uit Portugeessprekendes bestaan. Hierdie verskynsel vind verklaring daarin dat 'n geweldige groot aantal Portugese ambagsmanne by sekere maatskappye in die boubedryf in diens is; in sekere gevalle is dit, na wat verneem kan word, so veel as twintig".

---

(51) Ibidem, pp. 198 e 200.

(52) Ibidem, p. 180.

Outro aspecto da vida social da comunidade portuguesa na África do Sul é que, de forma geral, os imigrantes de Portugal Continental não têm relações sociais com os imigrantes da Madeira. Esta discriminação provem, como Van Rensburg notou, do facto de os primeiros considerarem que o grau de cultura dos segundos é inferior:<sup>(53)</sup>

"n Belangrike onderskeiding moet egter op hierdie stadium getref word tussen die Portugal-groep en die Madeira-groep. Die verhouding tussen hierdie twee subgroepe moet beskou word as een van absolute isolasie wat in baie gevalle uitloop op sterk teenkanting en selfs afsku. Nie een van hierdie groepe soek enige aansluiting by die ander nie. Dit is egter veral aan die kant van die Portugal-groep waar die teenkanting aangetref word; in geen opsig wil hulle met die Madeira-groep geassosieer word nie, omdat laasgenoemde groep as van 'n baie laer peil beskou word, en selfs as "dirties" en "kaffers" bestempel word."

#### 4. A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DO IMIGRANTE PORTUGUÊS

##### 4.1 Os seus conhecimentos de inglês e de africânico

De uma maneira geral, os novos imigrantes portugueses que chegam à África do Sul não sabem falar nem inglês nem africânico, mas reconhecem a necessidade

---

(53) Ibidem, p. 180.

de conhecimento dessas duas línguas. No inquérito feito por Botha, 87% dos imigrantes portugueses entrevistados declararam que o inglês lhes era necessário para o seu trabalho, enquanto que 49% fizeram a mesma afirmação relativamente ao africânico.<sup>(54)</sup>

Embora os imigrantes portugueses reconheçam a necessidade das duas línguas oficiais para o exercício das suas vidas profissionais, os seus conhecimentos de inglês e de africânico são muito rudimentares, sendo os da primeira língua mais profundos do que os da segunda. Os resultados obtidos por Van Rensburg, que pôs à prova os conhecimentos de inglês e de africânico de um grupo de imigrantes portugueses, confirmam plenamente esta nossa opinião. Dos imigrantes entrevistados por este autor 96% não compreendia africânico, enquanto que 56% não compreendia inglês. Para uma compreensão mais global da situação linguística re-produzimos aqui a tabela de Van Rensburg:<sup>(55)</sup>

---

(54) Botha, S.C.J. ob. cit., p. 40.

(55) Van Rensburg, H.C.J. ob. cit., p. 175. Este autor considera como bom o grau de proficiência dos imigrantes que conseguem conversar sem esforço nas línguas oficiais, como médio o dos que o conseguem fazer com muito esforço, como insuficiente o dos que o não conseguem fazer e como não existente o dos que não compreendem nada das línguas oficiais.

| <u>Língua</u> | <u>Grau de Proficiência</u> | <u>Homens</u> | <u>Mulheres</u> | <u>Total</u> |
|---------------|-----------------------------|---------------|-----------------|--------------|
| Africânico    | Bom                         | 0%            | 0%              | 0%           |
|               | Médio                       | 0%            | 0%              | 0%           |
|               | Insuficiente                | 7,4%          | 0%              | 4%           |
|               | Não existente               | 92,5%         | 100,05%         | 96%          |
|               | <u>Total</u>                | <u>99,9%</u>  | <u>100,05%</u>  | <u>100%</u>  |
| Inglês        | Bom                         | 3,7%          | 4,35%           | 4%           |
|               | Médio                       | 3,7%          | 4,35%           | 4%           |
|               | Insuficiente                | 59,2%         | 8,7%            | 36%          |
|               | Não existente               | 33,3%         | 82,65%          | 56%          |
|               | <u>Total</u>                | <u>99,9%</u>  | <u>100,05%</u>  | <u>100%</u>  |

Tab. XI - Grau de proficiência dos imigrantes portugueses nas línguas  
oficiais

Uma análise da tabela acima citada indica que o grau de proficiência das mulheres portuguesas em ambas as línguas oficiais é não existente ou quase não existente, enquanto que o dos homens é ou insuficiente ou não existente. Os conhecimentos lingüísticos destes últimos como grupo economicamente activo limitam-se normalmente ao vocabulário essencial à sua vida diária e profissional, vocabulário esse que, aprendido informalmente, é organizado segundo os padrões gramaticais da língua materna, dando assim origem aos chamados "broken English" e "krom Afrikaans".

Os muitos anos de estadia na África do Sul não parecem exercer muita influência sobre os conhecimentos lingüísticos da primeira geração de imigrantes. Durante a investigação feita para este estudo, o autor teve oportunidade de encontrar imigrantes que, apesar de estarem neste país há mais de dez anos, ainda não conseguiram aprender nenhuma das línguas oficiais. De resto, esta situação não difere muito do que se passou e ainda se passa nos Estados Unidos da América. Leo Pap conta o seguinte caso: (56)

"In 1929 a Providence newspaper reported the case of a Capeverdean woman in Providence who, although her grandfather had visited Providence before there was a railroad to Boston, still could not talk English."

---

(56) Pap, L. ob. cit., p. 21.



Esta ignorância quase total dos idiomas oficiais falados na África do Sul é o resultado não só da situação socio-económica do imigrante português e de certas das suas atitudes mentais, mas também da atitude de muitos sul-africanos para com o imigrante português.<sup>(57)</sup> Entre as razões que conduziram a esta situação convem realçar as seguintes:

- a. quando o Português emigra é quase sempre com a intenção de voltar dentro de alguns anos à sua pátria. Por essa razão, tanto lhe faz aprender a língua do país para onde imigra como não: o que lhe interessa é saber o mínimo para poder ganhar a sua vida;
- b. por outro lado, é evidente que a preparação educacional do imigrante português não favorece a sua aprendizagem de línguas estrangeiras: não se pode esperar que um indivíduo que mal conseguiu aprender a sua língua materna, consiga ainda aprender um novo sistema de comunicação que lhe é totalmente estranho;
- c. o padrão habitacional da comunidade portuguesa

---

(57) A nossa opinião é confirmada por Leo Pap (ob. cit., p. 11) que, a este respeito, afirma: "The occupational activities of an individual as well as the material civilization surrounding him and the kind of living he can afford determine to a large extent his range of ideas and the type of intercommunication effect through speech."

isola também linguisticamente os indivíduos do sexo feminino e não encoraja os indivíduos do sexo masculino a procurarem relações sociais fora do seu grupo étnico. Além disso, o unilinguismo da mulher portuguesa obriga também o marido a não conviver fora do seu grupo, perdendo assim ambos a oportunidade de desenvolverem os seus conhecimentos das línguas oficiais;

- d. a situação profissional de muitos imigrantes portugueses que trabalham para companhias, onde grande parte dos operários e capatazes são portugueses.<sup>(58)</sup> O mesmo sucedeu nos Estados Unidos da América:<sup>(59)</sup>

"Algumas das nossas patrícias de Ludlow [Massachusetts] não sabem articular um único vocábulo da língua inglesa, porque também nunca tiveram necessidade de o fazer, pois na fábrica de cordoaria havia e há capatazes portugueses, que para falar português foram empregados";

- e. as longas horas de trabalho de grande parte dos imigrantes portugueses que, pretendendo ganhar o máximo num mínimo de tempo, não têm tempo de frequentar as escolas nocturnas, onde poderiam adquirir conhecimentos das duas línguas oficiais;
- f. a existência de grandes supermercados e armazéns

---

(58) Van Rensburg, H.C.J. ob. cit., p. 180.

(59) Pap, L. ob. cit., p. 32.

do tipo "self-service", onde para comprar os gêneros necessários à sua vida diária, o imigrante não precisa de falar nenhuma das línguas oficiais;

- g. a atitude de muitos sul-africanos que, considerando o imigrante português como um indivíduo inferior, cuja capacidade não é suficiente para compreender as línguas oficiais do país, lhe falam por sinais e simplificando também os seus próprios idiomas. Desta maneira, o imigrante português da primeira geração só consegue aprender vocábulos isolados;
- h. a atitude negativa de muitos Portugueses para com a secção africânder da sociedade sul-africana, a qual resulta dos insultos que este grupo lhe dirige: "bloody Portugaans"<sup>(60)</sup>, mestiço, "seekaffir", etc. A este respeito comenta M.R. Davie:<sup>(61)</sup>

"Prejudice is manifested by the majority group in scorning, repressing, or ignoring and by the minority group in sensitivity to slights, envy, bitterness, or self-assertiveness."
- i. a proximidade de Moçambique, onde muitos dos imigrantes portugueses vão mais ou menos frequentemente e onde têm a oportunidade de refor-

---

(60) Van Rensburg, H.C.J. ob. cit., p. 189.

(61) Davie, M.R. ob. cit., p. 588.

- çar a sua cultura portuguesa;<sup>(62)</sup>
- j. o fácil acesso a jornais e revistas portuguesas, como o Século de Joanesburgo (a princípio mensal, mas agora semanal), o Noticias de Lourenço Marques, A Bola, O Século Ilustrado, etc., que mantêm o imigrante português em contacto com a sua língua materna e os acontecimentos do seu país. Destes jornais só o Século de Joanesburgo é publicado na África do Sul; os restantes são importados de Moçambique ou directamente de Portugal.<sup>(63)</sup>

Sobre a contribuição dos jornais de língua portuguesa para a manutenção da nossa língua no estrangeiro diz Leo Pap, revendo a situação nos Estados Unidos da América:<sup>(64)</sup>

"In the first place, the Portuguese-language newspapers, without any direct propagandistic intentions on their part, have kept alive or even widened the knowledge of Portuguese among their readers by the mere fact of their being read. Many subscribers to these newspapers

- 
- (62) A palavra cultura está aqui usada num sentido puramente sociológico. O Professor R. Pattee (ob. cit., p. 115) acha também que a proximidade de Moçambique mantém vivo o carácter lusitano da comunidade portuguesa.
- (63) Van Rensburg, H.C.J. ob. cit., p. 234.
- (64) Pap, L. ob. cit., p. 32.

hardly ever read books in Portuguese - or anything else for that matter. By reading the newspapers they automatically keep remembering or they even learn words, phrases and rare grammatical forms which are not used in everyday speech. In many instances, the Portuguese press in the United States has furnished the first close contact with the literary language and with certain standard forms and expressions to which the immigrants who had not been reading newspapers or books at all in Portugal, for lack of interest or of opportunity, or because of illiteracy (some foreign-born have learned to read and write only in this country!)."

1. as transmissões em língua portuguesa da Emissora Nacional Sul-Africana que são ouvidas por muitos imigrantes portugueses na África do Sul. Além de música, transmite esta estação emissora notícias, comentários sobre a política nacional e internacional, palestras e folhetins radiofónicos. Embora estas transmissões incluam material informativo e até lições de africânico, não há dúvida que o simples facto de serem em português contribui para a manutenção e melhoramento da língua portuguesa na África do Sul.

Além destas emissões, os imigrantes portugueses neste país ouvem também as emissões do Rádio Club de Moçambique e da Emissora Nacional Portuguesa.

- m. a existência de clubes portugueses, onde os Portugueses têm a oportunidade de fazer a sua vida social com compatriotas. Em Joanesburgo, por exemplo, existem dois clubes portugueses, a União Cultural Recreativa e Desportiva Portuguesa e Associação da Colónia Portuguesa da África do Sul. Este último organismo, que tem quase trinta anos de existência, mantém uma escola para os filhos dos imigrantes com exames oficializados pela vinda de um inspector escolar de Lourenço Marques (Pattee, R. ob. cit., p. 115). Além destes clubes, há também um clube português de futebol, o Lusitano, que proporciona também aos imigrantes oportunidades de confraternização.
- n. a existência de padres católicos portugueses que pregam à congregação e confessam em português. A posição é semelhante nos Estados Unidos da América:<sup>(65)</sup>
- "In the Portuguese churches the foreign-born as well as the American-born hear the priests preach and explain the Gospel in Portuguese, and they have the opportunity to practise Portuguese during prayers, confessions and indoctrination periods."

Além da Igreja Católica, sabemos pelo menos de uma igreja protestante, a Igreja Reformada Ho-

---

(65) Ibidem, p. 39.

landesa Reformaça e de uma seita pentecostal, as Assembleias de Deus, que ministram aos imigrantes portugueses na sua língua. A primeira tem uma congregação portuguesa em Joanesburgo, outra em Pretória e ainda outra em Vanderbijlpark. A segunda tem uma grande congregação em Joanesburgo e outra mais pequena em Pretória.

#### 4.2 A situação da língua portuguesa na África do Sul

O movimento imigratório português para a África do Sul trouxe consigo transformações de carácter linguístico. Estas transformações são, em suma as seguintes: o nivelamento de certas diferenças linguísticas regionais e a introdução de elementos lexicais sul-africanos, especialmente ingleses, no falar do imigrante português.

De uma maneira geral, a imigração para a África do Sul pôs em contacto indivíduos das mais diversas regiões de Portugal. Deste contacto surgiu um nivelamento geral das diferenças linguísticas regionais, que se caracteriza pela uniformização de certos aspectos fonológicos e pelo desaparecimento de certos elementos lexicais regionais.<sup>(66)</sup> São exem-

---

(66) Morais-Barbosa, J. (Études de phonologie portugaise. Lisboa, J. de investigações do Ultramar, 1965, p. 23) afirma que estes falares regionais se podem considerar dialectos.

plos deste nivelamento as seguintes modificações:

- a. desaparecimento da ditongação minhota wo (<o) e je (<e) em sílaba tónica: minhoto ['fwogu] > port. ['fogu], minhoto ['kjedu] > port. ['kedu];
- b. o desaparecimento da confusão entre b e v (bi-nho em vez de vinho) que é tão característico dos dialectos nortenhos (minhoto, beirão, etc. - Leite de Vasconcelos, J. ob. cit., p. 95; Morais-Barbosa, J. Études, pp. 43 - 44);
- c. a substituição da africada nortenha [tʃ], que ainda é uma reminiscência arcaica (Elcock, W.D. The Romance Languages. London, Faber & Faber, 1960, p. 432), pela fricativa portuguesa moderna [ʃ]: minhoto ['tʃũbu] > ['ʃũbu];
- d. a substituição da fricativa beiroa [ʃ] pela sibilante portuguesa [s]: beirão [ɐ'ʃĩ] > [ɐ'sĩ];
- e. a menor velocidade do falar algarvio;
- f. o desaparecimento de elementos lexicais regionais como minhoto [ẽŋkuni'tʃadu] (= port. amarrado).

Isto não quer dizer que a imigração tenha causado o desaparecimento de todas as diferenças dialectais. Muitas ficaram. Assim, o grau de nivelamento dialectal depende, como seria de esperar, de certos factores psicológicos e sociológicos entre os quais podemos citar os seguintes: o período de estadia na África do Sul, o contacto que o imigrante tem com imigrantes de outras regiões, o seu grau de educação e o prestígio que a língua portuguesa (variedade de Lisboa ou de Coimbra) tem para ele em rela-



ção ao seu dialecto. O autor teve oportunidade de encontrar uma senhora nascida na Madeira e casada com um Português de Lisboa que, pelo seu isolamento dos seus conterrâneos, pelo contacto diário com o português de Lisboa e pelo prestígio que este falar tinha para ela, tinha perdido por completo os traços fonológicos característicos do dialecto da Madeira.

Uma excepção a este nivelamento é o falar dos imigrantes madeirenses. Vivendo estes, como já foi dito, de certa maneira isolados do resto da comunidade portuguesa na África do Sul, o seu falar manteve certas características que o distinguem do falar português padrão. Entre eles queremos assinalar os seguintes:

- a. substituição de [u] por [ü] em sílaba acentuada: ['tudu] > ['tüdu];
- b. substituição do [o] português por [u]: port. [bô] > madeirense [bü], port. [flor] > madeirense [flur] (Leite de Vasconcelos, J. ob. cit., p. 130);
- c. a ditongação da vogal portuguesa [i] em sílaba acentuada > madeirense [ai]: port. [mə'ninu] > madeirense [mə'nainu];<sup>(67)</sup> Em certos casos,

---

(67) Brüdt, K. "Madeira: estudo linguístico-etnográfico", in Boletim de Filologia (Centro de Estudos Filológicos, Lisboa), V (1938), pp. 59 - 91 e 289 - 349. Este [i] madeirense tem sido comparado com o [i] polaco (L. de Vasconcelos, J. ob. cit., p. 130).

- um [i] em sílaba não-acentuada também se pode ditongar: port. [ĩ'sēdiu] > madeirense [aĩ'sendi],<sup>(68)</sup> port. [ĩ'fuzɐ] > [aĩ'fuzɐ];<sup>(69)</sup>
- d. a ditongação da vogal portuguesa [ɛ] em sílaba acentuada > [ai]: port. ['tɛtu] > madeirense ['taitu];<sup>(70)</sup>
- e. ditongação do [o] português, quando seguido de vogal: port. [pə'soɐ] > madeirense [pə'souɐ], port. [liʃ'boɐ] > madeirense [liʃ'bouɐ];
- f. dissimilação incompleta do português [ei] em sílaba acentuada > madeirense [ai]: port. [kumi'veirɐ] > madeirense [kumi'airɐ].<sup>(71)</sup> Esta dissimilação é também possível em sílaba não-acentuada: port. [lɛi'teirɐ] > madeirense [lai'tairɐ];<sup>(72)</sup>
- g. aférese do [ɾ] inicial não-acentuado, quando seguido de [ʃ]: port. [ɾʃpɐ'diʎɐ] > madeirense [ʃpɐ'diʎɐ];<sup>(73)</sup>
- h. substituição do [l] português por [ʎ]: port. ['grilu] > madeirense ['griʎu];<sup>(74)</sup>
- i. a persistência de certos elementos lexicais característicos do dialecto da Madeira: semilha

---

(68) Pap, L. ob. cit., p. 54.

(69) Brüdert, K. ob. cit., p. 88.

(70) Ibidem, p. 82.

(71) Ibidem, p. 82.

(72) Ibidem, p. 82.

(73) Ibidem, p. 336.

(74) Ibidem, p. 60.

(port. batata).<sup>(75)</sup>

O aspecto mais importante da transformação linguística do português na África do Sul é, sem dúvida, a introdução de elementos sul-africanos no sistema linguístico português. A área mais afectada foi o léxico: por um lado, houve uma redução do vocabulário português, devido ao desaparecimento de certas condições geográficas, socio-económicas e culturais, a que o imigrante estava acostumado; por outro lado, para fazer face a novas circunstâncias, deu-se a infiltração no falar português de elementos lexicais e expressões sul-africanas, muitos dos quais vieram substituir termos portugueses e reduzir ainda mais o vocabulário diário do imigrante português. Visto sociològicamente, este fenómeno é, portanto, como já ficou dito no capítulo anterior, um dos fenómenos de adaptação cultural.

A contribuição sul-africana para o falar dos imigrantes portugueses, que discutiremos no próximo capítulo, varia, como se poderá imaginar, de região para região e de indivíduo para indivíduo. Em Joanesburgo não notámos nenhuma influência africana, enquanto que em Potchefstroom, onde a maioria da população é de língua africânica, recolhemos algumas palavras e expressões vindas dessa língua. Por outro lado, a variação individual depende dos

---

(75) Os madeirenses chamam batata à batata doce.

factores psicológicos já enunciados no capítulo anterior.

Convem também notar que os empréstimos lexicais não se limitam a indivíduos cujo bilinguismo ou multilinguismo é incipiente, mas que muitos empréstimos ao inglês se ouvem na boca de unilingues. É óbvio que estes últimos os aprenderam com os primeiros, à força de tanto ouvirem essas palavras. É este o reforço linguístico de que fala W.M. Rivers (ob. cit., pp. 51 - 60).

Resta-nos dizer que estes empréstimos se fazem apesar das condições que favorecem a manutenção da língua portuguesa. O desaparecimento da língua portuguesa nas famílias portuguesas residentes na África do Sul parece-nos, pois, inevitável. A prova do que acabamos de dizer está no facto de que muitos dos filhos destes imigrantes, mesmo nos casos em que o pai e a mãe são portugueses, se recusam a falar português, língua que compreendem muito bem, e só falam inglês.<sup>(76)</sup> De uma forma geral, a terceira geração já não sabe falar português.

---

(76) Depois de termos tido a oportunidade de entrevistar algumas dezenas de crianças portuguesas em escolas primárias e secundárias sul-africanas, foi esta a conclusão a que chegámos.

## CAPÍTULO VI

### INFLUÊNCIAS SUL-AFRICANAS NO FALAR DOS IMIGRANTES PORTUGUESES

Do que ficou dito nos dois últimos capítulos, não é difícil concluir que a situação linguística da comunidade portuguesa na África do Sul é uma de multilinguismo incipiente, ou seja, a primeira etapa na aprendizagem de uma língua estrangeira por um adulto, à qual se referia A. Boileau.<sup>(1)</sup> Isto explica o facto de que o inglês, segundo o que o autor pôde observar, não tenha ainda vindo a exercer influência sobre a fonologia, morfologia e sintaxe do falar dos imigrantes portugueses.<sup>(2)</sup> A influência do inglês e do africânico limita-se à área do léxico, sendo a influência desta última língua, por assim dizer, desprezível: ao todo dezasseis palavras, todas elas encontradas na região de Potchefstroom. Podemos assim dizer que apesar do africânico ser a primeira língua da nação (falada por 3 192 911 pessoas), a sua influência sobre o falar dos imigrantes portugueses é mínima. Por outro lado, é interessante notar que o falar dos

---

(1) Boileau, A. ob. cit., p. 120.

(2) A nosso ver, expressões como oficial tradutor não são o produto de uma influência morfológica, mas sim decalques linguísticos. Pap confirma a nossa opinião (ob. cit., p. 171).

imigrantes vindos de Moçambique se caracteriza também pela presença de elementos lexicais provenientes das línguas nativas daquela província ultramarina portuguesa.

Os empréstimos lexicais feitos pelo falar dos imigrantes portugueses às línguas sul-africanas são de dois tipos: os empréstimos lexicais propriamente ditos e os empréstimos semânticos.

O primeiro tipo (empréstimos lexicais) inclui duas categorias: a primeira, a que demos o nome de palavras não-disfarçadas, inclui elementos lexicais que se transmitiram em forma intacta; a segunda, que denominámos palavras disfarçadas, contem palavras de origem sul-africana que assumiram uma forma mais ou menos portuguesa.

O segundo tipo (empréstimos semânticos) divide-se também em duas categorias: a primeira é constituída por expressões sul-africanas parcial ou totalmente traduzidas para português (traduções literais); a segunda, a que demos o nome de falsos amigos, inclui palavras portuguesas que são usadas em sentido sul-africano.

## 1. EMPRÉSTIMOS LEXICAIS PRÓPRIAMENTE DITOS

### 1.1 Palavras não-disfarçadas<sup>(3)</sup>

---

(3) A transcrição fonémica corresponde à maneira portuguesa de pronunciar as palavras.

ADDRESS /ɛ'drɛsə/ - s.m. < ing. address

Endereço

Vou-lhe deixar o meu address.

ADVOCATE /ɛdvə'keɪtə/ - s.m. < ing. advocate

Advogado

Era melhor meter um advocate.

AFTERNOON /aftə'nunə/ - s.m. < ing. afternoon

Tarde

Fui buscá-la no afternoon.

AIKÔNA /ai'konə/ - interj. < afr. aikôna < nguni

hayi (não) + khona (presente)

De modo nenhum!

Aikônai

BAAS /'bas/ - s.m. < afr. baas

Patrão

Onde está o teu baas?

BABY /'beɪbi/ - s.m. < ing. baby

Bêbé

Mas que bonito baby!

BACKGROUND /bɛkə'graundə/ - s.m. < ing. background

Fundo

O senhor não sabe qual é o background da  
história.

BEAN /'binə/ - s.m. < ing. bean

Feijão

São muito bons estes beans.

BEETROOT /bitə'rrutə/ - s.m. < ing. beetroot

Beterraba

Vendemos muito beetroot.

BICYCLE /'baisiklə/ - s.f. < ing. bicycle

Biciclete

Roubaram-me a minha bicycle.

BIOSCOPE /bais'kɒpə/ - s.m. < ing. bioscope

Cinema

Ela só quer ir ao bioscope.

BOARD<sup>1</sup> /'bɔrdə/ - s.m. < ing. board

Tábua

Quantas inchas<sup>(4)</sup> de espessura tem este board?

BOARD<sup>2</sup> /'bɔrdə/ - s.m. < ing. board

Junta

O board resolveu recusar-lhe a residência.<sup>(5)</sup>

BODY /'bɒdi/ - s.m. < ing. body

Carroçaria

---

(4) Ver incha.

(5) Ver residência.



Mandei pôr um body novo na minha lorry.<sup>(6)</sup>

BOOKKEEPER /bu'ki:p/ - s.m. < ing. bookkeeper  
Guarda-livros  
Vou telefonar ao meu bookkeeper.

BOSS /'bɔsə/ - s.m. < ing. boss  
Patrão  
O teu boss está por cá?

BOY /bɔi/ - s.m. < ing. boy  
Nativo  
Quantos boys é que cá tem?

BOYFRIEND /bɔi'frɛdə/ - s.m. < ing. boyfriend  
Namorado  
Ela só pensa em boyfriends.

BRAAIVLEIS /'braiflɛis/ - s.m. < afr. braaivleis  
Festa em que se assa carne  
Vamos dar um braaivleis.

BRAINS /'breɪnəʃ/ - s.m. < ing. brains  
Inteligência  
Preciso de um lawyer<sup>(7)</sup> que tenha brains.

BRAKES /'breɪkəʃ/ - s.m. pl. < ing. brakes

---

(6) Ver lorry.

(7) Ver lawyer.

Travões

Os brakes não estavam bons.

BRICK /'brikə/ - s.m. < ing. brick

Tijolo

A casa é de bricks.

BUILDER /'biɪdɐ/ - s.m. < ing. builder

Constructor

Diga ao builder que me venha ver.

BUILDING /biɪ'diŋ/ - s.m. < ing. building

Edifício

É aquele building ali à esquina.

BUS /'bʌsə/ - s.m. < ing. bus

Autocarro

O bus<sup>(8)</sup> já passou?

BUSINESS /'bizɪnɪs/ - s.m. < ing. business

Negócio

Já tive um business em Welkom.

BUSY /bi'zi/ - adj. < ing. busy

Ocupado

O lawyer estava busy.

---

(8) Século de Joanesburgo de 29 de Outubro de 1974, p. 6: "O bus das oito e meia".

CABLE /'kæiblə/ - s.m. < ing. cable

Cabo, fio

Estão a pôr os cables.

CARETAKER /kə'tɛkə/ - s.f. < ing. caretaker

Porteira

Já foi à caretaker?

CASH /'kæʃə/ - s.m. < ing. cash

Dinheiro na mão

Hoje não trago cash comigo.

CHECK UP /ʃɛ'kɛpə/ - s.m. < ing. check up

Verificação

A garagem está a fazer-lhe um check up.

CHEWING-GUM /'ʃuɪŋgəm/ - s.m. < ing. chewing-gum

Pastilha elástica

Aqui tem o seu chewing-gum.

CHIPS /'ʃɪpəʃ/ - s.f. pl. < ing. chips

Batatas fritas

Dê-me dez cêntimos de chips.

CHRISTMAS /'krɪsməs/ - s.m. < ing. Christmas

Natal

Não tarda muito que seja Christmas.

C.I.D. /siai'di/ - s.f. < ing. C.I.D. (abreviatura  
de Central Intelligence Division)

Polícia Judiciária  
A C.I.D. esteve af.

COLD DRINK / kol'drĩkə/ - s.m. < ing. cold drink  
Refresco  
Tire um cold drink.

DRINK /'drĩkə/ - s.m. < ing. drink  
Bebida alcoólica  
Quer um drink?

DRIVER /'draĩvə/ - s.m. < ing. driver  
Motorista  
O driver já veio?

DRIVER'S LICENCE /'draĩvəflai'sēsə/ - s.f. < ing.  
driver's licence  
Carta de condução  
Então já tirou a driver's licence?

DRONK /'drõkə/ - adj. < afr. dronk  
Bêbado  
O preto estava dronk.

DRUKKERY /drəkə'rei/ - s.m. < afr. drukkery  
Tipografia  
Conheço muito bem o dono do drukkery.

DRUNK /'drẽkə/ - adj. < ing. drunk  
Bêbado

Ele não estava drunk.

DRY CLEANER /drai'kline/ - s.m. < ing. dry cleaner

Lavandaria

O meu casaco já veio do dry cleaner.

EASY /'izi/ - adj. < ing. easy

Fácil

Isso é easy.

EXCHANGE /e'ʃeɪʒə/ - s.m. < ing. exchange

Câmbio

Podia-se informar a como está o exchange?

FINAL ACCOUNT /'faɪnəl'kaʊntə/ - s.m. < ing. final

account

A conta final

Vou-lhe apresentar o final account.

FINE /'faɪnə/ - s.m. e s.f. < ing. fine

Multa

Paguei um(a) fine há quinze dias.

FISH AND CHIPS /fɪʃə'ɛdə'ʃɪpəz/ - s.m. < ing. fish

and chips shop

Loja que vende filetes do peixe e batatas  
fritas

Ele está para o fish and chips.

FITTER AND TURNER /'fɪtə'ɛdə'tɜ:nə/ - s.m. < ing.

fitter and turner

Montador de máquinas e torneiro

Sou fitter and turner.

FLAT /'flætə/ - s.m. e s.f. < ing. flat

Andar

Onde é a sua flat?

FLICKER /'flikɐ/ - s.m. < ing. flicker

Pisca-pisca

Esse carro voltou sem pôr os flickers.

FOOT /'fʊtə/ - s.m. < ing. foot

Pé (medida)

Preciso de um pau com um foot de comprimento.

O plural de foot é /'fiteɪ/.

FOREMAN /'fɔməne/ - s.m. < ing. foreman

Capataz

O foreman não me deixa sair mais cedo.

FRAME /'freime/ - s.m. < ing. frame

Aro

Os frames já vieram?

FRIDGE /'friʒə/ - s.f. < ing. fridge, abreviatura  
de refrigerator

Frigorífico, geleira

Vai tirar à fridge.

FRUIT SHOP /frutə'ʃɒp/ - s.m. < ing. fruit shop

Frutaria

Vai depressa ao fruit shop!

GATE /'geɪtə/ - s.m. < ing. gate

Portão

Uma distância como daqui ao gate.

GEARBOX /giə'bɒks/ - s.f. < ing. gearbox

Caixa de velocidades

A gearbox ainda está boa.

GENERAL HOSPITAL /ʒənərəl ə'spɪtəl/ - s.m. < ing.

general hospi-  
tal

Banco do hospital

Fui vê-la ontem ao general hospital.

GIRLFRIEND /gɜ:lə'frɛndə/ - s.f. < ing. girlfriend

Namorada

Já tive uma girlfriend inglesa.

GLASS /'glasə/ - s.m. < ing. glass

Copo

Traz aí esse glass!

GOOD /'gudə/ - adj. < ing. good

Bom

Arranjar-lhe-ei um lawyer<sup>(9)</sup> que seja good.

---

(9) Ver lawyer.

GREEN /'grinə/ - adj. < ing. green

Verde

Esse melão ainda está muito green.

GREEN PEPPER /grinə'pɛpə/ - s.m. < ing. green pepper

Pimentos

Quantos green peppers quer?

GRENADILLA /grənə'dilɪ/ - s.f. < ing. grenadilla

Granadilha

Quero um sumo de grenadilla.

HAIRDRESSER /ɛ'drɛsɜ/ - s.m. < ing. hairdresser

Cabeleireiro

A minha tia tem um hairdresser.

HAMBURGER /ɛ'bergɜ/ - s.m. < ing. hamburger

Bife de carne picada

Coma um hamburger.

HOLIDAYS /ɒli'dɛɪf/ - s.f. pl. < ing. holidays

Férias

Em Dezembro fui de holidays.

HOSTEL /ɒʃ'tɛl/ - s.m. < ing. hostel

Residência universitária

Fui eu que pinte o hostel.

HOTDOG /ɒtə'dɒgə/ - s.m. < ing. hotdog

"Cachorro"



Aqui estão os dois hotdogs.

ICE-CREAM /aisə'krimə/ - s.m. < ing. ice-cream

Gelado

Elas comeram um ice-cream.

IMMIGRATION /imi'greɪʃən/ - s.f. < ing. Immigration

Department

Ministério da Imigration

Fui à Immigration, mas sem resultado.

INCOME TAX /ɪŋkɔ'tɛks/ - s.m. < ing. income tax

Imposto profissional, repartição de finanças

Ele já pagou o income tax.

Ainda não fui ao income tax.

INTERNAL /ɪtər'naɪ/ - adj. < ing. internal

Internal

Assim a casa fica com um jardim internal.

INVOICE /ɪ'voɪsə/ - s.f. < ing. invoice

Factura

Já lhe mandaram a invoice?

JA /ja/ - adv. < afr. ja

Sim

Ja!

JACKPOT /ʒɛkə'pɒtə/ - s.m. < ing. jackpot

Prémio máximo nas corridas de cavalos

O Manuel ganhou o jackpot.

JESUS /'esɐs/ - interj. de aborrecimento < afr.

Jesus

Porcaria!

Jesus!

JULY /ʒu'lai/ - s.m. < ing. July

Corrida de cavalos que se realiza em Julho

O senhor jogou no July?

KAFFER /'kafɐ/ - s.m. < afr. kaffer < árabe kāfir,  
possivelmente através do português  
ou doutra língua europeia

Preto, nativo

O malandro do kaffer roubou-me um saco de  
batatas.

KOMPOUND /kõ'põ/ - s.m. < afr. kompond < malaio  
kompong

Habitação para nativos que trabalham nas  
minas

Esse preto vive no kompond.

LAW /lɔ/ - s.f. < ing. law

Lei

Isso está escrito na law?

LAWYER /'lɔiɐ/ - s.m. < ing. lawyer

Advogado

Ele foi ontem ao lawyer.

LEG /'legə/ - s.m. < ing. leg

Fase do "jackpot"

Já tenho o segundo leg do jackpot.

LIFT /'liftə/ - s.m. < ing. lift

Ascensor

Meti-me no lift e fui até ao terceiro andar.

LORRY /'lɒrri/ - s.f. < ing. lorry

Camioneta

É aquela lorry muito grande.

MACHABA /mɐ'ʃɛbɐ/ - s.f. < línguas nativas de

Moçambique

Quinta

Eu trabalho numa machamba.

MAGISTRATE /mɛʒis'treɪtə/ - s.m. < ing. magistrate

Magistrado, juiz

O magistrate condenou-o a uma multa.

MAMPARRA<sup>1</sup>. /mẽ'parɾɐ/ - s.m. < bantu mamparra

Espécie de tijolo

Mande vir mais tijolo mamparra.

MAMPARRA<sup>2</sup>. /mẽparɾɐ/ - adj. < bantu mamparra

Estúpido

Tu és mamparra!

MANAGER /'mʃneɜ/ - s.m. < ing. manager

Gerente

Vou falar ao manager.

MANINGUE /mɐ'niŋə/ - adj. e adv. < línguas nativas  
de Moçambique

Muito

Ele tem maningues carros.

Isto custa maningue.

MEDICAL /mɛdi'kəl/ - s.m. < ing. medical aid

Caixa de previdência

O medical paga tudo.

MEETING /'mitiŋə/ e /mi'tiŋ / - s.m. < ing. meeting

Reunião

Tenho que ir a um meeting.

METER /'mitɐ/ - s.f. < ing. parking-meter

Contador de tempo em parques de automóveis

Ponha cinco cêntimos na meter.

MISSSES /'misiz/ - s.f. < ing. Misses

Senhora

Já falou com a Mrs Rodriguez.

MISTER /'miʃtɐ/ - s.m. < ing. Mister

Senhor

Falei ontem com o Mr Gouveia.

MOTORBIKE /mɔtə'baikə/ - s.f. < ing. motorbike

Motocicleta

Houve um desastre de motorbike.

NICE /'naɪsə/ - adj. < ing. nice

Bonito, elegante

É um fato muito nice.

NONSENSE /'nɒnsɛnsə/ - interj. < ing. nonsense

Disparate!

Nonsense!

NURSE /'nɜːsə/ - s.f. < ing. nurse

Enfermeira

A mulher dele é nurse.

O.K. /ɔ'keɪ/ - adv. < ing. O.K.

Bem

O.K.

OVERALL /ovə'rɔlə/ - s.m. < ing. overall

Fato-macaco

Vesti ontem este overall.

OVERDRAFT /ovə'draʔtə/ - s.m. < ing. overdraft

Autorização de sacar a descoberto

O manager concedeu-me um overdraft.

PAP /'papə/ - adj. < afr. pap

Mole, maduro demais

Este tomate está pap.

PARTNER /'partənə/ e /'patənə/ - s.m. < ing. partner  
Sócio  
Somos oito partners.

PARTY /'parti/ e /'pati/ - s.m. < ing. party  
Festa  
Fomos a um party.

PERMIT /pər'mitə/ - s.m. < ing. permit  
Licença, autorização  
Você tem um permit?

PINE /'painə/ - s.m. < ing. pine  
Pinho  
Isso é feito de pine.

PIPE /'paipə/ - s.m. < ing. pipe  
Cano, tubo  
Dá cá esse pipe.

PIPE FITTER /'paipə 'fite/ - s.m. < ing. pipe fitter  
Canalizador  
Também já trabalhei de pipe fitter.

PLASTER /'pləʃtə/ - s.f. < ing. plaster  
Argamassa das paredes  
A plaster ainda não está seca.

PLASTERER /'plɑstɾɐ/ - s.m. < ing. plasterer

Estucador

O primo dele é plasterer. (10)

PLUMBER /'plʌmɐ/ - s.m. < ing. plumber

Canalizador

Pode-me deixar telefonar ao plumber?

POLICE STATION /pə'lisə 'steɪʃən / - s.f. < ing. po-

lice station

Esquadra da polícia

Levaram-me à police station.

POOL /'pulə/ - s.f. < ing. typing-pool

Grupo de dactilógrafas

A minha filha trabalha na pool.

PRINTERS /'prɪntɜ/ - s.m. pl. < ing. printers

Tipografia

O meu tio trabalha nos printers.

- 
- (10) A forma também já aparece escrita plastra. Reproduzimos aqui parte de uma notícia aparecida no Século de Joanesburgo no dia 29 de Outubro de 1974, p. 5: "O operário português Mário Fernandes Leite da Costa, de 35 anos de idade, "plastra" de profissão, casado, pai de seis filhos todos menores, foi na passada sexta-feira vítima de brutal agressão por parte do seu patrão, após breve troca de palavras."

RADISH /rre'diʃə/ - s.m. < ing. radish

Rabanete

Hoje não temos radishes.

REPORT /'rreɔrte/ - s.m. < ing. report

Informação

Ele recebeu um report.

ROADHOUSE /rro'dauze/ - s.m. < ing. roadhouse

Restaurante à beira da estrada, onde se é  
servido dentro do automóvel

Vamos comer ao roadhouse.

ROBOT /rro'bɔtə/ - s.m. < ing. robot

Sinal de tráfego

Foi mesmo deste lado do robot.

ROOF /'rrufə/ - s.m. < ing. roof

Telhado

O roof mete água.

SCRAP /'skrɛpə/ - s.m. < ing. scrap

Sucata, ferro-velho

Isso é scrap!

SET /'sɛtə/ -s.m. < ing. set

Jogo, colecção

Eu gostaria de ter o set completo.

SHAME /'ʃeime/ - interj. < ing. shame!



Que pena!

Shame!

SHIFT /'ʃiftə/ - s.m. < ing. shift

Turno

Esta semana trabalho no shift da tarde.

SHOCKBAR /'ʃɔkbarə/ - s.m. < ing. shockbar

Pára-choques

Foi então que a motobike me veio bater no shockbar.

SHOP /'ʃɔpə/ - s.m. < ing. shop

Loja

Temos um shop na rua principal.

SHOPFITTERS /'ʃɔpə'fiteɪ/ - s.m. pl. < ing. shop-fitters

Montadores de equipamento para lojas

Somos os melhores shopfitters de Joanesburgo.

SHOPFRONT /'ʃɔpə'frɛntə/ - s.m. < ing. shopfront

Montra

Os homens do shopfronts ainda cá não vieram.

SHOW /ʃo/ - s.m. < ing. show

Espectáculo

Foi um bom show.

SISTER /'sɪstə/ - s.f. < ing. sister

Enfermeira

A sister disse-lhe que não se preocupasse.

SJAMBOK /ʃɛˈbəkə/ - s.m. < ing. sjambok < afr. sjambok < hol. sjambok < malaio chamboq

Cavalo-marinho

Ele bateu-lhe com um sjambok.

SOFT /ˈsɒftə/ - adj. < ing. soft

Maduro

Esta banana está soft demais.

SORRY /ˈsɒrri/ - interj. < ing. sorry

Desculpe!

Sorry!

SPEECH /ˈspitʃə/ - s.m. < ing. speech

Discurso

O seu speech foi muito aplaudido.

SPEED /ˈspidə/ - s.f. < ing. speed

Velocidade

Eu não vinha com muita speed.

SPEEDCOP /spidəˈkɒpə/ - s.m. < ing. speedcop

Polícia de trânsito

Foi então que veio o speedcop.

STAND /ˈstændə/ - s.m. < ing. stand

Terreno

Este é um bom stand.

STEAK /'stɛikə/ - s.m. < ing. steak

Bife

Como sempre um bom steak.

STICK /'stikə/ - s.m. < ing. stick

Pau

Eu peguei num stick e bati-lhe.

STOEP /'stupə/ - s.m. < afr. stoep

Varanda

Não quer sentar-se aqui no stoep?

STOP /'stopə/ - s.m. < ing. stop

Paragem

O senhor desce no próximo stop?

STOREROOM /stɔ'rɹumə/ - s.m. < ing. storeroom

Armazém

Temos mais batata no storeroom.

STRAIGHT /'streitə/ - loc. adv. < ing. straight

Em frente

O senhor segue sempre straight e depois volta à direita.

STRAW /'stro/ - s.f. < ing. straw

Palhinha

Desculpe, mas não temos mais straws.

STREET /'stritə/ - s.f. < ing. street

Rua

Esse building fica na Smit Street.

STROOITJIE /'stroiki/ - s.f. < afr. strooitjie

Palhinha

Não quer strooitjies?

SURE /'ʃuə/ - adv. < ing. sure

Com certeza

Sure!

SWEET /'switə/ - s.m. < ing. sweet

Rebuçado

Não gosto desses sweets.

TEAM /'timə/ - s.m. < ing. team

Equipa

O melhor team ganha sempre.

TEAROOM /ti'rrumə/ - s.m. < ing. tearoom

Café, leitaria, loja de géneros alimentícios

Vende-se equipamento para tearoom.

TELEPHONE NUMBER /tələ'fəne 'nẽbɐ/ - s.m. < ing.

telephone number

Número de telefone

Dê-me o seu telephone number.

TENDER /'tɛdɐ/ - s.f. < ing. tender  
Contracto-proposto  
Aceitei hoje uma tender de quinze mil rands.

TERUG /'trɛxɐ/ - prep. < afr. terug  
Para trás  
Vou mandá-lo terug (= vou devolvê-lo).

THIRD PARTY /'tɜrdə 'parti/ - s.m. < ing. third  
party insurance  
Seguro contra terceiros  
Já tirou o third party?

TILE /'tailɐ/ - s.m. < ing. tile  
Azulejo  
Os tiles já chegaram.

TIMBER /'tɪbɐ/ - s.m. < ing. timber  
Madeira  
A obra levou muito timber.

TIMETABLE /taimə'teɪblɐ/ - s.m. < ing. timetable  
Horário  
Veja no timetable dos combóios.

TRAVELLER /'trɛvɐlɐ/ - s.m. < ing. traveller  
Caixeiro-viajante  
Este mês o traveller ainda não veio.

TREKKER /'trɛkɐ/ - s.m. < afr. trekker

Tractor

Eu estava em cima da trekker.

TROUBLES /'trɛbləʃ/ - s. gén. indetermin. pl. < ing.  
troubles

Problemas

Eu não quero troubles.

TUIN /'tɛinə/ - s.m. < afr. tuin

Jardim

Eles estavam todos no tuin, quando eu cheguei.

TYRE /'taɪə/ - s.m. < ing. tyre

Pneu

Os tyres estão um pouco em baixo.

UPRIGHT /'ʊpə'raɪtə/ - s.m. < ing. upright

Barrote

Eu meti imediatamente os uprights.

VEGETABLES /vɛʒə'taɪbləʃ/ - s.m. < ing. vegetables

Hortaliça

Você leva os vegetables ou quer que os mande a casa?

VOETSEK /fute'sɛkə/ - interj. < afr. voetsek

Embora!

Voetsek.

WIG /'wɪɡə/ - s.m. < ing. wig

Cabeleira postiça

Fui hoje comprar um wig para a minha mulher.

## 1.2 Palavras disfarçadas

AGRIAMENTO /ɛgriɐ'mẽtu/ - s.m. < ing. agreement

Contracto

Foi ontem assinar o agriamento.

BASQUETE /baʃ'ketə/ - s.m. < ing. basket

Cesto

Traga o seu basquete para levar a fruta.

BEICARICE /bɛikɐ'risə/ - s.m. < ing. bakery

Padaria

Fica mesmo em frente do beicaríce.

BISNAS /'biʃnɛʃ/ - s.m. < ing. business

Negócio

Já tive um bisnas em Joanesburgo.

BISNEIRO /biʃ'nɛiru/ - adj. < ing. business + port.

-eiro

Bom negociante

Ele é muito bisneiro.

BRAIBAR /brai'bar/ - v.t. < ing. to bribe

Subornar

Já houve quem me quisesse braibar, mas eu não aceitei.

CHECAR /ʃɛ'kar/ - v.t. < ing. to check

Verificar

Foi checar o trabalho.

CHUTAR /ʃu'tar/ - v.t. < ing. to shoot

Matar com uma arma de fogo

Ele chutou uma lebre.

COMPLANTA /kõ'plẽtẽ/ - s.f. < ing. complaint

Queixa

Eu não quero aqui complantas.

CONCRETO /kõ'krɛtu/ - s.m. < ing. concreto

Betão

O concreto já está seco?

DAMA /'dẽmẽ/ - s.f. < ing. dam

Represa

Fica mesmo na estrada que vai para a dama.

DELICADEZAS (SHOP DE) /dɛlike'dezɛʃ/ - s.m. < ing.

delicatessen

shop

Charcutaria

Eles tem um shop de delicadezas.

DRAIVAR /drai'var/ - v.t. < ing. to drive

Guiar, conduzir

Ele draiva a lorry.



DRINCAR /drĩ'kar/ - v.t. < ing. to drink

Beber

Estivemos a drincar.

ESTADO /ʔʃ'tadu/ - s.m. < afr. stad

Cidade

Você vai ao estado?

ESTEITEMENTE /ʔʃtɛitə'mẽtu/ - s.m. < ing. statement

Declaração

O Joe foi à polícia fazer um esteitemente.

FANICHA /fe'niʃv/ - s.f. < ing. furniture

Mobília

Será que eles me vêm buscar a fanicha?

FARME /'farmə/ - s.m. e s.f. < ing. farm

Quinta

Ele tem um grande farme.

FARMEIRO /fer'meiru/ - s.m. < ing. farm + port.

-eiro

Agricultor

O tio dele é farmeiro.

FLAUTAR /flau'tar/ - v.t. < ing. to float

Alisar com a colher de trolha

Tivemos que flautar o concreto.

FLICAR /fli'kar/ - v.t. < ing. to flicker

Pôr o pisca-pisca  
Eu fliquei.

FORMA /'fɔrmɐ/ - s.f. < ing. form  
Impresso  
Vá pedir as formas na policia.

GROSSARIAS /grusɐ'riɐʃ/ - s.f. pl. < ing. groceries  
Gêneros alimentícios  
Se vendessem mais grossarias, ganhar-se-ia  
mais dinheiro.

HEAD OFÍCIO /'edə o'fisiu/ - s.m. < ing. head office  
A sede de uma companhia  
O head officio ainda não me mandou dizer nada.

IARDA /'jardɐ/ - s.f. < ing. yard  
Quintal  
Há muita madeira na iarda.

INCHA /'ĩʃɐ/ - s.f. < ing. inch  
Polegada  
Quantas inchas de espessura tem este board?

LISA /'lize/ - s.f. < ing. lease  
Contracto  
A lisa já terminou.

LUZES /'luzɐʃ/ - adj. pl. < ing. loose  
Avulso

Não vendemos luzes.

MACHINA /mɛ'ʃinə/ - s.f. < ing. machine

Máquina

A machina não queria trabalhar.

MACHINARIA /mɛʃinə'riɐ/ - s.f. < ing. machinery

Maquinaria

Essa fábrica tem muita machinaria.

MANAGEIRO /mɛnɐ'ʒeiru/ - s.m. < ing. manager

Gerente

O manageiro é inglês.

MARQUETE /mar'kɛtə/ - s.f. < ing. market

Mercado

Ele foi à marquete, mas não tarda aí.

NOTAS /'nɔtɛʃ/ - s.f. pl. < ing. notice

Notificação

Esta palavra é geralmente usada na expressão "dar notas" (< ing. to give notice = port. notificar da terminação de um contracto).

ORRAITE /ɔ'rraitɐ/ - adv. < ing. all right

Bem

Orraite.

PALMETA /pal'metɐ/ - s.f. < ing. pelmet

Galeria de cortinados

As palmetas são de madeira.

PAQUETO /pe'ketu/ - s.m. < ing. packet

Embrulho

Faca-me um pacote.

PARCAR /per'kar/ - v.t. < ing. to park

Arrumar o automóvel

Espera, que eu vou parcar o carro.

PINCHAR /pĩ'ʃar/ - v.t. < ing. to pinch

Roubar

Pincharam-lhe o relógio.

PLASTRAR /pleʃ'trar/ - v.t. < ing. to plaster

Estucar

Ele acabou agora mesmo de plastrar as paredes.

POST OFÍCIO /'poʃt o'fisiu/ - s.m. < ing. post  
office

Correio

No post officio não sabem de nada.

POPO /'popu/ - s.m. < ing. pawpaw

Papaia

Hoje não tenho popos bons.

RABICHO /rre'biʃu/ - s.m. < ing. rubbish

Lixo

Isso pode-se deitar no rabicho.

ROUPA /'rrope/ - s.f. < ing. rope

Corda

Traga cá a roupa!

SCRAPIARDA /'skrɛpə'jardɐ/ - s.f. < ing. scrap-yard

Sucata, loja de ferro-velho

A lorry foi para a scapiarda.

SILIM /si'li/ - s.m. < ing. ceiling

Tecto

Já meteu os silins?

SLIPA /'slipe/ - s.f. < ing. slip

Conta

Trazes a slipa?

SOMA /'some/ - loc. adv. < afr. sommer

A caminho

Trago-lhe soma os papéis.

SOMAS /'someʃ/ - s.m. pl. < ing. summons

Intimação

Espero que o lawyer lhe mande os somas imediatamente.

TIQUETA /ti'ketɐ/ - s.f. < ing. ticket

Bilhete

Já tem a tiqueta?

## 2. EMPRÉSTIMOS SEMÂNTICOS

### 2.1 Traduções literais

AJUDAR < ing. to help  
Servir, atender  
Posso ajudá-lo?

APLICAR BREIQUES < ing. to apply brakes  
Meter travões  
Eu apliquei breiques imediatamente.

COMEÇAR < ing. to start  
Pôr um carro a trabalhar  
Hoje não consigo começar o carro.

DAR NOTAS < ing. to give notice  
Notificar da terminação de um contracto.  
Já me deram notas para sair no fim do mês.

DAR UM CHECAPE < ing. to give a check up  
Verificar  
Vou dar-lhe um checape.

DAR PARA TRÁS < ing. to give back  
Restituir  
Eu dei-lhe para trás o dinheiro.

ESTAR ÁNDRADE PACENTE < ing. to be one hundred per  
cent

Estar em boa condição  
Isso está ándrade pacente?

ESTAR DE FORA < ing. to be off  
Estar de folga  
Os outros estão de fora.

FALAR COM ACENTO < ing. to speak with an accent  
Falar com sotaque  
O senhor já fala com acento.

FAZER UM BLÁFE < ing. to make a bluff  
Enganar com fanfarronadas (ao jogo)  
Ele fez um bláfe.

PEDIR PARA TRÁS < ing. to ask back  
Pedir a restituição  
Vou pedir que me dê o meu dinheiro para trás.

PÔR OS FLICAS < ing. to put on the flickers  
Fazer sinal com o pisca-pisca  
Esse carro voltou sem pôr os flicas.

RESPONDER PARA TRÁS < ing. to answer back  
Dar uma má resposta  
Este rapaz está-me sempre a responder para trás.

TER UM BOM TEMPO < ing. to have a good time  
Divertir-se

Tivemos um bom tempo.

TOMAR UM INTERESSE < ing. to take an interest

Estar interessado

Eu tomo um interesse em desportos.

## 2.2 Falsos amigos

ADVERTÊNCIA - s.f. < afr. advertensie

Anúncio

Vi hoje várias advertências.

APLICAÇÃO - s.f. < ing. application

Requerimento

Vou fazer a aplicação

APONTAMENTO - s.m. < ing. appointment

Consulta, entrevista

É preciso fazer apontamento.

BLOCO<sup>1.</sup> - s.m. < ing. block

Quarteirão

É no próximo bloco.

BLOCO<sup>2.</sup> - s.m. < ing. block

Prédio

Ele tem um bloco de flats.

CÂMARA - s.f. < ing. camera

Máquina fotográfica



Trouxeste a câmara?

CARAVANA - s.f. < ing. caravan

Roulotte

Metemo-nos na caravana.

CARTÕES - s.m. pl. < ing. cartons

Caixas de cartão

Tem leite em cartões?

CORTE - s.f. < ing. court

Tribunal

Ele foi à corte.

ENGAJAMENTO - s.m. < ing. engagement

Noivado

O engajamento está marcado para o dia 5 do  
mês que vem.

ENGENHO - s.m. < ing. engine

Motor

O engenho do seu carro está a trabalhar.

ESPECIFICAÇÃO - s.f. < ing. specification

Caderno de encargos

Vea o que diz a especificação.

FIXAR - v.t. < ing. to fix

Arranjar, conseguir

Vou fixar-lhe um trabalho.

INTERESSE - s.m. < ing. interest

Juros

O dinheiro está a ganhar bom interesse.

INTRODUZIR - v.t. < ing. to introduce

Apresentar

Posso introduzir-lhe o Mister Gouveia?

LANCHE - s.m. < ing. lunch

Almoco

Já são horas do lanche?

LIMÃO - s.m. < afr. lemoen

Laranja

Tem limões?

LIVRARIA - s.f. < ing. library

Biblioteca

O shop fica mesmo em frente da livraria.

MEDICINA - s.f. < ing. medicine

Medicamento

Ele está a tomar medicinas.

OFICIAL TRADUTOR - s.m. < ing. official translator

Tradutor oficial

Vou levar a certidão a um oficial tradutor.

OFÍCIO - s.m. < ing. office

Escritório

O Mister João está no officio.

PAPEL - s.m. < ing. paper

Jornal

Já comprou o papel hoje?

PÁTRIA - s.m. < it. patria<sup>(11)</sup>

Compatriota

Como está, pátria?

PENA - s.f. < ing. pen

Caneta

Empreste-me a sua pena.

PETRÓLEO - s.m. < ing. petrol

Gasolina

Eram quatro horas quando fui meter petróleo.

PRINCIPAL - s.m. < ing. principal

Reitor

Este senhor é o principal da escola.

REQUERIMENTOS - s.m. pl. < ing. requirements

Qualidades requeridas

Quais são os requerimentos para o lugar?

---

(11) Palazzi, F. Novissimo Dizionario delle lingua italiana. Milano, Casa Editrice Ceschi-  
na, 1957, 2<sup>a</sup> edição, sub voce patria.

REPORTAR - v.t. < ing. to report

Dar parte, comunicar

Ele foi reportar o caso à polícia.

TINA - s.f. < ing. tin

Lata

Dê-me uma tina de pêssegos.

### 3. NUMERAIS

Segundo Jespersen (ob. cit., p. 211), o empréstimo de numerais é um caso raro, mas, no entanto, encontra-se em diversas línguas. Diz Jespersen, dando os seguintes exemplos:

"It is rare for a language to take such words as numerals from another language; yet examples are found here and there - thus, in connexion with special games, etc. Until comparatively recently, dices and backgammon - players counted in England by means of the French words ace, dence, tray, cater, cinque, size and with the English game of lawn tennis the English way of counting (fifteen love, etc.) has been lately adopted in Russia and to some extent also in Denmark. In some parts of England Welsh numerals were until comparatively recently times used in the counting of sheep. Cattle-drivers in Jutland used to count from 20 to 90 in Low German learnt in Hamburg and Holstein, where they sold their cattle ... "

O português radicado na África do Sul usa normalmente

numerais portugueses para exprimir quantidade (ex. tenho três carros). Há, no entanto, dois casos em que se usam os numerais ingleses.

O primeiro caso é o da expressão de unidades monetárias sul-africanas. Frases como tem um five cents? ou Dei-lhe um five Rands ouvem-se muito frequentemente em vez dos respectivos correspondentes portugueses tem uma moeda de cinco cêntimos? ou Dei-lhe uma nota de cinco Rands. A razão para a preferência dos numerais ingleses parece estar no facto de que estes são mais sintéticos, permitindo assim uma economia de expressão.

O segundo caso é o dos números das portas. Em vez de dizerem Moro na rua Smit setenta nove, que seria a maneira correcta de formular um endereço em português, os nossos compatriotas formulam-no segundo a maneira inglesa: Moro no 79 Smit Street. Daqui resulta o numeral ser pronunciado em inglês: setenta e nove passa a ser seventy-nine.<sup>(12)</sup>

#### 4. APELIDOS

A dificuldade da pronúncia dos apelidos portugueses tem levado muitos imigrantes a anglicizá-los para facilitar a pronúncia dos estrangeiros. A lista se-

---

(12) Século de Joanesburgo de 29 de Outubro 1974, p. 19: "no 379 Commissioner Street".

guinte mostra na coluna da esquerda a forma portuguesa e na coluna da direita a forma anglicizada:

|            |           |
|------------|-----------|
| Almeida    | Almeda    |
| Câmara     | Camára    |
| (de) Sousa | De Suza   |
| Dias       | Diaz      |
| Ferreira   | Ferrera   |
| Gonçalves  | Gonzalves |
| Madeira    | Madera    |
| Mendonça   | Mendonza  |
| Pereira    | Perera    |
| Rodrigues  | Rodriguez |
| Silveira   | Silvera   |
| Vieira     | Viera     |

Muitas vezes também os nomes pessoais portugueses são substituídos por nomes ingleses. Assim Jorge passa a ser George, Luís torna-se Louis, João é John, José é traduzido por Joseph, ou simplesmente reduzido a Joe,<sup>(13)</sup> e António transforma-se em Tony.<sup>(14)</sup>

---

(13) O Século de Joanesburgo de 29 de Outubro 1974, p. 3: "Ocorreu no passado dia 21 mais um aniversário natalício do nosso estimado colaborador e amigo desta Casa, Joe Quintal ... "

(14) O Século de Joanesburgo de 29 de Outubro 1974, p. 19: "Votada a Direcção ficou assim composta ... 2<sup>o</sup> Secretário Tony Pestana".

## 5. ADAPTAÇÃO FONÉTICA DOS EMPRÉSTIMOS LEXICAIS

A pronúncia dos empréstimos lexicais feitos ao inglês é quase sempre influenciada pelos hábitos fonéticos dos imigrantes portugueses.<sup>(15)</sup> Se, por um lado, as palavras não-disfarçadas não estão completamente isentas dessa influência, por outro lado, são as palavras disfarçadas as que apresentam mais sinais de adaptação fonética. No entanto, como indicou Leo Pap no seu trabalho sobre o português falado nos Estados Unidos, a diferença entre as palavras disfarçadas e as não-disfarçadas é um conceito muito relativo. Diz ele:<sup>(16)</sup>

"Of course the same English word may be used by one immigrant speaker in an adapted form and by another relatively unchanged ..., for the difference between adapted and unadapted loanwords is indeed rather relative than absolute, being a matter of degree. Even though a borrowed word may not have undergone such definite transformation as would give it the appearance of a "genuine" Portuguese word, it still is subject to a wide range of "bad", i.e. foreign English pronunciations (as regards both articulation, accentuation, and intonation), being equivalent to some measure of phonetic adaptation to Portuguese ... "

---

(15) Capell, A. Studies in socio-linguistics. The Hague, Mouton, 1966, p. 73.

(16) Pap, L. ob. cit., pp. 101 - 102.

Uma das características mais gerais desta adaptação é a mudança de posição do acento tônico que, à maneira portuguesa, passa a recair sobre a penúltima sílaba: o rabicho (< rubbish), a fanicha (< furniture), o basquete (< basket). Outros dos aspectos mais importantes desta adaptação fonológica são os seguintes:

- a. o [i] breve não acentuado torna-se normalmente [e]: ing. ['bɑ:skit] > port. [baf'ketə], ing. ['mænɪdʒə] > port. ['mɛnezɐ];
- b. a vogal inglesa [æ] é reduzida a [ɐ]: ing. [flæt] > port. ['flɛtə], ing. [kæf] > port. ['kɛfə];
- c. as vogais inglesas [ʌ] e [ə] são normalmente confundidas e reduzidas a [ɐ]: ing. [bʌs] > port. [bɛs], ing. ['lʌntʃ] > port. ['lɛf], ing. ['mænɪdʒə] > port. ['mɛnezɐ]. Às vezes [ʌ] torna-se [ɔ]: ing. ['sʌmənz] > port. ['sɔmɛf];
- d. o ditongo [ou] passa a [au] (ing. [flout] > port. [flautar]) ou então é reduzido a [u] (ing. ['grʊsəriːz] > port. [grusɐ'riɛf];
- e. o som [n] seguido de consoante e precedido de vogal tende a nasalizar esta última: ing. ['lʌntʃ] > port. ['lɛfə], ing. [ɪntʃ] > port. ['iɲɐ];
- f. desinências normalmente grafadas -er, -ure, etc. são pronunciadas [ɐ]: ing. ['mɪstə] > port. ['miɲtɐ], ing. ['fə:nɪtʃə] > port. [fɐ'niɲɐ];
- g. o r silábico em fim de sílaba nem sempre é pronunciado: ing. ['pɑ:tənə] > port. ['patənɐ], ing. ['pɑ:ti] > port. ['pati];



- h. a consoante contínua fricativa [θ] é substituída pela consoante oclusiva dental surda [t]: ing. [θə:d] > port. ['tɛrdə];
- i. os sons [s] e [z] seguidos por outra consoante palatalizam-se: ing. ['bʌskɪt] > port. [bʌʃ'ketə], ing. ['biznis] > port. ['biʃnɛʃ];
- j. o s inglês que, em posição final, tem o valor de [z], no português dos imigrantes assume o valor de [ʃ]: ing. ['breɪkz] > port. ['brɛɪkəʃ], ing. ['prɪntəz] > port. ['prɪtɛʃ];
- l. o som [h] desaparece nos empréstimos feitos ao inglês, visto que ele não existe em português: ing. ['hɛədresə] > port. [ɛ'drɛsɐ], ing. ['hɒtdɒg] > port. [ɒtə'dɔgə];
- m. os grupos consonânticos [tʃ] e [dʒ] (grafados respectivamente ch e g, dg) são normalmente reduzidos a [ʃ] e [ʒ]: ing. [tʃɪpz] > port. [ʃɪpɐʃ], ing. [tʃɛk] > port. [ʃɛkə], ing. ['dʒækpɒt] > port. [ʒɛkə'pɒtə], ing. [dʒu:'lai] > port. [ʒu'lai].

## 6. ASPECTOS MORFOLÓGICOS DOS EMPRÉSTIMOS LEXICAIS

A maior parte dos empréstimos lexicais feitos ao inglês e ao africânico pertence à categoria gramatical dos substantivos. Isto parece-nos lógico, visto que no âmbito do contacto de culturas, e mais especificamente no do contacto de línguas, há novos objectos e conceitos com os quais o imigrante entra em contacto, e estes pertencem, como é de esperar,

à categoria dos substantivos. Por essa razão, afirma Otto Jespersen:<sup>(17)</sup>

"It is quite natural that there should be a much greater inclination everywhere to borrow "full" words (substantives, adjectives, notional verbs) than "empty" words (pronouns, prepositions, conjunctions, auxiliar verbs) to which class most of the "grammatical" words belong. But there is no hard-and-fast limit between the two classes."

Uma análise morfológica dos empréstimos feitos ao inglês e ao africânico deu os seguintes resultados:

|                     |     |
|---------------------|-----|
| Substantivos        | 209 |
| Adjectivos          | 15  |
| Verbos              | 12  |
| Interjeições        | 6   |
| Advérbios           | 5   |
| Locuções adverbiais | 2   |
| Preposições         | 1   |

Dos dados acima mencionados, podemos concluir que os substantivos constituem 83,4% de todos os empréstimos.

Os empréstimos a que Jespersen chama palavras gramaticais são raros. No entanto, não foi só o falar português sul-africano a pedir emprestadas ao inglês

---

(17) Jespersen, O. ob. cit., p. 211.

e ao africânico algumas palavras "gramaticais", como advérbios e preposições. A preposição latina per, por exemplo, é usada em inglês, alemão e dinamarquês, enquanto que a preposição francesa à é usada em alemão e dinamarquês.<sup>(18)</sup> Por outro lado, o africânico usa o advérbio baie que é derivado do malaio banjak.<sup>(19)</sup>

### 6.1 A questão do gênero dos substantivos

Quando se considera o gênero dos empréstimos lexicais feitos ao inglês, há que distinguir entre as palavras disfarçadas e as não-disfarçadas. No que diz respeito às palavras não-disfarçadas, podem estabelecer-se as seguintes regras:

- a. a maior parte das palavras inglesas não-disfarçadas no falar dos imigrantes pertence ao gênero masculino (o advocate, o bookkeeper, o building, o glass). Mesmo algumas palavras que em português assumiriam o gênero feminino, no falar dos imigrantes portugueses pertencem ao gênero masculino: o afternoon (a tarde), o beetroot (a beterraba), o report (a informação), o wig (a cabeleira postiça);
- b. muitos dos empréstimos assumem o gênero feminino por lhe ser esse o gênero natural: a girl-

---

(18) Ibidem, p. 211.

(19) Boshoff, S.P.E. en Nienaber, G.S., ob. cit., p. 149.

- friend (a namorada), a law (a lei), a misses (a senhora), a nurse (a enfermeira);
- c. alguns dos empréstimos têm os dois gêneros, sendo o gênero que lhes é atribuído dependente do indivíduo que fala ou da ocasião: o fine, a fine (a multa), o flat, a flat (o apartamento).

Quanto às palavras disfarçadas, os dados recolhidos permitem-nos estabelecer as seguintes regras:

- a. o gênero natural prevalece sempre ou quase sempre: o manageiro, o farmeiro, a maquinaria;
- b. a terminação -a atrai normalmente o gênero feminino: a palmeta, as notas, a roupa, a machina, a incha, a lista, a fanicha, a complanta, a dama. Há, no entanto, algumas exceções: bisnas e somas pertencem ao gênero masculino: o bisnas,<sup>(20)</sup> os somas;
- c. palavras que terminam em -ete e -eta são normalmente femininas: a marquete, a tiqueta. Neste caso, há também uma exceção: o basquete;
- d. palavras terminadas em -im são normalmente, como em português, masculinas: o silim;
- e. a desinência -aria atrai, como em português, o gênero feminino: as grossarias.

As exceções às regras são, sem dúvida nenhuma, o re-

---

(20) Será interessante notar que no falar dos imigrantes portugueses dos Estados Unidos, esta palavra é feminina. Pap, L. ob. cit., p. 103.

sultado de influências semânticas. Leo Pap sintetizou da seguinte maneira problema da escolha do gênero, indicando por ordem de importância os factores que determinam essa escolha:<sup>(21)</sup>

- "1. Natural gender always determines grammatical gender.
2. Where natural gender is not involved, the phonetic (and or functional) similarity of the final sound complex of the English word with a native Portuguese ending or the character of the final stem vowel determines the choice of the ending, and the latter in its turn determines the gender in analogy to the native Portuguese vocabulary.
3. Where neither of the above-mentioned factors are to be taken into account, the masculine gender is preferred (this is particularly evident in unadapted nouns).
4. The masculine tendency is nevertheless halted in a number of instances by semantic association with native Portuguese words of feminine gender."

Resta-nos notar que existe grande indecisão na escolha do gênero para os empréstimos feitos ao inglês. Isto resulta do facto que, como Leo Pap notou no caso dos Estados Unidos da América, a fase actual é uma fase transitória no contacto entre as

---

(21) Pap, L. ob. cit., p. 104.

diversas línguas, e uma fase que ainda não cristalizou.<sup>(22)</sup> O género das palavras depende, portanto, da pessoa que está a falar e da ocasião em que ela fala. A este respeito diz Leo Pap:<sup>(23)</sup>

" ... one must consider again that the portion of Portuguese immigrant vocabulary which is borrowed from English is relatively unstable and represents a transitional linguistic stage. Hence there is also some uncertainty and wavering as to the gender to be attributed to certain loan nouns, i.e. the usage may vary to some extent from speaker to speaker and from occasion to occasion."

## 6.2 O plural

O plural dos empréstimos feitos ao inglês (palavras disfarçadas e não-disfarçadas) segue a regra geral da formação do plural em português, isto é, acrescentando um -s ao singular: o jackpot → os "jackpotes", o fruit shop → os "fruit shoppes", a dama → "as damas". Palavras como o medical formam também o plural à maneira portuguesa, mudando o -al em -ais:

---

(22) O facto de que os filhos dos imigrantes são obrigados a aprender inglês e africânico e que a terceira geração de imigrantes portugueses já não sabe falar português (ver capítulo V) leva-nos a crer que esta fase linguística nunca cristalizará.

(23) Pap, L. ob. cit., p. 104.

o medical → os medicais.

### 6.3 Adjectivos

Este método de formação do plural também se aplica aos adjectivos: eu estou busy - nós estamos muito "busys". Os adjectivos terminados em -al formam também o plural em -ais: um jardim internal - uns jardins internos.

A posição dos adjectivos ingleses no falar dos imigrantes portugueses é a mesma do português, ou seja, depois do substantivo. No entanto, em alguns grupos constituídos por adjectivo e substantivo que foram tomados juntamente, o adjectivo precede o substantivo: general hospital, oficial tradutor. No Século de Joanesburgo de 29 de Outubro 1974, p. 6 lemos outro caso que resulta de um erro causado pela tradução à letra:

"Resultados dos 13 dos 22 semiautónomos cantões ... mostraram que todos refeitaram a proposta ... "

Embora exista em português a possibilidade de colocar certos adjectivos antes do substantivos, os adjectivos nos exemplos dados acima seriam colocados depois do substantivo.

### 6.4 Verbos

Os verbos ingleses presentes no falar dos imigrantes portugueses nunca são tomados na sua forma ori-

ginal, mas assumem sempre a desinência do infinito da primeira conjugação portuguesa (-ar): braibar (< to bribe), checar (< to check), chutar (< to shoot), draivar (< to drive), drincar (< to drink), flautar (< to float), flicar (< to flicker), parcar (< to park), pinchar (< to pinch), plastrar (< to plaster). Durante as investigações levadas a cabo pelo autor, não foi possível encontrar nenhum exemplo de um empréstimo verbal ao inglês que assumisse formas da segunda ou da terceira conjugações portuguesas.

Uma vez adaptado à primeira conjugação portuguesa, o verbo conjuga-se à maneira portuguesa. O verbo draivar (conduzir), por exemplo, seria conjugado da seguinte maneira:

#### INDICATIVO

##### Presente

draivo

draivas

draiva

draivamos

draivais

draivam

##### Imperfeito

draivava

draivavas

draivava

draivávamos

draiváveis

draivavam



Pretérito Perfeito

draivei  
draivaste  
draivou  
draivámos  
draivastes  
draivaram

Pretérito Indefinido

tenho draivado  
tens draivado  
tem draivado  
temos draivado  
tendes draivado  
têm draivado

Pretérito Mais-que-perfeito composto

tinha draivado  
tinhas draivado  
tinha draivado  
tínhamos draivado  
tínheis draivado  
tinham draivado

Futuro Imperfeito

draivarei  
draivarás  
draivará  
draivaremos  
draivareis  
draivarão

Futuro Perfeito

terei draivado  
terás draivado  
terá draivado  
teremos draivado  
tereis draivado  
terão draivado

IMPERATIVO

draiva  
draivai

CONDICIONAL

Presente

draivaria  
draivarias  
draivaria  
draivaríamos  
draivarfeis  
draivariam

Perfeito

teria draivado  
terias draivado  
teria draivado  
teríamos draivado  
terfeis draivado  
teriam draivado

CONJUNTIVO

Presente

draive  
draives  
draive  
draivemos  
draiveis  
draivem

Imperfeito

draivasse  
draivasses  
draivasse  
draivássemos  
draivásseis  
draivassem

Pretérito Perfeito

tenha draivado  
tenhas draivado  
tenha draivado  
tenhamos draivado  
tenhais draivado  
tenham draivado

Mais-que-perfeito

tivesse draivado  
tivesses draivado  
tivesse draivado  
tivéssemos draivado  
tivésseis draivado  
tivessem draivado

O autor deste trabalho nunca ouviu o pretérito-mais-que-perfeito simples usado na conversação diária,

razão pela qual este tempo não foi incluído nos tempos da conjugação.

Os verbos que em inglês são constituídos pela forma verbal e por uma preposição são constituídos em português pela forma verbal e por uma locução prepositiva: dar para trás (< to give back), pedir para trás (< to ask back), responder para trás (< to answer back). Outros verbos são acompanhados por uma locução adverbial: estar de fora (< to be off).

#### 6.5 Outras partículas

De vez em quando, outras partículas gramaticais inglesas ou africanas, como interjeições e advérbios, são ouvidas no falar dos imigrantes portugueses. Estas partículas, quando usadas, são sempre usadas na sua forma original: aikôna, sorry, ja, sure.

### 7. ASPECTOS SEMÂNTICOS DOS EMPRÉSTIMOS LEXICAIS

São várias as razões pelas quais uma língua faz empréstimos ao léxico doutra língua. Weinreich aponta três causas principais, todas elas aplicáveis ao falar português sul-africano: <sup>(24)</sup>

- a. a necessidade de designar novas coisas, pessoas e conceitos. O estudo dos empréstimos feitos por necessidade indica o que uma cultura apren-

---

(24) Weinreich, U. ob. cit., pp. 56 - 61.

de da outra;

- b. o pouco uso de certas palavras que faz com que elas estejam sujeitas ao fácil esquecimento e à subsequente substituição por outras da outra língua. A esta causa também se dá o nome de "pouca frequência de palavras" (low frequency of words);
- c. a necessidade de sinónimos para palavras afectivas que tendem a perder a sua força expressiva: bom, bonito, etc.

Além destas razões, há ainda outras de menor importância no caso do falar português sul-africano. A primeira é o prestígio da língua inglesa que leva alguns imigrantes a usarem palavras inglesas para conceitos de uso diário, onde a palavra portuguesa poderia ser usada. A segunda, a que Weinreich chama "oversight", consiste num mero engano da parte da pessoa que está a falar, devido ao facto de que esta se concentra mais sobre o conteúdo da sua mensagem do que sobre a forma.

Os empréstimos que os imigrantes portugueses fizeram ao inglês e ao africânico pertencem aos seguintes campos semânticos: administração e justiça, alimentação, comércio, construção e indústria, divertimentos e passatempos, habitação e objectos pessoais e caseiros, o homem, medidas, profissões, tempo, topografia, transporte.

### ADMINISTRAÇÃO E JUSTIÇA

As diferenças entre o sistema administrativo e judicial português e o sul-africano e o facto de que a maior parte dos imigrantes portugueses vem da província, onde não existem certas instituições, explicam as aquisições lexicais neste campo semântico. Declarações (esteitementes), impressos (formas) e instituições como a polícia judiciária (C.I.D.), o tribunal (corte) e o banco do hospital (general hospital) são pouco comuns nas aldeias portuguesas.

Pertencem a este campo semântico as seguintes palavras: C.I.D., corte, driver's licence, esteitemente, fine, forma, general hospital, Immigration, income tax, law, magistrate, medical, meter, permit, police station, post office, reportar, robot.

### ALIMENTAÇÃO

As palavras que pertencem a esta secção foram tomadas ao inglês não porque não existissem em português, mas à força de serem usadas nas frutarias portuguesas no contacto diário com sul-africanos. Muitas delas vieram mesmo a substituir as palavras portuguesas, enquanto que outras coexistem com elas. Algumas palavras são desconhecidas em português (ex. hamburger, popo).

Pertencem a este campo semântico as seguintes palavras: bean, beetroot, braaivleis, cartões, chewing-gum, chips, cold drink, drink, green pepper, grena-dilla, grossarias, hamburger, hotdog, ice-cream, lanche, limão, popo, radish, steak, tina, vegetables, sweet.

### COMÉRCIO

É no campo do comércio onde encontramos a maior parte dos empréstimos lexicais. Muitos destes empréstimos são termos e conceitos novos para os comerciantes portugueses, os quais procedem, na sua maior parte, de profissões ligadas à agricultura. Outros destes empréstimos correspondem a práticas comerciais que não se usam em Portugal (apontamento), enquanto que outros são usados no falar dos imigrantes portugueses simplesmente devido a grande frequência de uso diário (cash, fish and chips shop, fruit shop, etc.).

Incluimos nesta secção os seguintes empréstimos: advertência, agriamento, ajudar, aplicação, apontamento, beicarice, bisnas, bisneiro, business, book-keeper, board, braibar, cash, complanta, dar notas, shop de delicadezas, drukkery, dry cleaner, exchange, final account, fish and chips shop, fixar, fruit shop, head officio, interesse, invoice, lisa, marquete, meeting, notas, officio, overdraft, partner, paquete, pinchar, pool, printers, reporte, requerimentos,

roadhouse, scrap, scrapiarda, shop, shopfitters, shopfront, slipa, somas, speech, stock, storeroom, straw, strooitjie, tearoom, telephone number, tender, third party, tiqueta.

### CONSTRUÇÃO E INDÚSTRIA

A construção e a indústria têm a sua linguagem técnica que lhes é peculiar. Os empréstimos feitos pelos operários portugueses neste campo semântico não nos parecem resultar do contacto com novos instrumentos, ferramentas ou métodos, mas sim da contínua repetição das palavras sul-africanas que acabam por ficar no ouvido. Esta repetição leva ao esquecimento dos termos portugueses. Por outro lado, o uso da linguagem técnica inglesa parece reforçar a solidariedade entre os diversos grupos de operários portugueses.

As palavras que conseguimos recolher neste campo semântico pertencem principalmente aos officios de pedreiro e carpinteiro. No entanto, encontramos também empréstimos feitos nos officios de bata-chapas, mecânico, electricista, torneiro, canalizador e estucador: board, body, brick, cable, checar, checape, concreto, dar um checape, especificação, flautar, frame, gearbox, machina, machinaria, mam-parra, pine, pipe, plaster, plastrar, roupa, shift, tile, timber.

### DIVERTIMENTOS E PASSATEMPOS

Também neste campo semântico a origem rural do imigrante português levou-o pedir emprestados ao inglês termos que ele não conhecia. É esse o caso das corridas de cavalos, onde o falar português sul-africano foi buscar algumas palavras. A palavra holidays exprime um conceito desconhecido para o imigrante rural português e papel (jornal) era uma comodidade que poucos usavam na província.

Pertencem a este grupo os seguintes empréstimos: bioscope, chutar, holidays, jackpot, July, leg, livraria, papel, party, show, team.

### HABITAÇÃO, OBJECTOS PESSOAIS E CASEIROS

A passagem dos imigrantes portugueses das zonas rurais ao sistema urbano moderno que constitui o tipo de vida sul-africana trouxe consigo não só uma mudança sócio-económica, mas também uma transformação radical no padrão habitacional do imigrante português. Por outro lado, o melhoramento da sua situação económica e o aumento da sua capacidade de compra permitiu-lhe adquirir objectos a que não estava habituado em Portugal. Para designá-los, o imigrante português adoptou a palavra inglesa ou africana.

Recolhemos neste campo semântico os seguintes em-



préstimos: address, basquete, bicycle, bloco, building, câmara, caravana, fanicha, farme, flat, fridge, gate, glass, hostel, iarda, kompond, lift, machamba, medicina, overall, palmeta, pena, rabicho, roof, set, silim, sjambok, stand, stick, stoep, tuin, wig.

### O HOMEM

As palavras inglesas e africanicas que pertencem a este campo semântico foram tomadas, na sua maior parte, devido ao que Weinreich chama "oversight" (baby). Outros empréstimos nascem da necessidade de denominar novas situações (boys - serventes de pedreiro nativos ou operários nativos não-especializados). Outros ainda são palavras que ficam no ouvido do imigrante português, quando usadas, por exemplo, pelo seu patrão (brains, troubles). São estas que ele depois usa no seu português diário.

Neste campo semântico encontrámos os seguintes empréstimos: baby, boy, boyfriend, brains, drunk, drunk, engajamento, girlfriend, introduzir, kaffer, Mrs, Mr, pátria, troubles.

### MEDIDAS

O facto de que o sistema de medidas inglês difere do sistema métrico a que os imigrantes portugueses estão habituados levou-os a fazerem empréstimos ao in-

glês. Não é que a língua portuguesa não possua palavras para denominar essas medidas, mas como as mesmas são pouco usadas em Portugal, o imigrante desconhece-as.

São só três os empréstimos feitos neste campo semântico: foot e o seu plural feet (que no falar português adquiriu mais uma forma do plural fites) e incha.

### PROFISSÕES

No campo das profissões o falar dos imigrantes portugueses fez também alguns empréstimos. Em certos casos, foi a necessidade que a isso os obrigou (a diferença entre advocate e lawyer<sup>(25)</sup> e oficial tradutor que é uma profissão de que os imigrantes portugueses pouco uso fizeram em Portugal); noutros casos o conceito de, por exemplo, canalizador deixou de estar associado à palavra portuguesa canalizador para passar a estar associado a palavra inglesa plumber.

As seguintes palavras fazem parte do vocabulário

---

(25) A profissão de advogado está dividida em duas categorias: o lawyer que trabalha com o público e que pode defender nos tribunais inferiores e o advocate que defende no Supremo Tribunal de Justiça.

profissional: advocate, baas, boss, builder, caretaker, driver, farmeiro, fitter and turner, foreman, hairdresser, lawyer, manageiro, manager, nurse, oficial tradutor, pipe fitter, plasterer, plumber, principal, sister, speedcop, traveller.

### TEMPO

Neste campo semântico pouco encontrámos. Os dois empréstimos que reunimos parecem ter sido causados por "oversight": afternoon, Christmas.

### TOPOGRAFIA

São só três as palavras topográficas que ouvimos. Duas delas (dama, street) foram ouvidas várias vezes. A terceira (estado) só ouvimos uma vez.

### TRANSPORTE

Um campo semântico maior do que os dois anteriores é o do transporte. Parece-nos que esta quantidade de empréstimos se explica pelo facto de que a maior parte dos imigrantes, vinda das zonas rurais portuguesas, não estava habituada a ter o seu próprio transporte motorizado. A aquisição de automóveis e de motocicletas trouxe consigo a necessidade de uma nova terminologia.

Recolhemos neste campo os seguintes empréstimos:

aplicar breiques, bus, brakes, começar, engenho, draivar, flicker, flicar, lorry, motorbike, petróleo, pôr os flickers, shockbar, speed, stop, timetable, trekker, tyre.

#### 8. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O LÉXICO LUSO-AMERICANO E O LÉXICO LUSO-SUL-AFRICANO

Não há dúvida que, se compararmos o léxico do falar dos imigrantes portugueses nos Estados Unidos da América com o falar dos Portugueses estabelecidos na África do Sul, encontraremos muitas semelhanças. Muitas das palavras tomadas ao inglês dos Estados foram também tomadas ao inglês da África do Sul: (26)

- 
- (26) Sobre o léxico luso-americano consulte-se Pap, L. ob. cit., p. 87 e seguintes. Embora interessante, uma comparação exaustiva entre o léxico luso-americano e o léxico luso-sul-africano estaria completamente fora do âmbito deste trabalho e, assim, terá que ficar para um próximo estudo. Limitamo-nos, pois, a dar alguns exemplos.

À laia de curiosidade queremos mencionar também alguns empréstimos ao inglês e ao holandês que o português de Ceilão tem em comum com o luso-sul-africano: address, advocat(e), baby, Christmas, côrte, internal, July, machina, manêja, meeting.

aplicação, apontamento, boy, corte, dar para trás, delicadezas, engajamento, engenho, fanicha, grosserias, incha, introduzir, lanche, livraria, parcar, responder para trás, tiquete, troubles e muitas outras.

Esta semelhanças entre os empréstimos feitos nos dois países são certamente devidas às semelhanças culturais entre os Estados Unidos e a África do Sul. Contudo, nem todas as semelhanças culturais se materializaram no campo lingüístico. O falar português da África do Sul desconhece palavras como:

anatêca (< ing. undertaker), birra (< ing. beer), cana (< ing. can), chumêca (< ing. shoemaker), fri-sar (< ing. freeze), humoroso (< ing. humorous), inconciencioso (< ing. unconscious), manêja (< ing. manager), mecha (< ing. match), pampo (< ing. pump), pêlo (< ing. pail), piça (< ing. picture), pipó (< ing. pipe), salvar (< ing. to save money), sangue alto (< ing. high blood pressure), traque (< ing. truck), etc.

Outras semelhanças culturais entre os Estados Unidos e a África do Sul materializaram nos dois falares dos imigrantes portugueses, mas de maneiras diferentes: bisnas (< ing. business) é no falar dos imigrantes portugueses dos Estados Unidos um substantivo feminino, enquanto que na África do Sul é um substantivo masculino; Christmas é nos Estados Unidos um substantivo feminino do plural, enquanto que

na África do Sul é um substantivo masculino do singular; soma (< ing. summons) é no luso-americano um substantivo feminino do singular, enquanto que no luso-sul-africano lhe é atribuído o masculino do plural.<sup>(27)</sup>

Outros empréstimos revestem-se de formas diferentes na América e na África do Sul. Damos a seguir alguns exemplos de empréstimos feitos ao mesmo étimo inglês, cujas formas diferem nos dois falares (as formas entre parênteses pertencem ao falar luso-sul-africano): acucrinho (ice-cream), alverozes (over-all), chapo (shop), norsa (nurse), ofas (officio), raivar (draivar).

As diferenças entre os dois léxicos correspondem naturalmente a diferenças culturais. As seguintes palavras e expressões são típicas do luso-americano e resultantes do ambiente cultural americano: o Calafona (o californiano), o charefe (< ing. sheriff), escola gramatical (< ing. grammar school), fódejulai (< ing. fourth of July), rancho (< ing. ranch), tribunal probate (< ing. probate court). Por outro lado, o luso-americano desconhece todos os empréstimos feitos pelo luso-sul-africano à língua africana e às línguas africanas. Dos empréstimos feitos pelo luso-sul-africano ao inglês só um nos pa-

---

(27) Convém recordar que a questão do género depende muitas vezes do indivíduo.

rece corresponder a um aspecto cultural desconhecido na América: fish and chips (< ing. fish and chips shop).

Do que acima ficou dito, podemos concluir que, com algumas exceções, os imigrantes portugueses dos Estados Unidos da América e os da África do Sul compreender-se-iam razoavelmente. Estes falares seriam, porém, incompreensíveis para um português que nunca tivesse emigrado ou para um outro que tivesse emigrado para um país onde o inglês não fosse falado.

## CONCLUSÃO

Durante o período dos Descobrimentos os Portugueses fizeram visitas esporádicas à costa sul-africana. Porém, nenhuns deles se estabeleceram neste país.

Os Holandeses, que se fixaram na Colónia do Cabo em 1652, importaram para esta colónia escravos de língua portuguesa. O falar destes escravos foi responsável pela introdução no holandês do Cabo de certos elementos lexicais e estruturas gramaticais e pelo reforço de outros que já existiam no holandês colonial falado em outras partes do globo.

Durante o século XIX chegaram ao Tranval os primeiros imigrantes portugueses. Muitos deles, comerciantes por profissão, contribuíram para o desenvolvimento da nação bóer. Mais tarde, durante a segunda guerra anglo-bóer, alguns Portugueses auxiliaram os Bóeres na sua luta contra os Ingleses.

As grandes ondas de imigração portuguesa para a África do Sul começaram no princípio do século XX. Actualmente a comunidade portuguesa é uma das maiores comunidades estrangeiras neste país.

O falar da primeira geração de imigrantes que fazem parte desta comunidade difere em muitos aspectos do português da Metrópole. Estas diferenças, que são devidas ao inglês e ao africânico, são principal-



mente de carácter lexical e semântico, visto que o multilinguismo desses indivíduos, por razões de ordem económica, social e cultural, é ainda incipiente. A maioria dos empréstimos é feita ao inglês e adaptada ao sistema fonológico português. Certos deles já contaminaram o falar de indivíduos unilingues. Por outro lado, o português falado na África do Sul tem a tendência a perder as suas características regionais ou dialectais, tão típicas do português metropolitano.

A interferência linguística verificada no falar da comunidade portuguesa da África do Sul é um dos aspectos da aculturação ao novo meio. Se esse processo seguir o seu curso normal e se a imigração portuguesa para este país parar, o autor não tem dúvida nenhuma que a actual comunidade portuguesa será absorvida pelo povo sul-africano e que, com o tempo, a língua portuguesa desaparecerá por completo. De uma maneira geral, a terceira geração de imigrantes portugueses na África do Sul já não sabe falar português.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA E COSTA, J. e SAMPAIO E MELO, A. Dicionário de Português. Porto, Porto Editora, s.d.
- AXELSON, E. Portuguese in South-East Africa: 1488 - 1600. Johannesburg, Witwatersrand University Press, 1973.
- AXELSON, E. Portuguese in South-East Africa: 1600 - 1700. Johannesburg, Witwatersrand University Press, 1960.
- AXELSON, E. South-East Africa: 1488 - 1530. London, Longmans, 1940.
- BELARDI, W. e MINISSI, N. Dizionario di fonologia. Roma, Edizioni dell'Ateneo, 1962.
- BLOMMAERT, W. "Het invoeren van den slavernij aan de Kaap". Argief-Jaarboek vir Suid-Afrikaanse Geskiedenis, jrg. 1, d. 1.
- BOILEAU, A. "Le problème du Bilinguisme et la Théorie des Substrats" in Revue des langues vivantes, 12, pp. 113 - 125, 169 - 193, 213 - 224, 1946.
- BOSHOF, S.P.E. en NIENABER, G.S. Afrikaanse Etimologie. Pretoria, S.A.Akademie, 1967.
- BOSMAN, D.B. Afrikaans en Maleis-Portugees. Groningen, Noordhoff, 1916.
- BOSMAN, D.B., VAN DER MERWE, I.W. & HIEMSTRA, L.W. Tweetalige Woordeboek. Kaapstad, Nasionale Boekhandel, 1967.
- BOTHA, C.G. The French Refugees at the Cape. Cape Town, C. Struik, 1970.

- BOTHA, S.C.J. Enkele faktore wat die inskakelingsvatbaarheid van 'n groep Portugese immigrante aan die Witwatersrand bepaal. M.A. verhandeling, P.U. vir C.H.O., Potchefstroom, 1971.
- BOXER, C.R. Four centuries of Portuguese expansion: 1415 - 1825. Johannesburg, Witwatersrand University Press, 1965.
- BOXER, C.R. Race Relations in Portuguese Colonial Empire: 1415 - 1825. Oxford, Clarendon Press, 1963.
- BOXER, C.R. The Dutch Seaborne Empire. London, Hutchinson, 1965.
- BOXER, C.R. The Portuguese Seaborne Empire: 1415 - 1825. London, Hutchinson, 1969.
- BRÜDT, K. "Madeira: estudo linguístico-etnográfico", in Boletim de Filologia (Centro de Estudos Filológicos, Lisboa), V (1938), pp. 59 - 91 e 289 - 349.
- BUITENGEWONE Staatskoerant van de Unie van Zuid-Afrika; 13 April 1913, vol. XII. No. 30, pp. ii - xiii.
- BUITENGEWONE Staatskoerant van die Unie van Suid-Afrika; 30 Januarie 1937, vol. CVII, No. 2409, pp. i - xi.
- BUITENGEWONE Staatskoerant van die Unie van Suid-Afrika; 6 Januarie 1939, vol. CVX, No. 2596, pp. ii en volgende.
- CAMÕES, L. VAZ de Os Lusíadas. Porto, Livraria Civilização, 1938.

- CAPELL, A. Studies in Socio-linguistics. The Hague, Mouton, 1966.
- COHEN, M. Pour une Sociologie du langage. Paris, Éditions Albin Michel, 1956.
- COLENBRANDER, H.T. De Afkomst der Boeren. Kaapstad, Struik, 1964.
- DALGADO, S.R. Dialecto Indo-Português do Ceilão. Lisboa, Imprensa Nacional, 1900.
- D'ANS, M.-A. Le créole français d'Haiti. The Hague, Mouton, 1968.
- DAVIE, M.R. World Immigration. New York, MacMillan Co., 1949, 5th edition.
- DE KIEWIET, C.W. A history of South Africa - social and economic. London, Oxford University Press, 1941.
- DE KOCK, W.J. Portugese Ontdekkers om die Kaap. Kaapstad, A.A. Balkema, 1957.
- DE VAAL, J.B. "Die rol van João Albasini in die geskiedenis van die Transvaal". Argief-Jaarboek vir Suid-Afrikaanse Geskiedenis, jrg. 1, d. 1.
- DE VRIES, J. Nederlandse Etymologisch Woordenboek. Leiden, Brill, 1971.
- DIEBOLD, A.R. "Incipient Bilingualism" in Language in Culture and Society. New York, Harper & Row, 1964.
- DU TOIT, P.J. Afrikaansche Studies. Gent, Siffer, 1905.
- ELCOCK, W.D. The Romance Languages. London, Faber & Faber, 1960.

- FAIRCHILD, H.P. Dictionary of Sociology. New York, Philosophical Library, 1944.
- FERRAZ, L. The Pronunciation of Portuguese by English speakers. B.A. Honours Dissertation, University of the Witwatersrand, Johannesburg, 1969.
- FISHMAN, J.A. Language loyalty in the United States. The Hague, Mouton, 1966.
- FRANKEN, J.L.M. Taalhistoriese Bydraes. Kaapstad, Balkema, 1953.
- GEEN, M.S. e WARNER, R.A. South African heritage - from Ancient Egypt to 1795. Cape Town, Maskew Miller, s.d.
- GHOSH, S.K. Man, language and Society. The Hague, Mouton, 1972.
- GOODMAN, M.F. A comparative study of French Creole dialects. The Hague, Mouton, 1964.
- HAASBROEK, D.J.P. Die Geskiedenis van Potchefsroom: 1838 - 1881. M.A. verhandeling, P.U. vir C.H.O., Potchefstroom, 1955.
- HALL jr., R.A. Pidgin and Creole Languages. New York, Cornell University Press, 1966.
- HANCOCK, I.F. "The Malacca Creoles and their language", in Afrasian, 3, London, páginas não numeradas.
- HERCULANO DE CARVALHO, J.G. "Sobre a natureza e gênese dos crioulos", in Estudos Linguísticos. Coimbra, Atlântida, s.d.

- HESSELING, D.C. Het Afrikaans - bidrage tot de geschiedenis der Nederlandse Taal in Zuid-Afrika. Leiden Brill, 1923.
- HOIJER, H. "Linguistic and Cultural Change", in Language in Culture and Society. New York, Harper & Row, 1964.
- HOUWENS POST, H. "De Lusitanismen in de Itinerario van Jan Huygen van Linschoten (1563 - 1611)". De Nieuwe Taalgids, LV (1962 - pp. 161 - 171 e 327 - 334) e LVI (1963 - pp. 108 - 113 e 169 - 172).
- ISAAC, J. Economics of Migration. London, Hunt, Barnard & Co., 1947.
- JESPERSEN, O. Language: its nature and development. London, George Allen & Unwin, 1922.
- KELLER, A.G. Colonization. Boston, Ginn & Co., 1908.
- KEMPEN, W. Woordvorming en Funksiewisseling in Afrikaans. Kaapstad, Nasionale Boekhandel, 1962.
- KRÜGER, D.W. "Die weg na die see", in Argief Jaarboek vir Suid-Afrikaanse Geskiedenis, jrg. 1, d. 1.
- LEAL, L.A. DE V. Analogias entre o português e o afrikaans, com especial referência ao crioulo português. B.A. Honours Dissertation, University of the Witwatersrand, Johannesburg, 1970.
- LEAL, L.A. DE V. A student's guide to Portuguese History. Potchefstroom, Pro Rege, 1973.

- LEITE DE VASCONCELOS, J. Esquisse d'une dialectologie portugaise. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1970, 2<sup>a</sup> edição.
- LEWIS, M.B. Teach Yourself Malay. London, English Universities Press, 1947.
- LOKOTSCH, K. Etymologische Wörterbuch der Europäischen (germanischen, romanischen und slavischen) Wörter Orientalischen Ursprungs. Heidelberg, C. Winter, 1927.
- LOPES, D. A expansão da língua portuguesa nos séculos XVI, XVII e XVIII. Porto, Portucalense Editora, 1969, 2<sup>a</sup> edição.
- LORENZO, R. Sobre a cronologia do vocabulário Galego-Português (Anotações ao "Dicionário Etimológico" de José Pedro Machado). Vigo, Editorial Galáxia, 1968.
- MACHADO, J.P. Dicionário da língua portuguesa. Lisboa, Sociedade de Língua Portuguesa, 1958 -
- MACHADO, J.P. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Lisboa, Confluência, 1956, 2 vols.
- MACKEY, W.F. "The description of bilingualism" in Readings in the Sociology of Language. The Hague, Mouton, 1970, pp. 554 - 584.
- MALMBERG, B. Phonetics. New York, Dover Publications, 1963.
- MANSVELT, N. Prove van een Kaapsch-Hollandsch Idioticon. Kaapstad, 1884.
- MARQUARD, L. The peoples and policies of South Africa. London, Oxford University Press, 1962.

- MARTINS, R. História das Colônias Portuguesas.  
Lisboa, 1933.
- MORAIS-BARBOSA, J. "A língua portuguesa de Macau".  
Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais  
e Política Ultramarina, 1966 - 1967.
- MORAIS-BARBOSA, J. A língua portuguesa no mundo.  
Lisboa, Agência-Geral do Ultramar, 1966.
- MORAIS-BARBOSA, J. Estudos linguísticos - Crioulos.  
Lisboa, 1967.
- MOARIS-BARBOSA, J. Études de phonologie portugaise.  
Lisboa, Junta de investigação do Ultramar, 1965.
- McIVER, R.M. e PAGE, C.H. Society: an introductory  
analysis. London, MacMillan & Co., 1962.
- NASCENTES, A. Dicionário etimológico da Língua Por-  
tuguesa. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica,  
1952, 2 vols.
- ONIONS, C.T. The Oxford Dictionary of English Ety-  
mology. Oxford, Clarendon Press, 1966.
- PALAZZI, F. Novissimo Dizionario della Lingua Ita-  
liana. Milano, Casa Editrice Ceschina, 1957,  
2 edizione.
- PAP, L. Portuguese-American Speech. New York, King's  
Crown Press, 1949.
- PATTEE, R. África do Sul, vizinha de Portugal. Lis-  
boa, Junta de Investigações do Ultramar, 1971.
- PRELLER, G.S. Voortrekker mense. Kaapstad, De Natio-  
nale Pers, 1920.
- REGISTO da Cruz Vermelha, macos 82 e 84, no Arquivo  
Nacional Sul-Africano, Pretória.



- RIVERS, W.M. The psychologist and the foreign language teacher. Chicago, The University of Chicago Press, 1964.
- SAMARIN, W.J. "Lingua Francas of the World", in Readings in the Sociology of Language. The Hague, Mouton, 1970.
- SANCEAU, E. A viagem de Vasco da Gama. Porto, Livraria Civilização, 1958.
- SARAIVA, A.J. e LOPES, O. História da Literatura Portuguesa. Porto, Porto Editora, s.d.
- SCHUCHARDT, H. "Beiträge zur Kenntis des Kreolischen Romanisch, (V), "Algemeineres über das Indo-portugiesische (Asiopotugiesische), Zeitschrift für romanische Philologie, 13, (1889).
- SCHUCHARDT, H. "Ueber das Malaiopotugiesische von Batavia und Tugu", Kreolische Studien, IX. Wien, Gerold's Sohn. Reproduzido de Sitzungsberichte der Phil-hist. classe der K. Akademie der Wissenschaften in Wien. 1882 - 1891.
- SÉCULO de Joanesburgo, 29 de Outubro de 1974.
- SELIGMANN, E.R.A. Encyclopaedia of the Social Sciences. London, MacMillan Co., 1958, vol. VII.
- SILVA REGO, A. DA Portuguese Colonization in the Sixteen Century: A study of the Royal Ordinances (Regimentos). Johannesburg, Witwatersrand University Press, 1965.
- SMITH, J.J. Theories about the origin of Afrikaans. Johannesburg, Witwatersrand University Press, 1952.

- SMUTS, J. "Die geboorte van 'n nuwe taal", in Taal en Teken. Kaapstad, Academica, 1968.
- SOMMERFELT, A. Diachronic and Synchronic aspects of language. S'Gravenhage, Mouton, 1962.
- SOUTH AFRICAN Statistics. Pretória, Departamento de Estatísticas, 1970.
- STAATSKOERANT van die Unie van Suid-Afrika; 18 Maart 1930, vol. LXXIX, No. 1857, pp. 701 - 703.
- STEINHARDT, I. "Influências do Português na linguagem coloquial dos Judeus de Amesterdão". Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa, Julho de 1969, pp. 231 - 233.
- TAYLOR, D. "The origin of West Indian Creole Languages: Evidence from grammatical categories". American Anthropologist. August, 1963, pp. 800 - 814.
- THEAL, G. McCALL History and Ethnography of Africa South of the Zambezi. London, Sonnenschein & Co., 1910, 3 vols.
- THE PRINCIPLES of the International Phonetic Association. London, International Phonetic Association, 1949.
- ULLMANN, S. The principles of Semantics. Oxford, Basil Blackwell, 1951.
- VALKHOFF, M.F. "Katolieke en Portugees aan die Kaap in 1685". Smal, Swaard en Blink. Bundel aangebied aan N.P. van Wyk Louw by geleentheid van sy sestigste verjaardag, 11 Junie, 1966. Kaapstad, Academica, 1966.

- VALKHOFF, M.F. New Light on Afrikaans and "Malayo-Portuguese". Louvain, Éditions Peeters, 1972.
- VALKHOFF, M.F. Studies in Portuguese and Creole with special reference to South Africa. Johannesburg, Witwatersrand University Press, 1966.
- VAN GINNEKEN, J. Handboek der Nederlandsche Taal. Nijmegen, L.C.G. Malmberg, 1913.
- VAN RENSBURG, H.C.J. n Sosiologies-vergelykende ondersoek van die aanpassing van Britse en Portugese immigrante in Bloemfontein. M.A. verhandelung, U.O.V.S., Bloemfontein, 1968.
- VAN STADEN, R.P. Immigrasie na die Republiek van Suid-Afrika vergeleke met die van Kanada en Australië oor die tydperk 1925 - 1961. Tese de M.A. (Sociologia), Universidade de Pretória, 1964.
- VAN WIJK, N. Franck's Etymologisch Woordenboek der Nederlandsche Taal. S'Gravenhage, Nijhoff, 1912, 2e druk.
- VASCONCELOS, A. História de Portugal pela imagem. Porto, Alves e Vasconcelos, s.d.
- VERSLAG van die Departement van Immigrasie vir die tydperk 1 April 1961 tot 30 Junie 1968.
- VERSLAG van die Departement van Immigrasie vir die tydperk 1 Julie 1968 tot 30 Junie 1970.
- WEINREICH, U. Languages in contact. The Hague, Mouton, 1968.
- WILLCOX, W.F. International Migrations - Statistics. London, Gordon & Breach Science Publishers, 1969, vol. I.

WILSON, W.A.A. The crioulo of Guiné. Johannesburg,  
Witwatersrand University Press, 1962.

WOOD, V.C. "Ons en Portugal". Lantern, 1965.

WOORDENBOEK der Nederlandsche Taal, I - XXI, 1882-  
suplementos desde 1942. S'Gravenhage, Nijhoff.

## SUMMARY

During the Discoveries period the Portuguese made sporadic visits to the South African coast. Nevertheless, they did not settle in this country.

The Dutch, who settled at the Cape in 1652, imported many Portuguese-speaking slaves to their colony. Their speech was responsible for the introduction in Cape Dutch of certain lexical and grammatical elements and for the reinforcement of others which existed already in the colonial Dutch spoken elsewhere.

During the 19th century the first Portuguese immigrants arrived in the Transvaal. Many of them were businessmen who contributed to the development of the Afrikaner nation. Later, during the second Boer War, some Portuguese helped the Afrikaners in their fight against the British.

The first big waves of Portuguese immigration to South Africa started at the beginning of this century. Today the Portuguese community is one of the largest foreign communities in this country.

The speech of the first generation Portuguese immigrants differs greatly from that of Portugal. These differences, which are caused by the influence of English and Afrikaans on it, are to be found mainly in the fields of vocabulary and semantics, since the

multilingualism of the immigrants, due to economic, social and cultural factors, is still incipient. The majority of borrowed elements are from English and they are adapted to the Portuguese phonological system. Many of these loanwords are already being used by unilingual immigrants. On the other hand, South African-Portuguese speech has a tendency to lose its dialectal traits.

The linguistic interference found in the speech of the Portuguese community in South Africa is an aspect of acculturation. If this process follows its normal course and if no more Portuguese immigrate to South Africa, the author will have no doubt in believing that that the Portuguese community will be absorbed by South African society and that the Portuguese language will thus disappear. Generally speaking, the third generation Portuguese immigrants do no longer speak Portuguese.